

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

Daniel Couto Vale

DESENVOLVIMENTO E APLICAÇÃO DO LITTERAE:
um sistema para marcação, etiquetação, estatística e busca
de unidades textuais e processuais

Belo Horizonte
2009

Daniel Couto Vale

DESENVOLVIMENTO E APLICAÇÃO DO LITTERAE:
um sistema para marcação, etiquetagem, estatística e busca
de unidades textuais e processuais

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada.

Área de concentração: Linguística Aplicada

Linha de Pesquisa: Estudos da Tradução

Orientação: Prof. Dr. Fabio Alves

Belo Horizonte/MG
2009

Daniel Couto Vale

DESENVOLVIMENTO E APLICAÇÃO DO LITTERAE:
um sistema para marcação, etiquetação, estatística e busca
de unidades textuais e processuais

Dissertação aprovada como requisito
parcial para obtenção do grau de Mestre em
Linguística Aplicada pelo Programa de
Pós-Graduação em Linguística da
Universidade Federal de Minas Gerais.

Aprovada em:

Prof. Dr. Fabio Alves – UFMG

Profª. Dra. Adriana S. Pagano – UFMG

Profª. Dra. Silvana Maria de Jesus – UFMG

RESUMO

Esta dissertação, desenvolvida no âmbito do projeto SEGTRAD (Segmentação Cognitiva e Sistemas de Memória de Tradução) e vinculada ao LETRA (Laboratório Experimental de Tradução) da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, propõe um novo método de anotação de registros de teclado (*keylog*) gravados pelo Translog® com a ferramenta *Litterae*. Usando os registros do SEGTRAD analisados por Renata R. Rodrigues (2009) de 12 tradutores profissionais nos pares linguísticos alemão-português e inglês-português e aplicando o conceito de unidade de tradução de Carl (2009) expandido por Alves e Vale (2009), executou-se uma pesquisa de corpus em que se demonstrou como o novo método de anotação auxilia a identificar padrões distintos na segmentação por estrato linguístico (HALLIDAY, 2004), por ordem de ocorrência, por par linguístico e por fase de tradução (JAKOBSEN, 2002; 2003; ALVES, 2003; 2005). Observou-se que a dactilografia e a semântica são estratos cujos padrões dependem dos tradutores e a lexicogramática é um estrato cujos padrões dependem do par linguístico. Na lexicogramática, o par inglês-português apresentou relativamente mais revisões no polo léxico enquanto o par alemão-português apresentou relativamente mais revisões no polo gramático. Quanto à ordem de ocorrência, as revisões seguiram três padrões muito bem delimitados: reduzir equivalentes no TA durante a fase de redação, substituir segmentos repetidamente no TA durante a fase de revisão e diminuir o número de vocábulos e de estruturas do TA durante a fase de revisão.

Foi demonstrado que as categorias de estrato e seus subtipos desenvolvidas para esta pesquisa são adequadas para identificar padrões no processo e no produto tradutório. As consequências práticas do uso da ferramenta *Litterae* consistem na redução do tempo de análise e no conseqüente aumento da capacidade de pesquisa dos laboratórios. A consequência teórica do uso dessa ferramenta consiste na possibilidade de se fazer análises do produto durante processo de tradução. Esse tipo de análise nos permite interpretar a recursividade da tradução enquanto revisão textual e, assim, entender como essas revisões afetam o produto da tradução. Com a metodologia desta pesquisa, conseguimos representar uma macro-UT, que é uma unidade do processo tradutório, como uma série de produtos (versões intermediárias e final), criando, assim, um elo forte entre os estudos do processo e os estudos do produto.

ABSTRACT

This thesis, which was developed within the scope of SEGTRAD Project (Cognitive Segmentation in Translation with and without the aid of Translation Memory Systems) and is related to other researches carried out at LETRA (Laboratory for Experimentation in Translation), Faculdade de Letras, Federal University of Minas Gerais, proposes a new annotation method for Translog® keylogs using the new *Litterae* tool. Drawing on the concept of translation unit of Carl (2009) expanded by Alves and Vale (2009) and relying on SEGTRAD keylogs analyzed by Renata R. Rodrigues from 12 professional translators in the pairs German-Portuguese and English-Portuguese, we carried a corpus research in which we could demonstrate how the new annotation method helps in identifying distinct patterns in the process segmentation by language stratum (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004), occurrence sort, language pair and translation phase (JAKOBSEN, 2002; 2003; ALVES, 2003; 2005). In this work, we found out that dactilography and semantics are strata whose patterns depend on the translators and that lexicogrammar is a stratum whose patterns depend on the language pair. In the lexicogrammar, the English-Portuguese pair showed relatively more revisions at the lexical pole while the German-Portuguese pair showed relatively more revisions at the grammatical pole. The occurrence sort had three well-defined patterns: reducing TT equivalents during the writing phase, iteratively substituting TT segments during the revision phase and reducing the number of TT words and structures during the revision phase.

We demonstrated that the stratum categories and its subtypes were adequate to identify patterns of translation process and product. The practical consequences of using *Litterae* tool consisted of reducing the analysis time and therefore increasing the laboratorial research productivity. The theoretical consequence of using this tool consists of being able to analyse the product during the translation process. This type of analysis leads us to interpreting the translation recursivity as a textual revision process and understanding how these revisions affect the translation product. With this research methodology, we were able to represent a macro-UT, which is a unit of translation process, as a series of products (interim versions and a final one), thus creating a strong connection between the process- and product-oriented studies.

Dedico este trabalho a todos os meus professores que me estimularam a estudar, aos meus pais Lourival e Felícia e educadores Curtis, Marie, James e Patricia, que muito prezam o estudo e a todos aqueles que mantiveram o mundo enquanto eu estudava.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador Fabio Alves por me apresentar ao meio acadêmico com o respaldo de seu nome, por me reter às formas e me propor objetivos, por nossa publicação conjunta em 2009 e por nossa próxima publicação prevista para 2010.

Agradeço também à minha ex-orientadora e guia acadêmica Adriana S. Pagano por ter me orientado em dois projetos de iniciação científica, por ter me exposto à Linguística Sistêmico-Funcional e por ter me apresentado de modo tão positivo ao professor Fábio Alves como candidato a mestrado e ao professor Bateman como candidato a doutorado.

Ao meu professor Teodoro Renó Assunção pelas nossas minuciosas discussões sobre padrões morfológicos fonéticos e gráficos em constante evolução, ao professor Mário A. Perini pela sua gramática formalista e estruturalista do português brasileiro e à minha professora Yara Goulart Liberato pela sua argumentação clara em defesa de uma análise linguística funcional e cognitiva.

Ao Eduardo Figueiredo Gonçalves por ter dedicado dois anos de esforços à implementação e documentação do sistema Litterae, sem quem o sistema que demandou quatro anos de implementação e correção não teria sido desenvolvido a tempo.

Listas de Gráficos, Tabelas, Figuras e Unidades de Tradução

Lista de Gráficos

Gráfico 1 – Frequência Relativa de Revisões em Cada Estrato por Texto-Fonte	78
Gráfico 2 – Frequência Relativa de Revisão de Lexicogramática por Texto-Fonte.....	84
Gráfico 3 – Correlação Linear entre Revisões de Estrutura e de Vocábulo nas Traduções de alemão para Português	85
Gráfico 4 – Correlação Linear entre Revisões de Estrutura e de Vocábulo nas Traduções de Inglês para Português.....	85

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Codinomes	45
Tabela 2 – Frequência Absoluta de Revisões em Cada Estrato nas Traduções de Cada Texto-Fonte.....	77
Tabela 3 – Frequência Relativa de Revisões em Cada Estrato por Texto-Fonte.....	77
Tabela 4 – Frequência Absoluta de Revisões de Dactilografia por Sujeito.....	79
Tabela 5 – Frequência Absoluta de Revisões de Dactilografia por Sujeito.....	79
Tabela 6 – Frequência Absoluta de Revisões de Grafologia por Sujeito	81
Tabela 7 – Frequência Absoluta de Revisões de Lexicogramática nas Traduções de Cada Texto-Fonte.....	83
Tabela 8 – Frequência Relativa de Revisões de Lexicogramática por Texto-Fonte	83
Tabela 9 – Frequência Absoluta de Revisões de Vocábulo e Estrutura por Tradução	84
Tabela 10 – Frequência Absoluta dos Tipos de Revisão de Significado nas Traduções de Cada Língua-Fonte	86
Tabela 11 – Frequência Absoluta de Revisões de Significado em Cada Tradução.....	86
Tabela 12 – Frequência Absoluta de Revisões de Significado em Cada Tradução.....	87

Lista de Figuras

Figura 1 – Modelo de Macro-UT.....	47
Figura 2 – Um usuário sem dados	55

Figura 3 – O usuário clica sobre o botão <u>Create corpus</u>	55
Figura 4 – O usuário tem um corpus chamado «New Corpus»	56
Figura 5 – O usuário clica sobre o ícone do corpus	57
Figura 6 – O corpus do usuário está vazio	57
Figura 7 – O usuário clica sobre o campo de nome do corpus	58
Figura 8 – O usuário seleciona o nome atual do corpus	59
Figura 9 – O usuário digita o novo nome do corpus	59
Figura 10 – O usuário pressiona a tecla RETURN no MacOSX	60
Figura 11 – O usuário clica sobre o botão <u>Upload file</u>	61
Figura 12 – O usuário clica sobre o botão <u>Browse</u>	61
Figura 13 – O usuário procura a pasta com os registros de teclado	62
Figura 14 – O usuário clica sobre o ícone do registro de teclado a ser adicionado	62
Figura 15 – O usuário clica sobre o botão <u>Open</u>	63
Figura 16 – Alguns segundos depois, o ícone de registro de teclado aparece	63
Figura 17 – O usuário clica sobre o ícone do registro de teclado a ser anotado	64
Figura 18 – O registro de teclado está aberto	65
Figura 19 – O usuário clica sobre o botão <u>Replay</u>	66
Figura 20 – A tela de reprodução tem uma coluna de micro-UTs	66
Figura 21 – O usuário coloca o cursor sobre uma micro-UT a ser selecionada	67
Figura 22 – O usuário clica sobre a micro-UT a ser selecionada	67
Figura 23 – O usuário clica sobre a segunda micro-UT a ser selecionada	68
Figura 24 – O usuário preenche o campo de nome da macro-UT	68
Figura 25 – O usuário clica sobre o botão <u>Mark up macro-unit</u>	69
Figura 26 – O usuário clica sobre o botão <u>Apply tags</u>	70
Figura 27 – A tela de etiquetagem contém a macro-UT marcada	70
Figura 28 – O usuário preenche o campo de nome de etiqueta	71
Figura 29 – O usuário clica sobre o botão <u>Apply tag</u>	71
Figura 30 – A macro-UT passa a ter uma etiqueta de revisão semântica	72
Figura 31 – O usuário preenche o campo de busca por etiqueta	73
Figura 32 – O usuário clica sobre o botão <u>Find tags</u>	73
Figura 33 – A lista de todas as macro-UTs com essa etiqueta no corpus	74
Figura 34 – O usuário clica sobre o botão <u>Count tags</u> do registro de teclado	75
Figura 35 – A tela de contagem contém uma tabela de frequência de etiqueta	75

Figura 36 – O usuário clica sobre o botão Count tags do corpus 76

Figura 37 – A tela de contagem contém uma tabela de frequência de etiqueta..... 76

Unidades de Tradução

UT 1 – SI5-TFI	50
UT 2 – SI4-TFI	50
UT 3 – SI1-TFI	50
UT 4 – SA2-TFA	50
UT 5 – SI6-TFI	50
UT 6 – SA6-TFA	50
UT 7 – SA2-TFA	51
UT 8 – SI2	51
UT 9 – SA1-TFA	51
UT 10 – SI5-TFI	51
UT 11 – SA4-TFA	51
UT 12 – SI4-TFI	52
UT 13 – SA6-TFA	52
UT 14 – SA6-TFA	52
UT 15 – SA1-TFA	52
UT 16 – SA6-TFA	53
UT 17 – SA1-TFA	53
UT 18 – SI4-TFI	80
UT 19 – SI4-TFI	80
UT 20 – SI4-TFI	80
UT 21 – SI4-TFI	80
UT 22 – SI4-TFI	81
UT 23 – SI5-TFI	81
UT 24 – SI6-TFI	81
UT 25 – SA1-TFA	88
UT 26 – SA2-TFA	88
UT 27 – SA3-TFA	88
UT 28 – SA4-TFA	88

UT 29 – SA5-TFA	88
UT 30 – SA6-TFA	88
UT 31 – SI1-TFI	89
UT 32 – SI2-TFI	89
UT 33 – SI3-TFI	89
UT 34 – SI4-TFI	89
UT 35 – SI5-TFI	89
UT 36 – SI6-TFI	89
UT 37 – SA6-TFA	91
UT 38 – SA6-TFA	91
UT 39 – SI1-TFI	91
UT 40 – SI1-TFI	91
UT 41 – SA6-TFA	92
UT 42 – SI3-TFI	92
UT 43 – SI4-TFI	92
UT 44 – SI1-TFI	92
UT 45 – SI6-TFI	92
UT 46 – SI6-TFI	93
UT 47 – SA6-TFA	93
UT 48 – SA6-TFA	93
UT 49 – SI1-TFI	94
UT 50 – SA1-TFA	94
UT 51 – SA1-TFA	94
UT 52 – SA1-TFA	94
UT 53 – SA4-TFA	94
UT 54 – SI4-TFI	94
UT 55 – SI1-TFI	97
UT 56 – SI4-TFI	97
UT 57 – SA1-TFA	97
UT 58 – SI5-TFI	98
UT 59 – SI4-TFI	100
UT 60 – SI6-TFI	101
UT 61 – SI1-TFI	103

UT 62 – SI5-TFI	103
UT 63 – SI5-TFI	103
UT 64 – SI4-TFI	103
UT 65 – SI5-TFI	103
UT 66 – SI5-TFI	103
UT 67 – SA3-TFA	104
UT 68 – SI4-TFI	104
UT 69 – SI5-TFI	104
UT 70 – SI6-TFI	104
UT 71 – SA6-TFA	106
UT 72 – SI4-TFI	106
UT 73 – SI4-TFI	106
UT 74 – SI5-TFI	106
UT 75 – SI3-TFI	107
UT 76 – SI1-TFI	107
UT 77 – SA5-TFA	107
UT 78 – SA2-TFA	108
UT 79 – SA4-TFA	108
UT 80 – SI3-TFI	108
UT 81 – SA2-TFA	108
UT 82 – SI3-TFI	108
UT 83 – SI1-TFI	108
UT 84 – SA1-TFA	109
UT 85 – SA5-TFA	109
UT 86 – SI3-TFI	109
UT 87 – SA2-TFA	109
UT 88 – SA6-TFA	109
UT 89 – SI1-TFI	110
UT 90 – SI3-TFI	110
UT 91 – SA6-TFA	110
UT 92 – SI1-TFI	110
UT 93 – SI4-TFI	111
UT 94 – SI4-TFI	111

UT 95 – SI4-TFI	111
UT 96 – SI4-TFI	111
UT 97 – SI1-TFI	112
UT 98 – SI1-TFI	112
UT 99 – SA3-TFA	112
UT 100 – SI5-TFI	112
UT 101 – SI5-TFI	112
UT 102 – SI5-TFI	113
UT 103 – SA1-TFA	113
UT 104 – SA4-TFA	113
UT 105 – SA6-TFA	113
UT 106 – SI6-TFI	114
UT 107 – SA4-TFA	114
UT 108 – SA5-TFA	114
UT 109 – SI5-TFI	114
UT 110 – SI5-TFI	114
UT 111 – SA1-TFA	115
UT 112 – SI5-TFI	115
UT 113 – SA4-TFA	115
UT 114 – SI4-TFI	116
UT 115 – SI5-TFI	116
UT 116 – SI3-TFI	116
UT 117 – SA1-TFA	117
UT 118 – SI3-TFI	118
UT 119 – SA1-TFA	119
UT 120 – SA6-TFA	119
UT 121 – SA1-TFA	119
UT 122 – SA6-TFA	119
UT 123 – SA6-TFA	121
UT 124 – SA6-TFA	121
UT 125 – SA1-TFA	121

Sumário

RESUMO	5
ABSTRACT	6
Listas de Gráficos, Tabelas, Figuras e Unidades de Tradução	9
Lista de Gráficos	9
Lista de Tabelas	9
Lista de Figuras.....	9
Unidades de Tradução	11
Sumário	15
Introdução.....	17
Perguntas de Pesquisa.....	20
Capítulo 1: Fundamentação teórica.....	21
1.1 Processo Tradutório.....	21
1.1.1 Translog®	23
1.2 Equivalência.....	25
1.2.1 Unidade de Alinhamento	26
1.2.2 Unidade de Tradução	27
1.2.3 Micro UTs / Macro UTs	32
1.3 Fases da Tradução.....	33
1.3.1 Durabilidade	35
1.4 Estratos das Línguas	36
1.4.1 Palavra e Vocábulo	39
1.4.2 Congruência (<i>Congruence</i>) e Diretude (<i>Directness</i>)	40
1.4.3 Implicações	43
Capítulo 2: Metodologia.....	44
2.1 Textos-Fontes.....	44
2.2 Sujeitos Tradutores.....	44
2.3 Projeto dos Experimentos.....	45
2.4 Procedimentos de Análise.....	46
2.4.1 Convenções de Anotação.....	47
2.4.2 Anotação de Macro-UTs.....	48
2.4.3 Categorias de Revisão.....	49
2.5 Ferramenta Litterae.....	54
2.5.1 Como adicionar um registro de teclado	54

2.5.2 Como anotar um registro de teclado	64
2.5.3 Como obter dados específicos e estatísticos	72
Capítulo 3: Análise dos dados.....	77
3.1 Revisões por Língua-Fonte.....	77
3.1.1 Revisões de Dactilografia	78
3.1.2 Revisões de Grafologia.....	81
3.1.3 Revisões de Lexicogramática	82
3.1.4 Revisões de Semântica	86
3.2 Aplicação das Categorias.....	87
3.2.1 Lexicogramática: Polo Léxico	87
3.2.2 Lexicogramática: Polo Gramático	91
3.2.3 Semântica.....	115
Capítulo 4: Discussão dos Dados	122
4.1 Padrões de Revisão.....	122
4.2 Estratos.....	122
4.3 Ordem.....	123
4.4 Pares Linguísticos.....	124
4.5 Fases da Tradução.....	125
4.6 Aplicação das Categorias.....	126
4.7 Caminhos A Seguir	126
4.8 Novo Método.....	127
4.9 Consequências Práticas e Teóricas	128
Capítulo 5: Conclusão	129
Referências	132
Anexo I	136
Texto em Alemão	136
Texto em Inglês	137

Introdução

Os processos cognitivos indiretamente observáveis pelas características do desempenho durante a execução de uma tarefa tradutória se tornaram um objeto de investigação nos Estudos da Tradução nas três últimas décadas (JAKOBSEN, 1999; ALVES, 2001, 2003, 2005a, 2005b; MAGALHÃES e ALVES, 2006; BRAGA e PAGANO, 2007; PAGANO e SILVA, 2008; ALVES e VALE, 2009). Esse objeto teórico relativamente novo passou a ser estudado na década de 1980 com a adoção de métodos empíricos de investigação pelos pesquisadores desta linha teórica, que incluem a adoção de ferramentas de auxílio à pesquisa como o Translog® e o Camtasia®, a coleta de protocolos verbais (*Think-Aloud Protocol*, TAP) e a metodologia de observação indireta do processo cognitivo por triangulação dos dados coletados em experimentos (JAKOBSEN, 1999; ALVES, 2001, 2003).

Dentro dessa perspectiva metodológica, esta dissertação, vinculada ao Laboratório Experimental de Tradução (LETRA) da Faculdade de Letras (FALE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), tem por objetivo propor um novo método para anotar registros de teclado com a ferramenta Litterae – desenvolvida durante este trabalho – e ilustrar com uma pesquisa de *copus* de pequeno porte como o novo método de anotação nos permite identificar padrões nos processos de tradução. Em especial, a pesquisa de *corpus* contrastará padrões encontrados em processos de traduções do inglês para o português com padrões encontrados em processos de traduções do alemão para o português com o mesmo conjunto de dados investigado por R. R. Rodrigues (2009), que consiste em registros de teclado de doze traduções realizadas por sujeitos profissionais para o português: seis de um texto-fonte alemão e seis de um texto-fonte inglês, todos eles pertencentes ao Corpus Processual para Análises Tradutórias (CORPRAT).

Enquanto os métodos de investigação do processo de tradução tipicamente adotados pelos pesquisadores do laboratório ao qual este trabalho está vinculado se encontram em consonância com os trabalhos do grupo *Process in the Acquisition of Translation Competence and Evaluation* (PACTE) e do *Centre for Research and Innovation in Translation and Translation Technology* (CRITT) da *Copenhagen Business School*, o novo método proposto nesta dissertação ainda não foi adotado por nenhum outro grupo de pesquisa. Contudo, não se trata de uma criação *ex nihilo*. A separação entre as anotações e o corpus é semelhante à separação do armazenamento desenvolvido no projeto

CroCo da Universität des Saarlandes. A maior diferença entre as duas anotações não reside na estratégia usada para anotar um corpus mas sim no objeto anotado e na tecnologia adotada. Enquanto as anotações do CroCo são aplicadas ao alinhamento entre texto-fonte (TF) e texto-alvo (TA) e armazenadas em arquivos XML, as anotações do Litterae são aplicadas ao registro de teclado e armazenadas em um banco de dados relacional.

Tendo em vista que neste trabalho se propõe um novo método de pesquisa que faz uso da ferramenta de anotação Litterae, ilustraremos o uso desse sistema com uma pesquisa de *corpus* de pequeno porte e demonstraremos todas as suas funcionalidades.

O primeiro objetivo da pesquisa de *corpus* é identificar e descrever padrões de revisão que ocorrem durante e após a redação do texto-alvo. O segundo objetivo consiste em classificar as revisões quanto aos estratos linguísticos em que elas operam e quanto à ordem de ocorrência. O terceiro objetivo consiste em correlacionar os tipos de revisão que estão correlacionadas com o par linguístico inglês-português e alemão-português e quais não estão correlacionados com o par linguístico. O quarto objetivo é correlacionar os tipos de revisão com a fase em que eles ocorrem: redação e revisão. O último objetivo é identificar dificuldades na aplicação das categorias propostas e aprimorar as categorias a partir da aplicação das mesmas.

Este trabalho se vincula ao projeto intitulado Segmentação Cognitiva em Tradução e Sistemas de Memória de Tradução: interfaces entre o desempenho do tradutor e a tradução assistida por computador (SEGTRAD), CNPq nº 301270/2005-8, e re-operacionaliza o conceito de «unidade de tradução» para analisar o processo tradutório enquanto uma série de produtos intermediários que culminam no produto final da tradução. Em outras pesquisas do SEGTRAD, foram contrastados os processos tradutórios realizados com e sem Sistemas de Memória de Tradução para se poder caracterizar o impacto provocado por esses sistemas na segmentação dos processos de tradução (MATIAS e ALVES, 2007; MACHADO e ALVES, 2007; BATISTA e ALVES 2007; RODRIGUES e ALVES, 2009). Em uma tentativa de correlacionar os resultados do projeto SEGTRAD e os resultados dos outros projetos do laboratório LETRA, este trabalho consiste na re-operacionalização e extensão dos conceitos de segmentação adotados nas pesquisas anteriores de modo a permitir que se vincule a caracterização dos processos tradutórios do projeto SEGTRAD às análises dos produtos tradutórios de outros projetos do LETRA.

No Capítulo 1, apresento os fundamentos teóricos e os principais conceitos que servem de base para a análise dos dados coletados. Na Seção 1.1, revisito os primeiros

estudos da linha de pesquisa em que se investiga o processo tradutório. Na Seção 1.2, comento a evolução do conceito de equivalência e como esse conceito nos permite segmentar a tradução. Na Seção 1.3, introduzo as fases do processo de tradução e como elas nos permitem caracterizar tradutores experientes e distingui-los de tradutores menos experientes. Na Seção 1.4, uso a divisão sistêmico-funcional da língua em estratos linguísticos para identificar de modo mais preciso onde se operam as revisões textuais realizadas durante a produção dos textos-alvos.

No Capítulo 2, descrevo a metodologia da pesquisa de *corpus*. Na seção 2.1, informo como foram escolhidos os textos-fontes dos experimentos. Na seção 2.2, informo como foram escolhidos os sujeitos tradutores e os codinomes usados para sua identificação. Na seção 2.3, descrevo o projeto dos experimentos. E, na seção 2.4, faço uma explanação do procedimento de anotação tanto no que concerne a identificação de macro-unidades de tradução quanto no que concerne as categorias usadas durante a anotação. Na seção 2.5, apresento a ferramenta *Litterae* desenvolvida durante este trabalho para anotarmos registros de teclado.

No Capítulo 3, analiso os dados colhidos. Na Seção 3.1, exponho detalhes da coleta de dados e os processos que foram excluídos da análise. Na Seção 3.2, analiso estatisticamente as frequências de revisões em cada língua-fonte por estrato e por tipo em cada estrato. Na Seção 3.3, analiso mais detalhadamente as revisões com a Teoria Sistêmico-Funcional de modo que outros pesquisadores possam reproduzir este trabalho e refinar sua taxonomia.

No Capítulo 4, discuto os dados analisados de modo a responder as perguntas da pesquisa. Na Seção 4.1, revisito os padrões identificados na análise. Na Seção 4.2, comento a distribuição das revisões nos estratos linguísticos. Na Seção 4.3, aponto para as várias ordens de revisão identificadas. Na Seção 4.4, aponto os padrões de revisão que estão correlacionados com o par linguístico. Na Seção 4.5, discuto os tipos de revisão que ocorrem em cada fase da tradução. Na Seção 4.6, comento a dificuldade na aplicação das categorias desta pesquisa. Na Seção 4.7, aponto caminhos que pesquisas futuras podem tomar. Na Seção 4.8, defendo o uso do método de anotação proposto. E, na Seção 4.9, enumero possíveis consequências práticas e teóricas dessa adoção.

No Capítulo 5, apresento as conclusões do trabalho e faço sugestões para trabalhos futuros.

Perguntas de Pesquisa

Neste trabalho, tem-se como objetivo responder as seguintes perguntas:

- 1) Existem padrões nas revisões que ocorrem durante a produção do texto-alvo?
- 2) Em que estratos linguísticos operam essas revisões?
- 3) Qual é a ordem das revisões?
- 4) As frequências de revisões variam segundo o par linguístico?
- 5) As frequências de revisões variam segundo as fases do processo tradutório?
- 6) Quais foram as dificuldades apresentadas pela aplicação das categorias propostas?
- 7) O que podemos aprimorar em pesquisas futuras?
- 8) Em que aspectos é útil adotar o novo método de anotação em pesquisas?
- 9) Quais são as consequências práticas e teóricas dessa adoção?

Capítulo 1: Fundamentação teórica

Neste capítulo, apresento os fundamentos teóricos e os principais conceitos que servem de base para a análise dos dados coletados. Na Seção 1.1, revisito os primeiros estudos da linha de pesquisa em que se investiga o processo tradutório. Na Seção 1.2, comento a evolução do conceito de equivalência e como esse conceito nos permite segmentar a tradução. Na Seção 1.3, introduzo as fases do processo de tradução e como elas nos permitem caracterizar tradutores experientes e distingui-los de tradutores menos experientes. Na Seção 1.4, uso a divisão sistêmico-funcional da língua em estratos linguísticos para identificar de modo mais preciso onde se operam as revisões textuais realizadas durante a produção dos textos-alvos.

1.1 Processo Tradutório

O estudo dos processo tradutório tem um início relativamente recente nos Estudos da Tradução. Segundo Lörscher (1992) e Fraser (1996), até a década de 1980, os pesquisadores se restringiam a identificar padrões com o alinhamento entre textos-fontes e seus respectivos textos-alvos, teorizando o produto da tradução e a competência para traduzir sem observar a tarefa tradutória sendo realizada de modo empírico. Contudo, no meio daquela década, observou-se um virada em direção ao processo – *process-oriented turn* – e os pesquisadores começaram a investigar também o processo da tradução com experimentos.

Até bem recentemente, os pesquisadores dos estudos da tradução se concentravam somente em dois fenômenos: na tradução enquanto produto e na competência tradutória. [...] Os modelos teóricos [da tradução enquanto produto] eram prescritivos – não descritivos – e, portanto, pouco relevantes para os tradutores. [...] Os modelos teóricos [da competência tradutória] eram especulativos e não empíricos. A teoria da tradução estava até então voltada para o produto e para a competência e, em consequência, pouca atenção era dedicada ao processo pelo qual uma tradução é realizada e ao desempenho dos tradutores durante a tarefa tradutória. A concentração exclusiva nesses dois objetos foi percebida como sendo limitante só muito recentemente e, a partir dessa percepção, os estudos da tradução presenciaram o surgimento de uma linha de pesquisa voltada para o processo e para o desempenho dos tradutores. (LÖRSCHER, 1992).¹

¹ Minha Tradução: Until very recently, translation theory has been primarily concerned with two phenomena: with translation as a *product* and with translation *competence*. [...] Models [of the former] have been prescriptive rather than descriptive and of very limited use to the practical translator. [...] Models [of the latter] were theoretical and speculative rather than empirical. As a consequence of translation theory being product- and competence-oriented, hardly any attention has been given to the *process* by which a translation is produced, and to translators' actual performance. This narrowing [has] only recently been realised to be a

Os primeiros estudos sobre o processo tradutório foram feitos com métodos usados nas ciências sociais (ERICSSON e SIMON, 1984) e na psicolinguística (KRINGS, 1986; LÖRSCHER, 1996), como, por exemplo, a técnica de protocolos verbais (TAPs - Think Aloud Protocols). Os pesquisadores consideravam os TAPs "uma ferramenta útil para coleta de dados sobre processos mentais em geral e, em particular, sobre processos tradutórios"² (LÖRSCHER, 1996: 27). Nesses primeiros estudos, os pesquisadores estavam interessados em usar relatos introspectivos como instrumentos empíricos que revelariam o pensamento do sujeito (HOUSE, 2000:150) e procuravam, assim, investigar os processos cognitivos envolvidos durante a realização de tarefas de tradução.

Posteriormente, outros pesquisadores questionaram se os TAPs realmente seriam uma ferramenta satisfatória para investigação do processo tradutório (HANSEN, 1999a). Aderindo ao questionamento, Jakobsen (2003) investigou a interferência dos protocolos verbais concomitantes na velocidade da redação e da revisão do texto-alvo e constatou que, ao produzirem protocolos verbais concomitantes, os tradutores levam mais tempo para redigir o texto-alvo e o segmentam de modo diferente. Observou também que a mesma interferência não é observada durante a revisão. Outros pesquisadores observaram uma sobrecarga cognitiva quando sujeitos tradutores produzem protocolos verbais concomitantes (JAKOBSEN, 2003; DRAGSTED, 2004; ALVES, 2005b). Assim, apesar de os protocolos verbais concomitantes terem sido considerados inicialmente um instrumento útil para coleta de dados empíricos sobre o processo cognitivo da tradução, alguns pesquisadores passaram a defender nos estudos da tradução que protocolos verbais retrospectivos em vez dos concomitantes interferem menos no experimento e são, por isso, mais adequados para investigações em tradução. Alves e Gonçalves (2003) se somam à lista dos defensores dos relatos retrospectivos quando afirmam que a retrospectiva fornece bons indícios para a análise de processos cognitivos motivados pela tarefa tradutória e que os protocolos verbais retrospectivos salientam traços importantes do processo de tradução. Entretanto, Jakobsen (2003) e Alves (2003) ressaltam que os TAPs isoladamente não são suficientes para investigar o processo tradutório, sendo necessário contrastar esses relatos com outros dados empíricos observados pelos pesquisadores.

deficit. As a result, a new process-oriented, performance-analytical discipline within translation studies has developed. (LÖRSCHER, 1992)

² Minha Tradução: As a conclusion, I pointed out that thinking-aloud is a useful tool for collecting data about mental processes in general, and translation process in particular. (LÖRSCHER, 1996)

Os primeiros estudos processuais sofreram outras críticas. Não havia uma consistência quanto ao par linguístico observado e, por esse motivo, como House (2000) observa, aqueles primeiros estudos não podem ser correlacionados. Segundo House, não se pode correlacionar, por exemplo, as observações de Tirkkonen-Condit (1989) em traduções entre o finlandês e o inglês com as de Séguinot (1989) em traduções entre o inglês e o francês, pois não seria possível saber, ao se correlacionar esses trabalhos, se as diferenças entre as observações são provocadas pelo escopo do trabalho ou se são um fenômeno resultante da diferença entre os pares linguístico.

Depois das críticas de House, tornou-se evidente que era necessário reproduzir estudos no mesmo par linguístico para verificar os resultados de outros centros, realizar estudos contrastivos entre pares linguísticos distintos para identificar as características do desempenho que são provocadas pelos pares linguísticos, com tradutores distintos para identificar as características que são indícios de *expertise* em tradução e, por fim, pesquisas que contrastem estudos anteriores e tentem esboçar as características que são comuns a toda tarefa tradutória.

No LETRA, foram realizados um grande número de estudos correlacionáveis entre si que se corroboram mutuamente por serem investigações de traduções no mesmo par linguístico com múltiplos tradutores. Entre eles estão Campos e Alves (2005) e Matias e Alves (2007) que investigaram traduções entre o alemão e o português e Braga e Pagano (2007), Machado e Alves (2007), Batista e Alves (2007), Silva e Pagano (2007), Lima e Pagano (2008) que investigaram traduções entre o inglês e o português.

1.1.1 Translog®

Em decorrência da virada em direção ao processo, foram adotadas ferramentas de auxílio à pesquisa que são usadas para coletar dados empíricos da execução de tarefas tradutórias. Entre essas ferramentas estão o Translog® e o Camtasia®. O Translog® foi desenvolvido para registrar as entradas de um sistema computacional como os eventos de teclado e de mouse. Já o Camtasia® é um produto comercial adotado nas pesquisas para registrar a saída gráfica do sistema computacional. Conjuntamente, permitem registrar e reproduzir as interações do tradutor com o ambiente externo, o que inclui tanto os estímulos recebidos quanto as ações realizadas pelos tradutores durante o processo de tradução.

O programa Translog®, em específico, foi desenvolvido pelos pesquisadores Jakobsen e Schou (1999) com o objetivo de registrar os eventos de teclado que alteram o texto-alvo ou a posição do cursor no texto-alvo. Com esse programa, fornecem aos pesquisadores uma reprodução cronologicamente fiel da produção dos textos-alvos e aumentam a capacidade laboratorial de se observar: 1) a frequência e duração das pausas na produção textual, 2) o modo como os textos-alvos são produzidos, 3) a velocidade e o ritmo com que são produzidos e 4) com que frequência um trecho é revisado durante a tarefa tradutória (JAKOBSEN, 1999). O programa Translog® se tornou, por isso, amplamente adotado em pesquisas empíricas nos estudos de processo.

Usando esse programa em conjunto com o Camtasia®, os pesquisadores podem colher dados observáveis e contrastá-los com os relatos retrospectivos produzidos pelos tradutores. Esse contraste entre dados quantitativos e dados qualitativos, denominado triangulação, teve origem nas ciências sociais e é considerado um importante meio de validação dos dados empíricos, pois amplia a descrição do objeto de estudo (JAKOBSEN, 1999) e direciona a pesquisa aos fenômenos mais relevantes para os sujeitos. Além disso, a adoção da triangulação como metodologia de pesquisa aumenta as chances de sucesso do pesquisador em sua tentativa de observação, compreensão e explicação de um determinado fenômeno (ALVES, 2001) e é, por isso, um método de investigação amplamente adotado nas ciências sociais e, mais recentemente, nos estudos da tradução.

Alguns estudos iniciais que utilizaram o Translog® e adotaram a triangulação de dados juntamente com outras metodologias foram realizados por Hansen (1999b) e Jakobsen (1999). Pesquisas posteriores realizadas por Alves (2001, 2003, 2005) também defendem a triangulação como metodologia de pesquisa em tradução. Alves (2001) testa as ferramentas disponíveis para coleta de dados e menciona que a triangulação contribui efetivamente para atribuir valores qualitativos aos dados empíricos, o que garante resultados mais confiáveis e passíveis de generalização. De acordo com o pesquisador, a triangulação se mostra como uma metodologia satisfatória para investigações dos processos tradutórios. Alves (2003) apresenta um estudo de caso em que investiga o desempenho de tradutores novatos por meio de TAPs retrospectivos conduzidos pela reprodução do registro de teclado gravado pelo programa Translog® e análises de alinhamento de textos fonte e alvo realizadas com o programa Wordsmith Tools®. Nesse estudo, o pesquisador reforça a relevância de se adotar a triangulação como ferramenta metodológica.

Em consonância com os trabalhos anteriores em que se usou o Translog® na coleta de dados empíricos, apresento neste trabalho um método para analisar de modo bastante preciso os dados colhidos pelo Translog®. Esse método de análise, ao contrário do adotado nos outros trabalhos sobre processo do laboratório LETRA, enfoca os passos da produção textual e não o ritmo cognitivo. A sua adoção, contudo, não consiste em um desvio da atenção do ritmo cognitivo para os passos da produção textual, mas sim em um método complementar que permite correlacionar os produtos intermediários que se pode observar durante as pausas do processo tradutório com o produto final, ou seja, que permite fazer um elo entre as análises de processo e as de produto.

1.2 Equivalência

Para a classificação dos passos de produção textual, voltamos aos primeiros trabalhos dos Estudos da Tradução em que Dostert (LOCKE e BOOTH, 1955) define tradução como a transferência de significado de um conjunto de símbolos padronizados para outro conjunto de símbolos padronizados, ou seja, a transferência de significado de um texto em uma língua-fonte para um texto em uma língua-alvo. Acompanhando a evolução dos estudos da tradução, observamos que, uma década mais tarde, a definição de tradução enquanto transferência de significado seria contestada por Catford (1965), que afirma que o significado de um texto em uma língua-fonte é um significado da língua-fonte e o significado de um texto em uma língua-alvo é um significado da língua-alvo. Segundo Catford, os textos-alvos e os textos-fontes não têm o mesmo significado, mas sim dois significados distintos e, conseqüentemente, a tradução não transfere significado (Catford, 1965, p. 35).

Apesar disso, Catford observa uma propriedade no par de textos fonte e alvo de uma tradução. Segundo ele, textos ou segmentos – porções – de texto de uma língua-alvo são equivalentes a textos ou segmentos de textos da língua-fonte quando temos uma tradução. A equivalência entre dois textos específicos ou segmentos específicos dos mesmos não é uma propriedade do par de línguas em que os textos se encontram, mas sim um fenômeno observado em cada tradução específica. Em outras palavras, em uma tradução, pressupõe-se que o significado de um segmento de texto tenha o mesmo valor para o leitor ou o ouvinte que o segmento de texto equivalente na outra língua.

Sob essa perspectiva, não se pode dizer que "blood" do inglês e "Blut" do alemão equivalham a "sangue" do português como as correspondências encontradas em um dicionário bilíngue. O que se pode dizer é que uma ocorrência de "de sangue" no texto-alvo TAA3 e outra no TAA6 são equivalentes a uma ocorrência específica de "Blut-" do texto-fonte alemão (TFA), que uma ocorrência de "sangüíneo" no TAA1, outra no TAA2 e outra no TAA3 são equivalentes à mesma ocorrência de "Blut-" do TFA e que uma ocorrência de "do sangue" no TAA5 também é equivalente a essa ocorrência de "Blut-".

Em outras palavras, sob essa perspectiva, a equivalência de segmentos se encontra entre dois textos em relação de tradução e não é uma propriedade do par linguístico. Com esta observação, conforme delimita Dragsted (2004), apesar de Catford não usar o termo *unidade de tradução*, sua equivalência funcional permite o que se tornaria uma metodologia de pesquisa: o alinhamento de textos-fontes com os seus respectivos textos-alvos.

1.2.1 Unidade de Alinhamento

Nos estudos da tradução, vários teóricos tentaram caracterizar as relações de equivalência a serem estabelecidas entre segmentos do texto-fonte e segmentos do texto-alvo. Neste trabalho, assim como Carl (2009), denominamos essas relações de unidades de alinhamento.

Em uma retrospectiva histórica desse conceito, Dragsted (2004:32) define as unidades de alinhamento como os segmentos mais adequados para estabelecer uma equivalência entre o TF e o TA. Dragsted (2004) divide as tentativas de caracterizar as unidades de alinhamento em três grupos. O primeiro grupo de pesquisadores caracteriza as unidades de alinhamento como sendo as menores unidades possíveis de significado, que são realizadas por fraseados, as quais podem variar em nível desde um morfema ou vocábulo até uma oração ou complexo de orações. Pesquisadores desse grupo incluem Vinay e Darbelnet (1957/1995), Catford (1965), Newmark (1988) e Toury (1995). O segundo grupo caracteriza as unidades de alinhamento como sendo orações não-dependentes - proposições - por serem a menor unidade de significado que se pode analisar isoladamente. Pesquisadores desse grupo incluem Bell (1991), Lou (1999) e Zhu (1999). O terceiro grupo, que inclui Nida (1964, 1969) e Bassnett-MacGuire (1991), caracteriza as unidades de alinhamento como sendo unidades de significado completas como parágrafos

e textos e enfatizam o estilo e o desdobramento do texto em detrimento de um alinhamento mais refinado.

Dentre os estudos de produto em que foram alinhados textos-fontes com seus textos-alvos, alguns dos mais detalhados e extensivos foram os realizados dentro do projeto CroCo³ (STEINER, 2005; NEUMANN e HANSEN-SCHIRRA, 2006; HANSEN-SCHIRRA, NEUMANN e STEINER, 2006). Deste projeto resultou uma metodologia que permite o alinhamento de unidades tão pequenas quanto uma palavra e tão grandes quanto uma ou mais sentenças. Na metodologia do projeto CroCo, as unidades de alinhamento são armazenadas em arquivos XML e podem ser analisadas por meio de análise de amostras ou consultas estatísticas. O projeto CroCo usa conceitos da Teoria Sistêmico-Funcional em suas análises.

1.2.2 Unidade de Tradução

Já quando se considera o processo cognitivo do tradutor durante a tradução, Dragsted (2004) descreve a unidade de tradução como sendo o processamento de um segmento do TF pelo tradutor identificável indiretamente por conjuntos de dados empíricos. Sua revisão de literatura aponta a existência de três caracterizações das unidades de tradução. O primeiro grupo de pesquisadores se concentra em classificar as unidades de tradução como problemáticas ou não-problemáticas e em observar os diferentes modos como os tradutores processam as unidades de tradução problemáticas. Esse grupo inclui Lörscher (1986), Krings (1986), Königs (1987), Kiraly (1995) e Jääskeläinen e Tirkkonen-Condit (1991). O segundo grupo de pesquisadores considera também a expertise do tradutor. Nesse grupo, Lörscher (1986) e Jääskeläinen e Tirkkonen-Condit (1991) observaram que tradutores profissionais tendem a traduzir unidades mais longas a uma taxa mais rápida do que tradutores não-profissionais enquanto Kiraly (1995) não observou diferenças significativas no tamanho e na velocidade de produção das unidades de tradução entre tradutores profissionais e não-profissionais. Por fim, o terceiro grupo apontado por Dragsted (2004) consiste em pesquisadores que consideram a unidade de tradução prototípica como sendo um grupo ou uma oração que seja realizada por um segmento de texto que tenha entre 2 e 6 palavras. Esse pequeno grupo inclui Gerloff (1986), Lörscher (1986), Krings (1986) e Kiraly (1995).

³ DFG-project STE 840/5-1

Tecnicamente, ao observarmos um tradutor em sua tarefa de traduzir um texto, podemos identificar, durante cada intervalo de pausa de digitação, uma versão provisória do TA e, quando o processo cognitivo e a digitação terminam, temos a última versão do texto-alvo, que é o produto da tradução. Sob essa dicotomia entre produto e processo, as unidades de alinhamento são construtos teóricos que permitem analisar a equivalência entre o TF e o TA (o produto) enquanto as unidades de tradução são construtos teóricos que permitem analisar os passos do processo cognitivo do tradutor durante a tradução. Contudo, o processo e o produto são indissociáveis, são recortes teóricos distintos do mesmo fenômeno. Em outras palavras, o processo cognitivo da tradução se realiza com a produção de um texto, o produto da tradução.

Malmkjær (2006) assim como Dragsted (2004) faz a mesma distinção entre as unidades de alinhamento - unidades do produto de tradução - e as unidades de tradução - unidades do processo de tradução. Segundo Malmkjær (2006), as unidades de alinhamento são mapeamentos entre os segmentos do TF e os segmentos do TA e as unidades de tradução são os segmentos do TF que o tradutor mantém em mente a cada momento para produzir equivalentes tradutórios no TA. Malmkjær (2006) argumenta que não se deve confundir as unidades de alinhamento e as unidades de tradução com equivalências entre os recursos das línguas porque se observa que elas tendem a variar em tamanho de acordo com o desenvolvimento do tradutor e com sua capacidade cognitiva geral.

Nas pesquisas sobre o processo de tradução, Gerloff (1986, 1987) analisou TAPs e identificou a oração como sendo a fraseado que mais frequentemente delimita a unidade de tradução. Sua análise dos relatos dos tradutores solidificou o campo para as pesquisas que se seguiram. Alves (1995), por outro lado, defende que o foco de atenção durante um tempo seja o cerne da unidade de tradução e necessário para se poder determinar que segmento do TF é processado em cada momento. Segundo Alves (1995), unidades de tradução são segmentos do TF que atraem a atenção do tradutor em um determinado momento durante o processo cognitivo de tradução.

A unidade de tradução, ou seja, o foco de atenção em um segmento do TF não termina quando o tradutor move o foco ocular do TF para o TA. O foco de atenção continua enquanto o tradutor estiver redigindo ou revisando um segmento do TA equivalente ao segmento lido no TF. Desse modo, o início de uma unidade de tradução é observado como uma ação ocular de leitura - que pode ser registrada por software de rastreamento ocular (*eye-tracking*) - e o seu fim é observado como uma ação motora de

redação ou revisão – que pode ser registrada por programas de registro de teclado como o Translog®.

Contudo, observa-se que cada intervalo entre um evento de teclado e outro tem uma duração diferente e que os intervalos maiores são tipicamente simultâneos à leitura de um segmento do TF ou à revisão de um segmento do TA. Desse modo, pressupondo que os intervalos mais longos de digitação sejam tipicamente simultâneos a pausas no processo cognitivo, Alves e Vale (2009) aproximam os limites das unidades de tradução, operacionalizando o conceito exclusivamente com dados de registro de teclado na ausência de dados de rastreamento ocular.

Essa operacionalização merece um comentário mais crítico. Ao operacionalizar o conceito de unidade de tradução como uma produção de texto entre pausas, alteramos ligeiramente o conceito de unidade de tradução. A unidade de tradução deixa de ser o segmento do TF em que jaz o foco de atenção do tradutor e passa a ser o foco de atenção do tradutor no segmento do TF ou no segmento do TA equivalente. Desse modo, a unidade de tradução deixa de ser um segmento de texto e passa a ser um segmento do processo cognitivo, um segmento que inclui tanto a leitura de um segmento de texto quanto a produção de outro, período esse em que o tradutor dedica sua atenção a um segmento do TF. Segundo Dragsted (2004), ao identificar as pausas na produção do TA, a unidade de tradução pode ser observada tanto como uma fraseado - uma unidade linguística - quanto como um segmento do processo cognitivo estratégico - uma unidade cognitiva. Este trabalho, como veremos adiante, operacionaliza a observação das duas perspectivas apresentadas por Dragsted.

Ao aproximar os limites das unidades de tradução com a segmentação do processo nas pausas da produção do TA, não se pode facilmente determinar a duração mínima do intervalo entre dois eventos consecutivos de teclado para que ele seja considerado uma pausa. Até o momento, existe um consenso entre os pesquisadores de que considerar intervalos muito breves - menores que 1 segundo - como pausas acarretaria um aumento relativo das revisões "automáticas" no estrato da escrita como revisões de palavras e de pontuação, de que, nessas revisões, não ocorrem tomadas de decisão nem soluções de problemas "conscientes"⁴ e de que, por isso, esse tipo de revisão não revelaria nada a respeito do processo de tradução. Por outro lado, considerar somente intervalos muito

⁴ Veremos neste trabalho que independente de essas revisões serem "automáticas e inconscientes" ou não, elas não estão correlacionadas com a língua-fonte nem com o texto-fonte.

longos – maiores que 8 segundos – como pausas nos proporcionaria somente uma ideia vaga do que o tradutor pensa e faz. Tem-se, contudo, em mente que este último consenso vem sendo revisto recentemente, uma vez que, após os laboratórios terem sido equipados com ferramentas de rastreamento ocular, pesquisadores como Jakobsen e Jensen (2008) começaram a analisar o rastreamento da mira dos olhos do tradutor sobre o TF durante pausas longas.

Revedo os trabalhos acadêmicos recentes nos estudos da traduções, observa-se que a duração mínima do intervalo de pausa mais frequentemente adotada pelos pesquisadores de tradução é entre 5 e 6 segundos como Alves (2003) e Hansen (1999a, 1999b, 2002). Entretanto, apesar de ser frequentemente adotada, ela não escapa a críticas. Dragsted (2004), por exemplo, optou por calcular a duração dos intervalos de pausa com base na velocidade de digitação individual de cada tradutor.

Dragsted (2005) encontrou diferenças e similaridades no modo como tradutores novatos – iniciantes – e profissionais traduziram dois textos: um mais fácil e o outro mais difícil. Os sujeitos novatos traduziram o texto mais fácil de modo diferente de como traduziram os sujeitos experientes quanto ao nível dos fraseados traduzidas por unidade de tradução, tendo os sujeitos experientes traduzido fraseados de nível mais alto como orações e complexos oracionais que são realizados por segmentos de texto tipicamente mais longos que os fraseados de níveis mais baixos. Entretanto, quando traduziram o texto mais difícil, ambos os grupos de sujeitos segmentaram o TF de modo similar quanto ao nível dos fraseados traduzidas por unidade de tradução, traduzindo fraseados de níveis mais baixos como vocábulos, grupos e frases. Em outras palavras, a segmentação do texto mais difícil por ambos os grupos foi similar à segmentação do texto mais fácil pelos sujeitos novatos e diferente da segmentação do texto mais fácil pelos sujeitos experientes.

O trabalho de Dragsted (2005) demonstra que o modo como o processo de tradução se divide em unidades de tradução varia entre os sujeitos estudados. O ritmo cognitivo do tradutor, tanto em termos de velocidade quanto de adoção de estratégias, parece ser afetado pela experiência do tradutor, pelo conhecimento do domínio representado, pela familiaridade com os recursos linguísticos usados e por condições externas para a produção do texto. Por sua vez, esse ritmo idiossincrático dos tradutores altera o desempenho individual e é responsável pela variação encontrada nos TAs.

Jakobsen (2005) argumenta que um traço que caracteriza o desempenho experiente em tradução é a ocorrência de unidades de tradução realizadas por segmentos de produção

de texto excepcionalmente longos. Dragsted (2005) observou unidades de tradução realizadas por segmentos de texto mais longos entre os sujeitos profissionais do que entre os sujeitos novatos quando eles traduziram o texto mais fácil. Jakobsen (2005) obteve resultados semelhantes observando que os picos de desempenho dos sujeitos experientes continham quase duas vezes mais toques de tecla que os picos de desempenho dos sujeitos novatos. Em sua pesquisa, foram considerados picos de alto desempenho os segmentos de produção de texto que continham no mínimo 60 toques de tecla ou 10 palavras. Jakobsen observou que esses segmentos são, às vezes, precedidos por pausas excepcionalmente longas, mas que a maioria das pausas antes desses segmentos não eram muito diferentes das demais. Também observou que os picos de alto desempenho são mais frequentes quando os sujeitos consideram o texto fácil de se traduzir, o que corrobora as observações de Dragsted (2005).

Jakobsen (2005) caracteriza os tradutores experientes (*expert translators*) como sendo capazes de identificar o domínio sujeito do TF e de avaliar a intenção comunicativa do mesmo para controlar a produção do TA. Em seu trabalho, parte do pressuposto de que para caracterizar as habilidades cognitivas dos tradutores experientes é necessário considerar que a tradução de um segmento excepcionalmente longo em uma única unidade cognitiva envolve um nível maior de organização e de integração de processos cognitivos e não somente uma maior velocidade de produção textual. O conceito de ritmo cognitivo foi introduzido por Schilperoord (1996), que defende que, ao identificar padrões rítmicos na produção de textos, observam-se padrões recorrentes e hierárquicos no desdobramento da escrita de um texto. Esse conceito foi usado por Jakobsen (2002) nos estudos da tradução e aplicado por Alves (2005b) em pesquisas do CORPRAT.

Portanto, a unidade de tradução neste trabalho não é entendida como uma unidade gramática do texto-alvo equivalente a uma unidade gramática do texto-fonte, mas sim como um segmento contínuo no tempo delimitado por pausas do processo de tradução independente de o que for redigido durante esse segmento do processo tradutório realizar uma unidade gramática ou não. Contudo, é possível correlacionar as unidades de tradução com as unidades de alinhamento.

1.2.3 Micro UTs / Macro UTs

Com esse objetivo, Alves e Vale (2009) dividem a unidade de tradução em duas fases. Nessa abordagem, uma unidade de tradução (UT) começa com uma fase de leitura representada por um intervalo de pausa no registro de teclado e termina com uma fase de escrita – produção textual – representada por uma sequência contínua de eventos no registro de teclado interrompida apenas pelo intervalo de pausa que representa a fase de leitura da unidade de tradução seguinte. A pausa da escrita, como exposto na seção anterior, pode ser uma pausa para planejar, para pensar em um equivalente de tradução alternativo, para avaliar a versão corrente do TA ou para ler, pela primeira vez, mais um segmento do TF. Com o desdobrar⁵ da tradução, um segmento do TA previamente traduzido pode sofrer revisão – ser substituído ou ser excluído – ou mesmo relido durante avaliações e consultas sem que alterações sejam feitas.

Nos casos em que o tradutor se concentra duas ou mais vezes no mesmo segmento do TF, i. e. quando ocorrem revisões ou exclusões, duas ou mais unidades de tradução afetam o mesmo segmento do TA. Como a unidade de tradução, enquanto uma unidade do processo cognitivo da tradução, consiste no foco de atenção sobre um determinado segmento do TF ou sobre seu equivalente no TA, pode-se observar dois tipos de unidade de tradução: as microunidades de tradução (micro UT), que consistem em segmentos específicos do processo cognitivo delimitados pelo ritmo cognitivo do tradutor e as macrounidades de tradução (macro UT), que consistem em agrupamentos de todos os focos de atenção no mesmo segmento do TF, iniciada com a redação de um equivalente tradutório para esse segmento do TF e continuada com as revisões subsequentes desse equivalente inicialmente redigido.

Alves e Vale (2009) operacionalizam⁶ a micro UT como um segmento contínuo na produção do TA incluindo a pausa que o antecede e excluindo a pausa que o sucede. Com essa operacionalização, cada unidade de tradução consiste em um foco de atenção em um segmento do TF. Já a macro UT é operacionalizada por Alves e Vale (2009) como o conjunto de todas as micro UTs cujo foco de atenção recai sobre o mesmo segmento do TF, desde a redação de um equivalente no TA para esse segmento do TF, passando por todas as revisões do segmento escrito por outros equivalentes, até a última revisão do

⁵ O processo de escrita e leitura de textos recebem o nome de *unfolding* (HALLIDAY E MATTHIESSEN, 2004).

⁶ Este trabalho analisa somente dados de registro de teclado e mouse que não possuem informação a respeito do que ocorre durante a fase de leitura.

segmento escrito que resulta no segmento equivalente que é mantido na versão final do TA. Em outras palavras, a macro UT é operacionalizada como uma entidade que engloba todos os segmentos de produção textual em que se redige, se substitui ou se exclui segmentos do TA equivalentes ao mesmo segmento do TF.

Neste trabalho, desenvolvemos um sistema computacional para auxiliar o processo de anotação dessas unidades, agrupando-as em subtipos. Temos como objetivo identificar os padrões típicos de revisão de tradutores profissionais e, com isso, entender melhor o modo como os tradutores criam equivalência entre o TF e o TA.

1.3 Fases da Tradução

Flower e Hayes (1981) identificaram padrões recursivos no processo de escrita, ou seja, que um texto é composto sobre si mesmo com passos de planificação, redação e revisão que se sobrepõem uns aos outros sem que uma ordem sequencial tenha prioridade sobre outra. Existe, contudo, uma organização hierárquica para o processo cognitivo de escrita em que a recursividade é monitorada pelo escritor enquanto este avança de um passo para o seguinte.

Em complementação ao modelo de monitoração de Flower e Hayes (1981), Schilperoord (1996), com base nos trabalhos de Van den Bergh e Rijlaarsdam (1996), introduz o conceito de fase de redação e considera uma recursão durante a fase de redação do texto significativamente diferente de outra que ocorrer em outro momento qualquer. Para ele, a escrita é melhor descrita se considerarmos o tempo total dedicado à tarefa de escrever em contraste com o tempo dedicado à digitação e o tempo gasto com pausas. Schilperoord observa que as pausas não se encontram distribuídas de forma equilibrada ao longo do processo de produção textual. Pelo contrário, tendem a se concentrar em fases passíveis de identificação. Assim, os padrões resultantes da alternância entre passos de digitação e pausas são definidos como sendo o ritmo cognitivo dos escritores.

Jakobsen (2002) introduz a noção de ritmo cognitivo nos estudos da tradução, identificando três fases nesse processo: orientação, redação e revisão. Segundo Alves (2005a), sendo a tradução um processo de escrita – de produção textual – é possível identificar no processo de tradução os mesmos padrões recursivos observados por Flower e Hayes. Alves adiciona que, usando métodos investigativos não invasivos como o Translog®, podemos identificar as pausas e usá-las como dados para construir uma teoria

cognitiva da tradução. Esta é também a proposta de Jakobsen (2002), que aplica o trabalho de Schilperoord para o estudo do processo de produção textual em tradução.

Com seu trabalho, Jakobsen (2002) propõe que se verifique a hipótese de que o ritmo cognitivo de tradutores novatos e experientes apresente diferenças marcantes na monitoração de uma tarefa de tradução. Em outras palavras, Jakobsen se propõe a investigar se as pausas de tradutores novatos e experientes realmente são distribuídas com padrões diferentes pelas fases de orientação, redação e revisão.

Como operacionalização do conceito de fases, durante um experimento de laboratório com sujeitos tradutores, a fase de orientação tem início com o aparecimento do TF na tela e termina com a entrada da primeira letra no TA. São desconsiderados os toques de tecla de navegação usados para rolar o TF e os eventos de mouse anteriores à entrada da primeira letra, porque esses eventos ocorrem tipicamente quando o TF não é visível por inteiro na tela do computador. Jakobsen ressalva que sua delimitação da fase de orientação está sujeita a controvérsias, haja vista o fato de que, mesmo após a digitação da primeira letra do texto de chegada, o sujeito tradutor continua a orientar-se com relação à tradução em curso.

A fase de redação, por sua vez, começa com o término da fase de orientação e termina quando o sujeito tradutor redige uma pontuação ou palavra no TA equivalente à última pontuação ou palavra do TF. Jakobsen (2002) operacionaliza a identificação do término da fase de redação como sendo o ponto no registro de teclado em que o sujeito tradutor tipicamente move o cursor com teclas de navegação ou com o mouse por todo o TA a fim de obter uma visão global do trabalho realizado. Nessa fase, observam-se redações, exclusões e substituições de texto ora por eventos de teclado ora por eventos de mouse.

Por fim, a fase de revisão começa com o término da fase de redação e termina quando o sujeito tradutor decide que a versão do TA presente na tela é a versão final de sua tradução. Jakobsen observa que a produção textual é mais lenta nessa terceira fase, uma vez que o sujeito tradutor dedica a maior parte do seu esforço cognitivo à monitoração do texto produzido. Essa fase tipicamente inclui consultas ao texto de partida como forma de avaliar a qualidade da tradução. Durante a revisão, segmentos do TA podem ser modificados radicalmente e marcadores de lugar podem ser substituídos por equivalentes tradutórios.

Quanto à fase de revisão, Lorenzo (2003) observa que os tradutores novatos demonstram não conseguir monitorar a produção do TA e que suas tentativas de revisão frequentemente são frustradas e às vezes levam a versões finais piores que as intermediárias. Por isso, defende a importância de se diferenciar a fase de revisão da tradução das fases de orientação e redação, uma vez que a revisão apresenta um ritmo cognitivo completamente diferente daquele observado na fase de redação.

1.3.1 Durabilidade

Alves, Magalhães e Pagano (2003) defendem que quanto mais experiente for o tradutor, maior será sua capacidade de monitorar o próprio processo cognitivo de tradução e, portanto, mais otimizado será o seu ritmo cognitivo. Segundo os autores, os textos produzidos por tradutores experientes são mais adequados à tarefa de tradução e sua capacidade de monitorar a tradução pode ser indiretamente observada pelos seus comentários retrospectivos meta-reflexivos sobre decisões tomadas durante a produção do TA.

Quanto à otimização do processo tradutório, amparado pela divisão do processo em fases, Jakobsen (2002) observa que os segmentos de texto produzidos por tradutores experientes duram mais frequentemente até a versão final sem serem substituídos ou excluídos do que os segmentos produzidos por tradutores novatos. Essa durabilidade dos segmentos não implica que, uma vez que o tradutor tome uma decisão, ele não vá a rever mais adiante. Königs (1987) e Alves (1995), ao separarem o processo de tradução em dois grandes blocos, o bloco automático e o bloco reflexivo, já apontavam para o fato de que segmentos produzidos automaticamente podem ser prejudiciais ao produto da tradução devido à sua baixa frequência de substituição e exclusão. Segundo Alves (2005a), a durabilidade relevante para caracterizarmos os tradutores experientes é a que ocorre entre a versão do TA no início da revisão e a versão do mesmo no fim da revisão. Nesse significado, Alves (2005a) verifica empiricamente a hipótese de que os tradutores experientes chegam a uma versão coesa e coerente do TA no fim da redação adequada à tarefa de tradução enquanto tradutores novatos chegam a um versão pouco coesa e incoerente nesse mesmo momento da tradução. Além disso, Alves (2005a) observa que, independente de os textos sofrerem revisões que os modifiquem substancialmente, os textos produzidos por tradutores experientes são relativamente mais duráveis após o

término da fase de redação. Outros trabalhos posteriores adotaram o mesmo conceito de durabilidade ao fim da fase de redação (BUCHWEITZ e ALVES, 2006; ALVES e GONÇALVES, 2007; RODRIGUES, 2009).

Neste trabalho, contudo, não nos restringiremos a identificar que os tradutores são experientes a partir da versão intermediária do texto no início da fase de revisão. Temos também como objetivo expandir o nosso entendimento da durabilidade ao identificar os tipos de revisão executados por tradutores profissionais nas fases de redação e revisão.

1.4 Estratos das Línguas

Para observarmos mais refinadamente esses tipos de revisão no processo de tradução, é necessário entender a língua enquanto um sistema semiótico de múltiplos estratos que se relacionam por meio de **realização** e **construção**. Na Gramática Sistêmico-Funcional de Halliday e Matthiessen (2004), as línguas humanas são modeladas como sistemas semióticos estratificados que nos permitem realizar e construir significados com sons, riscos e gestos:

Quando falamos que traços das estruturas **realizam** opções de sistemas, este é um exemplo de uma relação genérica que se aplica a toda a língua. A **realização** ocorre porque a língua é um sistema estratificado. (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004 p.24)⁷

Na protolíngua dos bebês, que não apresenta o polo gramático, os componentes são signos simples; por exemplo, o significado «me dá» é **expresso** diretamente por um som como /nananana/ ou por um certo gesto. Aqui temos somente dois estratos: o estrato do conteúdo e o estrato da expressão. (HALLIDAY, 1975 apud HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004 p.24)⁸

Para analisar um sistema semiótico primário, como as protolínguas dos bebês, que consistem somente em conteúdo e expressão, podemos usar o termo **exprimir** [para designar o processo do falante]. Já para analisar um sistema semiótico de múltiplos estratos, esse termo não é mais apropriado; nós não podemos dizer que os fraseados exprimem significados [uma vez que fraseados não são expressão]. Por isso, é necessário o uso de um termo técnico distinto: **[realizar]**. (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004 p.26)⁹

⁷ Minha Tradução: *When we speak of structural features as 'realizing' systemic choices, this is one manifestation of a general relationship that pervades every quarter of language. Realization derives from the fact that a language is a stratified system.* (HALLIDAY, 2004 p.24)

⁸ Minha Tradução: *In infants' protolanguage, which has as yet no grammar in it, the elements are simple signs; for example, a meaning 'give me that!' is expressed directly by a sound, like nananana, or maybe by a gesture of some kind. Here, we have just two strata, a stratum of content and a stratum of expression.* (HALLIDAY, 2004 p.24)

⁹ Minha Tradução: *With a primary semiotic system, like the infant protolanguage, consisting only of content and expression, we could still use the word 'express'. But with a higher order (multistratal) semiotic this is no longer appropriate; we could not really say that wording "expresses" meaning. Hence the use of a distinct technical term.* (HALLIDAY, 2004 p.26)

Os sons e gestos dos bebês **exprimem** significados. Já os fraseados falados e escritos pelos adultos **realizam** significados e os mesmos fraseados, quando lidos e ouvidos pelos adultos, **constroem** significados. Assim, na perspectiva do falante/escritor, sons e riscos **realizam** a fala e a escrita, as quais, por sua vez, **realizam** fraseados, os quais, por fim, **realizam** significados. Já na perspectiva do ouvinte/leitor, sons e riscos **constroem** a audição e a leitura, as quais, por sua vez, **constroem** fraseados, os quais, por fim, **constroem** significados.

As línguas dos adultos são mais complexas. Por um lado, [seu estrato de] expressão apresenta dois modos: o da fala e o da escrita. Por outro lado e mais importante, [as línguas dos adultos] são mais estratificadas. (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004 p.24)¹⁰ Tomando o som (língua falada/ouvida) como base, a estratificação [da expressão] ocorre entre uma fonética, enquanto interface com os recursos corporais de fala e de audição, e uma fonologia, enquanto organização dos sons falados/ouvidos] em estruturas e sistemas. (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004 p.25)¹¹ O conteúdo se divide em dois: uma lexicogramática e uma semântica (HALLIDAY, 1984 apud HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004 p.24; HALLIDAY e MATTHIESSEN, 1999 apud HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004 p.24)¹².

Sob essa estratificação, no estrato dos signos (*stratum of signing*)¹³, o estrato dos sons falados/ouvidos ou riscos escritos/lidos, identificamos padrões nos sons falados que nos permitem separar as vozes dos ruídos do ambiente e identificamos padrões nos riscos escritos que nos permitem separar os glifos das texturas das superfícies. Esses padrões, as vozes e os glifos, são o estrato físico em que ocorre a interface entre as organizações internas da língua e os recursos linguísticos do corpo humano.

No modo falado das línguas humanas, Halliday e Mattiessen (2004, p.24) propõem a divisão da expressão entre fonética e fonologia e sugere que a mesma divisão tenha ocorrido na escrita. Por um lado, dão o nome de **fonologia** ao sistema de fala e o nome de **grafologia** ao sistema de escrita, respectivamente à organização dos signos falados e

¹⁰ Minha Tradução: *Adult languages are more complex. For one thing, they may have two alternative modes of expression, one of sounding (i.e. speech) and one of writing. More significantly, however, they have more strata in them.* (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004 p.24)

¹¹ Minha Tradução: *Taking sound (spoken language) as the base, the stratification is into **phonetics**, the interfacing with the body's resources for speech and for hearing, and **phonology**, the organization of speech sound into formal structures and systems.* (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004 p.24)

¹² Minha Tradução: *The 'content' expands into two, a lexicogrammar and a semantics.* (HALLIDAY, 1984 apud HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004 p.24; HALLIDAY e MATTHIESSEN, 1999 apud HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004 p.24)

¹³ Halliday e Mattiessen (2004) usam os verbos *signing* e *sounding* (p. 25) para o primeiro estrato. Não usam nenhum verbo para o modo escrito do estrato dos signos.

escritos das línguas. Por outro, nomeiam somente a interface com os órgãos fonéticos em seu trabalho: a **fonética**; não havendo nenhum nome para o equivalente na língua falada.

Neste trabalho, damos o nome de **grafia** à interface com os recursos do corpo para a escrita e para a leitura. A divisão da expressão em dois estratos consiste em fonologia e fonética para a língua falada e em grafologia e grafia para a língua escrita. Quanto ao estrato gráfico, temos, no mínimo, duas modalidades de grafia: a escrita à mão e a digitação, respectivamente quirografia e dactilografia. Nos experimentos desta pesquisa, a grafia usada foi a dactilografia¹⁴.

Acima do estrato físico, identificamos padrões na voz como fonemas, intonação e ritmo e identificamos padrões no glifo como letras, marcas, espaços e controles. No estrato da fala, os fonemas compõem compassos rítmicos e os compassos compõem curvas melódicas. No estrato da escrita, letras compõem palavras, palavras e espaços compõem sentenças enquanto sentenças e controles compõem parágrafos. Os padrões de composição observados no estrato da fala (fonologia) e no estrato da escrita (grafologia)¹⁵ são duas faces do mesmo fenômeno: a constituição/composição. A constituição da fala em níveis hierárquicos se assemelha à constituição da escrita. Halliday e Matthiessen (2004) apresentam essas constituições:

[Em qualquer texto que escutarmos], ouviremos uma melodia contínua com tons ascendentes e descendentes e com certos momentos proeminentes marcados ora por uma mudança brusca de tom ora por monotonia. Esses momentos de proeminência interrompem o progresso da melodia e delimitam unidades melódicas denominadas **linhas** ou **curvas melódicas**; já dentro do progresso da melodia conseguimos identificar uma batida aproximadamente regular que delimitam unidades rítmicas denominadas **compassos**. As linhas e os compassos do verso métrico são somente versões regulares das mesmas propriedades encontradas na fala. (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004 p.5)¹⁶

Os sistemas de escrita, durante sua evolução milenar, passaram a modelar a hierarquia de constituintes da língua falada com o desenvolvimento de uma escala de nível própria. Assim, na escrita inglesa moderna, temos a **sentença** que começa com uma letra maiúscula e termina com uma marca de pontuação final; temos a **sub-sentença** que é delimitada por marcas de pontuação

¹⁴ Classificamos as revisões de dactilografia. Essas categorias não se aplicam às revisões de escrita à mão.

¹⁵ Halliday e Matthiessen usam os verbos *speech/speaking* e *writing* para o segundo estrato.

¹⁶ Minha Tradução: *If we listen to any of these texts – to any text, in fact – in its spoken form, we will hear continuous melody with rising and falling pitch, and with certain moments of prominence marked by either relatively rapid pitch changes or extended pitch intervals. These moments of prominence define a snatch of melody – a melodic unit, or **line**; and within this melodic progression we will be able to pick up a more or less regular beat, defining some rhythmic unit, or **foot**. We can perhaps recognize that the 'line' and the 'foot' of our traditional verse metres are simply regularized versions of these properties of ordinary speech.* (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004 p.5)

intermediária: dois-pontos, ponto-e-vírgula e vírgula; temos a **palavra** que é delimitada por espaços e a **letra**. (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004 p.6)¹⁷

Quem escreve sobre gramática frequentemente não deixa claro quando discorre sobre unidades grafológicas e sobre unidades gramáticas. Para evitar ambiguidades, usaremos termos distintos (o que já é praxe na Linguística Sistemico-Funcional). Usaremos **sentença** e **sub-sentença** somente para referir unidades grafológicas. Ao referir unidades gramáticas, usaremos exclusivamente o termo **oração** (clause). Quando um número de orações estiverem gramaticamente conectadas, usaremos o termo **complexo de orações** e cada conexão dentro de um complexo de orações será um **nexo entre orações**. (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004 p.8)¹⁸

Somos ainda capazes de identificar outro estrato de padrões sobre esses dois estratos: o estrato dos fraseados (*stratum of wording*) ou lexicogramática. Somos capazes de identificar padrões na hierarquia de níveis da fala e da escrita. Identificamos vocábulos que compõem grupos e frases, que por sua vez compõem orações. Muitas vezes identificamos padrões complexos de vocábulos, de grupos e frases e de orações, padrões de composição que se encontram dentro de um único nível da escala de níveis.

Mais uma vez, somos capazes de identificar outro estrato de padrões sobre o estrato anterior: o estrato dos significados (*stratum of meaning*) ou semântica. Somos capazes de identificar figuras compostas por elementos e conseguimos organizar essas figuras em sequências lógicas. Conseguimos identificar o tipo de interação entre o falante/escritor e seus ouvintes/leitores a cada momento. Conseguimos ainda identificar padrões que nos permitem construir um texto, uma unidade de significado, com as várias sequências de figuras.

1.4.1 Palavra e Vocábulo

Atentemos para o fato de que, ao contrário da prática mais frequente na Teoria Sistemico-Funcional de usar o termo *word* indistintamente para *written word* e para *lexicogramatical*

¹⁷ Minha Tradução: *As writing systems evolved, they gradually came to model the constituent hierarchy of spoken language, by developing a rank scale of their own. Thus, in modern English writing, we have the **sentence** (beginning with a capital letter and ending with a full stop), **sub-sentence** (bounded by some intermediate punctuation mark: colon, semicolon or comma), **word** (bounded by spaces) and **letter**.* (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004 p.6)

¹⁸ Minha Tradução: *It is often uncertain whether someone writing about grammar is talking about graphological units or grammatical units. To avoid this confusion we shall call them by different names (as has become the usual practice in systemic functional grammar). We will use **sentence** and **sub-sentence** to refer only to units of orthography. In referring to grammar we will use the term **clause**. When a number of clauses are linked together grammatically we talk of a **clause complex** (each single linkage within a clause complex can be referred to as one **clause nexus**).*

*word*¹⁹, neste trabalho, optou-se por distinguir o termo **palavra** – *written word, graphic word, orthographic word* – enquanto uma sequência de letras e o termo **vocábulo** – *lexical word, grammatical word* – enquanto item léxico ou gramático, enquanto opção de um conjunto ou de um sistema, enquanto um recurso da lexicogramática.

A distinção entre palavra e vocábulo é importante neste trabalho, pois ela nos permite registrar e quantificar o estrato em que uma operação de revisão ocorre. Quando, por exemplo, um tradutor revisa o seu texto e substitui os caracteres "sagnue" por "sangue", ele executa uma revisão de dactilografia com a substituição de uma sequência de signos por outra sem alterar a palavra nem o vocábulo realizado. Quando o tradutor substitui as palavras "auto-teste" por "autoteste" e as palavras "não diabético" por "não-diabético", ele executa simultaneamente uma revisão de grafologia com substituição de uma palavra por outra sem alterar o vocábulo realizado. Já quando o tradutor substitui o vocábulo "fita" por "tira", ele executa uma revisão de lexicogramática com a substituição de um vocábulo por outro. A primeira revisão atinge somente o estrato dos signos. A segunda, o estrato da escrita. Enquanto isso, a terceira atinge também o estrato dos fraseados.

1.4.2 Congruência (*Congruence*) e Diretude (*Directness*)

Dentro do estrato dos significados, Halliday e Matthiessen (2004) distinguem quatro metafunções: a metafunção dos textos (*textual*), das interações (*interpersonal*), das ideias (*ideational*) e dos nexos (*logical*). A metafunção das ideias é um recurso usado para construir a nossa experiência do mundo que nos circunda e que somos. Na representação congruente, a gramática constrói figuras compostas de elementos. Na representação metafórica, a gramática remapeia as ideias, i. e. remapeia sequências em figuras e figuras em elementos. A metáfora da gramática na metafunção ideacional, portanto, consiste em um remapeamento das sequências em figuras e das figuras em elementos.

Durante a tradução, os tradutores frequentemente substituem segmentos metafóricos do TF por segmentos mais congruentes (menos metafóricos), ou seja, optam por escrever um texto com uma representação mais congruente e não tão metafórica quanto a do texto-fonte. O Exemplo 1, retirado da tradução do texto-fonte alemão (TFA) pelo tradutor SA1²⁰, ilustra esse tipo de revisão de congruência:

¹⁹ Segundo Halliday (2004) a correspondência entre as duas categorias é grande o suficiente, porque ambas são igualmente fuzzy. Contudo, a categoria *written word*, como definida, não é fuzzy.

²⁰ O nome dos sujeitos e dos textos-fontes e dos textos-alvos são explicados na metodologia.

Exemplo 1: SA1-TFA

: aparelho **medidor de glicose**

: aparelho **para medir sua glicemia**

medidor de glicose ~ para medir sua glicemia

Nesse exemplo, ambos os trechos negritos – tanto o trecho redigido inicialmente quanto o trecho revisto – qualificam o aparelho quanto à sua finalidade. Contudo, enquanto *medidor de glicose* representa um elemento em uma categoria, *para medir sua glicemia* representa uma figura em que o ouvinte usa o aparelho. Vejamos outro exemplo, retirado da tradução do texto-fonte alemão pelo tradutor SA6:

Exemplo 2: SA6-TFA

: recomenda-se conferir o resultado **com uma repetição da medição**

: recomenda-se conferir o resultado **repetindo-se a medição**

com uma repetição da medição ~ repetindo-se a medição

No Exemplo 2, ambos os trechos negritos representam o modo como se recomenda conferir o resultado. Contudo, enquanto *com uma repetição da medição* representa um elemento, o procedimento com que se deve conferir o resultado, *repetindo-se a medição* representa uma figura em que os examinadores repetem a medição.

Assim, a metáfora gramatical na metafunção ideacional como proposta por Halliday e Matthiessen (2004) inclui o remapeamento das sequencias em figuras e das figuras em elementos. Contudo, observa-se outro tipo de remapeamento de ideias na metafunção das ideias que, para alguns teóricos, não se confunde com a congruência. Steiner (2005), com base na oposição entre representação direta e indireta de House (2002), define a representação direta como sendo aquela em que o modo, o lugar e o tempo são mapeados em circunstâncias, em que pessoas, animais e objetos são mapeados em participantes de processos e em que eventos, falas, pensamentos e relações são mapeados em processos. Quão mais distante dessa correspondência, mais indireta é a representação.

Observa-se que os tradutores também revisam os seus textos substituindo versões menos diretas por versões mais diretas. As revisões de diretude não são observadas tão frequentemente quanto as de congruência, mas constituem um conjunto bem delimitado de

ocorrências. O Exemplo 3, retirado da tradução do texto-fonte alemão pelo tradutor SA1, ilustra esse tipo de revisão:

Exemplo 3: SA1-TFA

: é recomendável que você **repita a determinação de** sua glicemia

: é recomendável que você **determine mais uma vez** a sua taxa glicêmica

repita a determinação de ~ determine mais uma vez

O Exemplo 3 contém um remapeamento que não consiste em remapear uma sequência em uma figura nem uma figura em um elemento. O remapeamento consiste em remapear na circunstância *mais uma vez* a repetição antes mapeada no processo *repita* e em remapear no processo *determine* e no participante *sua glicemia* a ação e o objeto antes mapeados no escopo *a determinação* e no participante *de sua glicemia*.²¹

Não obstante, o remapeamento que os tradutores fazem nos textos é sutil. Eles não escrevem o TA com uma representação de fato congruente e direta. Podemos, para caracterizar a metáfora gramatical, imaginar versões progressivamente mais congruentes até a mais congruente de todas como disposto no Exemplo 4. Contudo, o que se observa em traduções não é um remapeamento tão drástico, mas sim um remapeamento que torna o texto ligeiramente mais congruente ou mais direto. No Exemplo 4, temos uma gradação artificial para fins ilustrativos de alguns dos possíveis graus de metaforicidade.

Exemplo 4: Especulativo

: recomenda-se conferir o resultado com uma repetição da medição

: recomenda-se conferir o resultado repetindo-se a medição

: recomenda-se conferir o resultado medindo-se novamente

: recomendamos conferir o resultado medindo novamente

: confira o resultado medindo novamente

: meça novamente para conferir o resultado

: mede de novo para conferir o resultado

: mede de novo para ver se está certo

²¹ A distinção entre congruência e diretude será discutida no Capítulo 5.

No Exemplo 4, temos uma substituição progressiva de versões metafóricas de uma recomendação por versões mais congruentes. Primeiramente, tomando o verbo *conferir* como modelo, temos as seguintes estruturas/formas: *recomenda-se conferir*, *recomendamos conferir*, *confira* e *confere*. Essas opções integram um sistema estendido do modo como o escritor estabelece uma relação com os seus leitores, sendo mais metafórico mapear o modo em processos cujos participantes são o escritor e seus ouvintes em vez de representá-lo congruentemente em opções de sistemas gramáticos. Entre a versão 2 e a versão 3, temos um ajuste de diretude em que a repetição, antes mapeada em um processo, foi remapeada em uma circunstância. Já entre a versão 5 e a versão 6, temos outro ajuste de diretude em que se remapeia umnexo de modo em umnexo de fim. Se antes se recomendava atingir um fim por certos meios, passou-se a recomendar a execussão de um procedimento para se atingir um fim, o que é um mapeamento mais direto. Por fim, entre a penúltima versão e a última, observa-se uma substituição de um elemento (o resultado) por uma figura (se está certo), o que acarreta uma representação mais congruente da recomendação. As opções léxicas entre *novamente* e *de novo* e entre *conferir* e *ver* acompanham de modo ilustrativo os registros em que cada versão é esperada.

1.4.3 Implicações

Como modelamos a língua como um sistema multi-estratificado, conseguiremos observar isoladamente as revisões ocorridas em cada estrato da língua. Observaremos separadamente as revisões de dactilografia, de grafologia, de lexicogramática e de semântica. Será demonstrado que as revisões em cada estrato se distribuem de modo distinto ora segundo o sujeito tradutor, ora segundo a língua do texto-fonte.

Capítulo 2: Metodologia

Neste capítulo, descrevo a metodologia da pesquisa de *corpus*. Na seção 2.1, informo como foram escolhidos os textos-fontes dos experimentos. Na seção 2.2, informo como foram escolhidos os sujeitos tradutores e os codinomes usados para sua identificação. Na seção 2.3, descrevo o projeto dos experimentos. E, na seção 2.4, faço uma explanação do procedimento de anotação tanto no que concerne a identificação de macro-unidades de tradução quanto no que concerne as categorias usadas durante a anotação. Na seção 2.5, apresento a ferramenta *Litterae* desenvolvida durante este trabalho para anotarmos registros de teclado.

2.1 Textos-Fontes

Esse trabalho reusa dois textos-fontes do estudo de Renata R. Rodrigues (2009) integrante do projeto SEGTRAD em que foram selecionados um texto-fonte em inglês (TFI) e um em alemão (TFA, cf. Anexo I) do mesmo tipo (manual de instrução) com aproximadamente 500 palavras cada um. Ambos os textos apresentavam semelhantes estruturas gramáticas e semelhante precisão léxica e foram retirados de manuais de instrução de um medidor de glicose.

Verificamos e constatamos que não havia uma versão oficial dos textos em português nem uma versão não-oficial em português publicada na Internet até as datas dos experimentos de modo a garantir que os sujeitos tradutores não tivessem sido expostos a uma versão oficial antes da tarefa tradutória e não pudessem apoiar sua tradução em uma versão não-oficial durante a mesma.

2.2 Sujeitos Tradutores

Este trabalho reusa os dados coletados no estudo de Renata R. Rodrigues (2009) integrante do projeto SEGTRAD em que foram selecionados doze tradutores profissionais que tivessem a tradução como principal fonte de renda e que tivessem exercido a profissão há pelo menos cinco anos: seis tradutores de alemão para português e seis tradutores de inglês para português.

Conforme procedimento adotado pelo Grupo PACTE, cada sujeito foi remunerado pelos serviços prestados. Adota-se esse procedimento para que a execução da tarefa de

tradução se aproxime ao máximo das condições habituais de uma atividade profissional rotineira. Assim, em conformidade com o Grupo PACTE, também consideramos que a remuneração contribua para a validade ecológica da pesquisa, uma vez que desta forma a tarefa tradutória passa a ser tratada como um exercício profissional e não voluntário.

Os sujeitos realizaram a tarefa de tradução em seus próprios ambientes de trabalho, i. e. em locais onde estão acostumados a trabalhar. Quando as tarefas não eram realizadas em suas residências ou no local de trabalho, elas eram feitas no LETRA, onde buscou-se reproduzir condições similares às que os tradutores estão habituados.

A Tabela 1 apresenta os codinomes que usamos neste trabalho e nas análises de Renata R. Rodrigues (2009) para referirmos os sujeitos tradutores.

Sujeito Tradutor	Ambiente	Codinome
Tradutor de Alemão 1	Translog®	SA1
Tradutor de Alemão 2	Translog®	SA2
Tradutor de Alemão 3	Translog®	SA3
Tradutor de Alemão 4	Translog®	SA4
Tradutor de Alemão 5	Translog®	SA5
Tradutor de Alemão 6	Translog®	SA6
Tradutor de Inglês 1	Translog®	SI1
Tradutor de Inglês 2	Translog®	SI2
Tradutor de Inglês 3	Translog®	SI3
Tradutor de Inglês 4	Translog®	SI4
Tradutor de Inglês 5	Translog®	SI5
Tradutor de Inglês 6	Translog®	SI6

Tabela 1 – Codinomes

2.3 Projeto dos Experimentos

Seguindo a metodologia de triangulação proposta por Jakobsen (1999) e por Alves (2001), nos experimentos realizado no projeto SEGTRAD que incluem os experimentos estudados por Renata R. Rodrigues (2009), os doze sujeitos receberam a tarefa de traduzir em ambiente Translog® um manual de instruções em alemão ou em inglês da língua-fonte para português, enquanto registros de teclado eram gravados em arquivos no formato .log. Durante esses experimentos, os sujeitos tiveram acesso a diferentes fontes externas, tais como Internet e dicionários impressos. Logo após a realização da tarefa de tradução, foram gravados em formato .wav os relatos retrospectivos dos sujeitos sobre a execução da tarefa tradutória enquanto assistiam a reprodução da escrita dos textos-alvos na tela do computador usando a função *replay* do programa Translog®. Em seguida, eles

responderam oralmente a um questionário sobre a execução dessa tarefa. Posteriormente, os relatos retrospectivos e as respostas dos questionários foram transcritos, gravados em formato .txt e analisados por Renata R. Rodrigues (2009) juntamente com os registros .log. Desse modo, foram obtidos tanto dados empíricos do comportamento dos tradutores durante a execução da tarefa tradutória quanto as representações verbais que eles realizaram sobre execução dessa tarefa.

Neste trabalho, são reusados os registros que foram gerados e gravados em arquivos no formato .log pelo Translog® 2000 (versão 1.0) durante os experimentos de Renata R. Rodrigues (2009). Os arquivos .log desses registros foram abertos pelo programa Translog® 2006 (versão 2.0) e seus registros foram gravados por esse programa em arquivos no formato .xml. Em seguida, os arquivos .xml dos registros foram levantados para o programa Corprat Enrich, onde os registros foram anotados segundo o procedimento de análise descrito na próxima seção.

O Translog® 2006 foi usado nessa etapa para converter arquivos de formato .log em arquivos de formato .xml porque o Translog® 2000 grava registros em arquivos somente no formato .log e porque o sistema Litterae importa arquivos somente de formato .xml. Esse procedimento de conversão não será mais necessário quando novos experimentos forem realizados e salvos pelo Translog® 2006.

2.4 Procedimentos de Análise

A análise de Renata R. Rodrigues (2009) dos registros de teclado reanalisados neste trabalho consistiu em categorizar as microunidades de tradução da fase de redação segundo os níveis hierárquicos da lexicogramática, descartando as revisões relativamente pouco frequentes que ocorrem nessa fase. Em outras palavras, Renata R. Rodrigues classificou os segmentos de redação inicial, as micro unidades em que se redigiu algo novo durante a fase de redação. Sua análise contém cinco categorias para classificar os passos de redação: palavra, grupo, oração, complexo oracional e transsentencial.

Neste estudo de corpus, que é complementar ao trabalho de Renata R. Rodrigues (2009), concentramo-nos nas outras microunidades de tradução ainda não analisadas, as micro-UTs em que o tradutor revê o que está escrito, ou seja, em que se substitui ou se elimina algo escrito anteriormente. Em outras palavras, enquanto o objeto do estudo de Renata R. Rodrigues são os segmntos inicialmente redigidos, o objeto deste estudo são as

revisões desses segmentos – que ocorrem tanto durante a fase de redação quando durante a fase de revisão final – que podem ser observados coletivamente como macro-UTs.

2.4.1 Convenções de Anotação

Para compreendermos uma macro-UT, as informações mais relevantes são o segmento redigido inicialmente, o segmento resultante de cada revisão e as revisões que foram feitas. Neste trabalho, adota-se a convenção de iniciar cada segmento redigido ou revisto em linhas consecutivas iniciadas pelo símbolo ":" seguidos pela última linha que contém todas as revisões como abaixo:

Exemplo 5: SI4-TFI

: os sintomas **de** nível alto ou baixo de açúcar no sangue
 : os sintomas **que indicam** nível alto ou baixo de açúcar no sangue
 de ~ que indicam

As formas lineares com os símbolos do Translog® serão exibidas somente quando adicionarem alguma informação não visível no segmento resultante de redação ou de revisão uma vez que elas obfuscam o que ocorreu ao apresentarem detalhes da recursão da digitação. Na última linha, as revisões que ocorrem durante a fase de redação são iniciadas com o símbolo "|" e as que ocorrem durante a fase de revisão são iniciadas com o símbolo "~". Ou seja, a macro-UT acima é composta por um segmento que foi redigido durante a fase de redação e por um segmento que foi revisto durante a fase de revisão.

A Figura 1 contém uma macro-UT mais complexa:

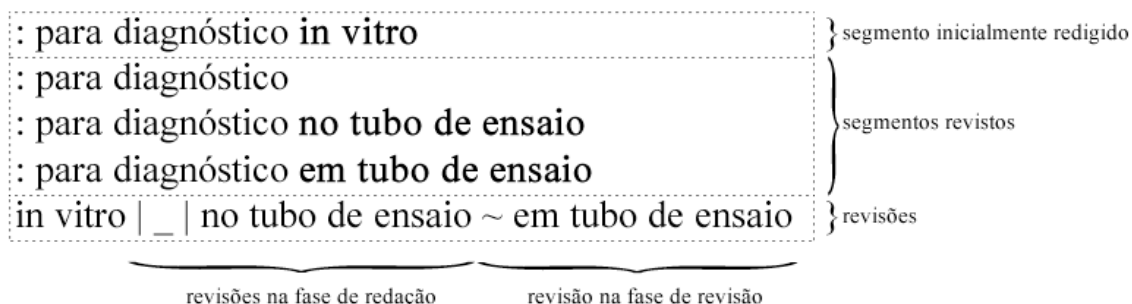


Figura 1 – Modelo de Macro-UT

A macro-UT da Figura 1 contém o segmento inicialmente redigido na primeira linha e os segmentos resultantes de cada revisão na segunda, terceira e quarta linha, todos eles iniciados pelo símbolo ":". As duas primeiras revisões ocorreram durante a fase de redação, o que é representado pelos dois símbolos "|" na última linha. Já a última revisão ocorreu durante a fase de revisão, o que é representado pelo símbolo "~".

2.4.2 Anotação de Macro-UTs

Como visto no capítulo anterior, as macro-UTs são compostas de micro-UTs, as quais, por sua vez, terminam com uma sequência de toques de tecla e movimentos de mouse registrados pelo Translog®. A primeira micro-UT de uma macro-UT é uma redação e as seguintes são revisões da redação inicial.

Devido ao caráter pioneiro deste trabalho na identificação de macro-UTs, faz-se necessário operacionalizar esse conceito de modo automatizável, preciso e reproduzível para que estudos futuros possam adotar a mesma operacionalização e obter resultados semelhantes. Contudo, a decisão por automação, precisão e reprodutibilidade nos leva a analisar o estrato da escrita e não o dos fraseados ou o dos significados. Veremos as implicações dessa decisão mais adiante nesta subseção.

O estrato da escrita, como visto no capítulo anterior, tem como menor constituinte os caracteres. Na representação Unicode usada tanto pelo Translog® quanto pelo Corprat Enrich, os caracteres da escrita podem ser letras, espaços, marcas e controles. Operacionalizando o conceito de palavra (*written word*) da Teoria Sistêmico-Funcional nessa representação, constitui palavra toda sequência de letras delimitada por espaços, marcas ou controles e constitui pontuação toda sequência de letras e espaços delimitada por marcas e controles.

Uma revisão é, então, definida como uma sequência de toques de tecla que altere ou remova uma palavra ou pontuação previamente escrita ou que altere a ordem das palavras ou pontuações previamente escritas. Uma sequência de toques de tecla que somente insira novas palavras e novas pontuações não será considerada uma revisão independente do ponto no texto em que a inserção for feita.

É importante ressaltar que essa operacionalização produz uma anotação inconsistente nos estratos dos fraseados e dos significados em alguns casos. Nos exemplos da Tabela 2.3-1, podemos observar que a adição de artigo definido – que é um item

gramático do estrato dos fraseados – é uma revisão somente quando este é realizado junto com uma preposição pela mesma palavra, ou seja, quando uma mesma palavra representa simultaneamente a preposição e o artigo. Já quando o artigo definido e uma preposição são realizados por palavras distintas, a adição do artigo não é uma revisão e sim uma redação, uma vez que palavras ou pontuações previamente escritas não são substituídas, eliminadas ou deslocadas nesse caso. Assim sendo, certos fenômenos que ocorrem não serão observados ou serão parcialmente observados ao decidirmos adotar essa operacionalização. Apesar disso, a aproximação do que é uma revisão é boa o suficiente para a maioria dos casos e é automatizável, precisa e reproduzível.²²

Tabela 2.3-1 - Classificação de Revisões e Redações

Revisão	Revisão	Revisão	Redação
: do sangue	: de sangue	: com o sangue	: com sangue
: de sangue	: do sangue	: com sangue	: com o sangue
do de	de do	o _	_ o

2.4.3 Categorias de Revisão

Neste trabalho, as revisões das macro-UTs serão classificadas segundo o estrato linguístico mais alto que atingirem: [dactilo-]grafia, grafologia, lexicogramática e semântica. Como cada estrato realiza e constrói o estrato superior, toda revisão que atingir a semântica também atingirá a lexicogramática, a grafologia e a grafia. Por isso, duas regras serão adotadas para que seja representado corretamente o estrato em que se encontra cada revisão.

As revisões de dactilografia consistem nos casos em que os tradutores pressionam uma nova sequência de teclas para digitar a mesma sequência de caracteres que haviam tentado digitar anteriormente. São nove as categorias de revisão de dactilografia encontradas neste estudo: sem tecla mirada (STM) (UT1), sem tecla mirada com tecla adjacente (STMCTA) (UT2), sem tecla mirada com tecla oposta²³ (STMCTO) (UT3), sem tecla mirada com tecla extra (STMCTE) (UT4), com tecla mirada e tecla adjacente

²² Caso a aproximação pelo estrato da escrita não seja suficiente para uma determinada pesquisa e seja necessário obter uma consistência da anotação no estrato das locuções, a automatização do processo de anotação não é possível por um programa que opere no estrato da escrita. Nesse caso, será necessário que a identificação das revisões seja feita por um linguista. Existe aqui uma opção por automatização pelo estrato da escrita em detrimento de uma consistência no estrato das locuções.

²³ Tecla sob o mesmo dedo na outra mão.

(CTMCTA) (UT5), com tecla mirada e tecla extra (CTMCTE) (UT6), sem shift (SS) (UT7), com shift (CS) (UT8) e sequência inversa (SI) (UT9).

UT 1 – SI5-TFI

: decidir quanto à condut adequada

: decidir quanto à conduta adequada

_ ~ a

UT 2 – SI4-TFI

: batimentos cardíacos aceleradosm

: batimentos cardíacos acelerados,

m | ,

UT 3 – SI1-TFI

: se os resultados não estiverem normail

: se os resultados não estiverem normais

l ~ s

UT 4 – SA2-TFA

: mas voc~e poderá sergurar o aparelho na mão

: mas você poderá segurar o aparelho na mão

~ | ^

UT 5 – SI6-TFI

: formigamento oui

: formigamento ou enfraquecimento em torno da boca ou pontas dos dedos.

ui | u

UT 6 – SA6-TFA

: Essas informações ajudam a controlar melhora sua diabetes

: Essas informações ajudam a controlar melhor sua diabetes

Shift+CapsLock | Shift

UT 7 – SA2-TFA

: [...]. retire uma nova tira de teste do tubo.

: [...]. **Retire** uma nova tira de teste do tubo.

r | R

UT 8 – SI2

: REgistre os resultados de sua tira de teste

: Registre os resultados de sua tira de teste

E | e

UT 9 – SA1-TFA

: isso significa que sua glicemia está **abia**xo de 10mg/dl

: isso significa que sua glicemia está **aba**ixo de 10mg/dl

ia ~ ai

A grafologia, por sua vez, possui três categorias de revisão: palavras, pontuações e caixas. As revisões de palavra são aquelas em que se substitui uma palavra infrequente no registro por outra similar frequente que realize o mesmo vocábulo ou a mesma estrutura. Esse tipo de revisão ocorre devido a readequação a padrões normativos de grafologia durante a redação inicial ou durante as revisões intermediárias (UT10). As revisões de pontuação são aquelas em que se substitui uma pontuação por outra (UT11) e as revisões de caixa são aquelas em que substitui a caixa de palavras entre caixa baixa, CAIXA ALTA, Caixa Titular e outRas caIXAS INfrequentes (UT12).

UT 10 – SI5-TFI

: Registre os resultados no diário de **auto-teste** incluído no kit.

: Registre os resultados no diário de **autoteste** incluído no kit.

auto-teste ~ autoteste

UT 11 – SA4-TFA

: Se, após a

: Se após o depósito da primeira gota de sangue o campo amarelo ainda não estiver [...]
 , | _

UT 12 – SI4-TFI

: Os medidores AC são fáceis de usar e você pode ajustar o Dispositivo de Lancet

: Os medidores AC são fáceis de usar e você pode ajustar o dispositivo de lanceta

Dispositivo de Lancet ~ dispositivo de lanceta

A lexicogramática possui também três categorias de revisão: marcadores de lugar, vocábulos e estruturas. Os marcadores de lugar são sequências de símbolos sem significado na língua inseridas pelo tradutor para demarcar o lugar no texto em que deve ser inserido um vocábulo ou estrutura. As revisões de marcador são aquelas em que se substitui um marcador de lugar pelo vocábulo ou estrutura cujo lugar estava marcado. Esse tipo de revisão ocorre quando o tradutor posterga a escolha do vocábulo ou estrutura que pretende usar (UT13). As revisões de vocábulo são aquelas em que um vocábulo é substituído por outro ou eliminado do texto (UT14) e as revisões de estruturas são aquelas em que uma estrutura é substituída por outra (UT15).

UT 13 – SA6-TFA

: É também possível ligar o aparelho manualmente acionando a tecla ????

: É também possível ligar o aparelho manualmente acionando a tecla **O**

???? ~ O

UT 14 – SA6-TFA

: antes de **inserir** a fita

: antes de **introduzir** a fita

inserir ~ introduzir

UT 15 – SA1-TFA

: **segurar** o dedo logo abaixo da última articulação antes da ponta do dedo

: **segure** o dedo logo abaixo da última articulação antes da ponta do dedo

segurar ~ segure

Regra I: Toda vez em que o tradutor faz uma revisão de vocábulos ou de estruturas, ele também faz uma revisão de palavras, ou seja, uma ou mais palavras são substituídas por outras. Portanto, essas revisões de palavras que são feitas para substituir um vocábulo por outro ou uma estrutura por outra devem ser desconsideradas na análise.

A semântica, por fim, possui duas categorias de revisões: congruência e diretude. As revisões de congruência são aquelas que remapeiam as figuras em sequências ou elementos em figuras, tornando a representação mais congruente. Esse tipo de revisão consiste em substituir um nível (rank) da hierarquia de constituintes por outro, em representar uma ideia em um nível diferente daquele em que ela estava representada anteriormente (UT16). Em contrapartida, as revisões de diretude são aqueles em que os tradutores remapeiam os elementos de uma figura, remapeiam um processo em um processo com um escopo, remapeiam um processo com uma meta em um processo dentre outros remapeamentos semelhantes. Tratam-se de revisões nos papéis – nos tipos de constituintes – em que as idéias são representadas (UT17).

UT 16 – SA6-TFA

: recomenda-se conferir o resultado **com uma repetição** da medição

: recomenda-se conferir o resultado, **repetindo-se** a medição

com uma repetição da [1] ~ , repetindo-se a [1]

UT 17 – SA1-TFA

: **repita a determinação de** sua glicemia

: **determine mais uma vez** a sua taxa glicêmica

repita a determinação de [1] ~ determine mais uma vez [1]

Regra II: Toda vez em que um tradutor faz uma revisão de congruência ou diretude, ele também faz revisões de vocábulos e de estruturas. Portanto, essas revisões de vocábulos e de estruturas que são feitas para substituir um nível por outro ou um papel por outro devem ser desconsideradas.

2.5 Ferramenta Litterae

Foi desenvolvido para o Laboratório Experimental em Tradução (LETRA) da Faculdade de Letras (FALE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) dentro do escopo do projeto SEGTRAD um sistema web denominado **Litterae** publicado no endereço <http://letra.letras.ufmg.br/new-litterae>, o qual é compatível com os navegadores Internet Explorer 8, FireFox 3, Safari 4, Chrome 2 e Opera 10 e pode ser usado em qualquer sistema operacional.

O sistema Litterae permite gerenciar o banco de registros de teclado do Corprat assim como anotar esses registros. Nesta seção, será demonstrado como adicionar um registro de teclado no sistema, como anotá-lo e como obter dados específicos e estatísticos.

O sistema Litterae foi desenvolvido sob uma arquitetura distribuída cliente-servidor de modo que os dados brutos e as anotações fiquem armazenadas no servidor, sejam copiadas periodicamente para meios mais seguros e sejam acessíveis de qualquer computador conectado à Internet com um navegador instalado.

Os dados brutos são mantidos separados das anotações, o que permite que uma única cópia de um dado bruto seja anotada por diferentes pesquisadores mais de uma vez segundo as necessidades de cada pesquisa sem que uma anotação interfira na outra. É ainda possível que vários pesquisadores compartilhem as mesmas anotações, revisem as anotações mutuamente e re-usem as anotações realizadas por outros pesquisadores em pesquisas anteriores.

2.5.1 Como adicionar um registro de teclado

Na primeira vez em que um usuário entra no sistema Litterae, seu espaço de dados encontra-se vazio. O primeiro passo consiste em clicar no botão Criar corpus (*Create corpus*) e dar um nome para ele. As Figuras 2, 3 e 4, ilustram esse processo.

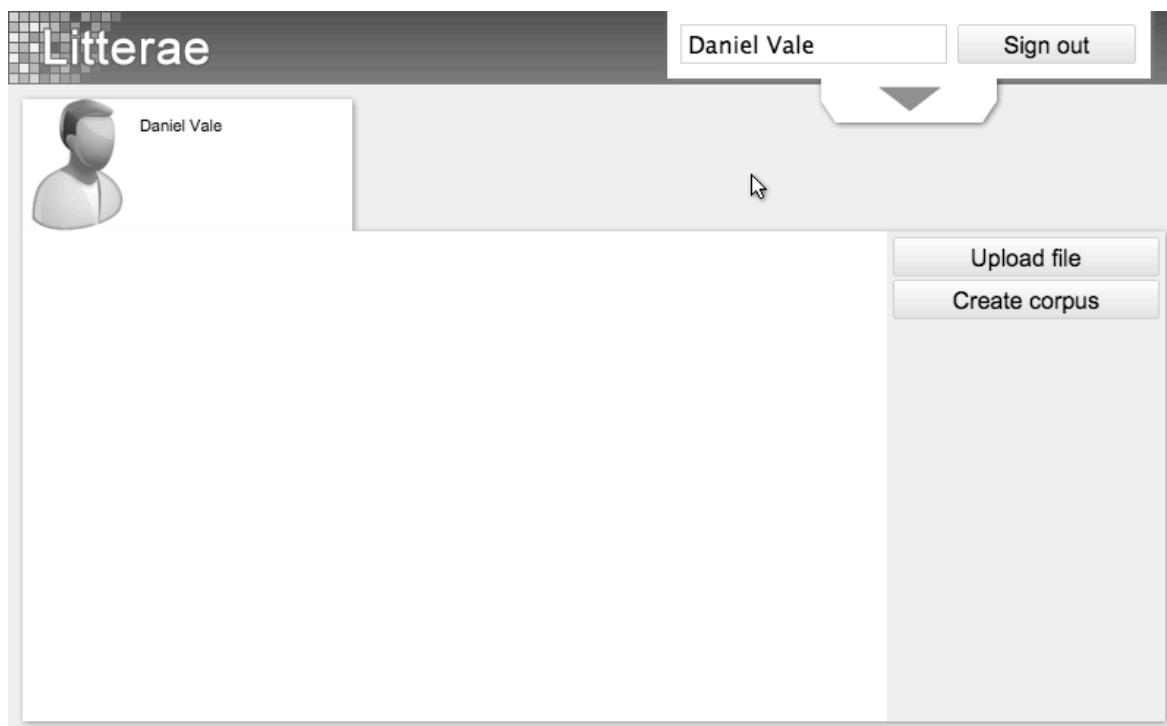


Figura 2 – Um usuário sem dados



Figura 3 – O usuário clica sobre o botão Create corpus

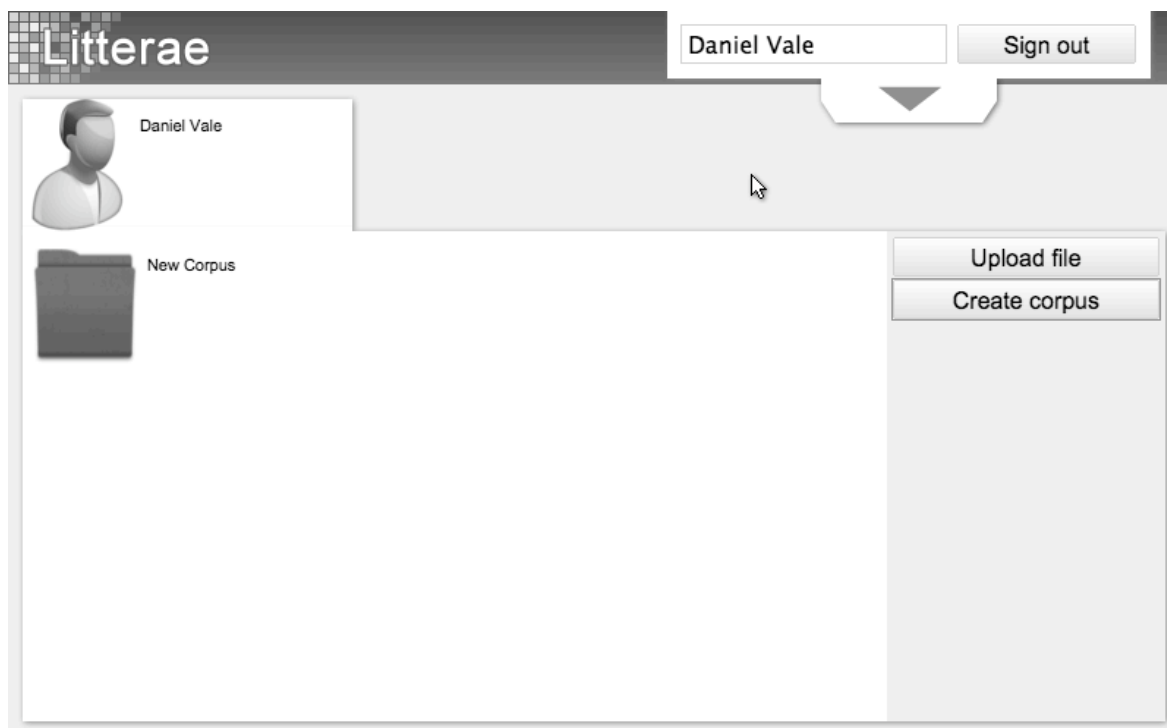


Figura 4 – O usuário tem um corpus chamado «New Corpus»

Após criar um novo corpus, o usuário deve abrir o corpus para poder renomeá-lo e adicionar registros de teclado a ele. O passo de abrir um corpus consiste em clicar sobre o ícone do corpus. As Figuras 5 e 6 ilustram esse processo.

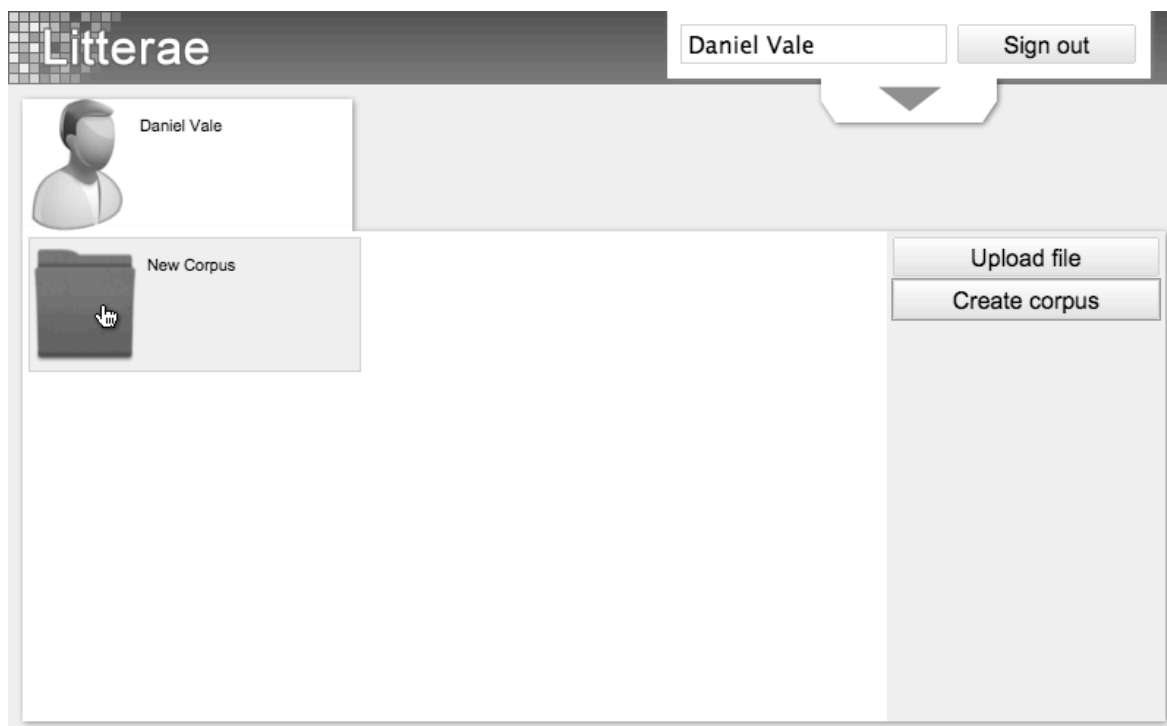


Figura 5 – O usuário clica sobre o ícone do corpus

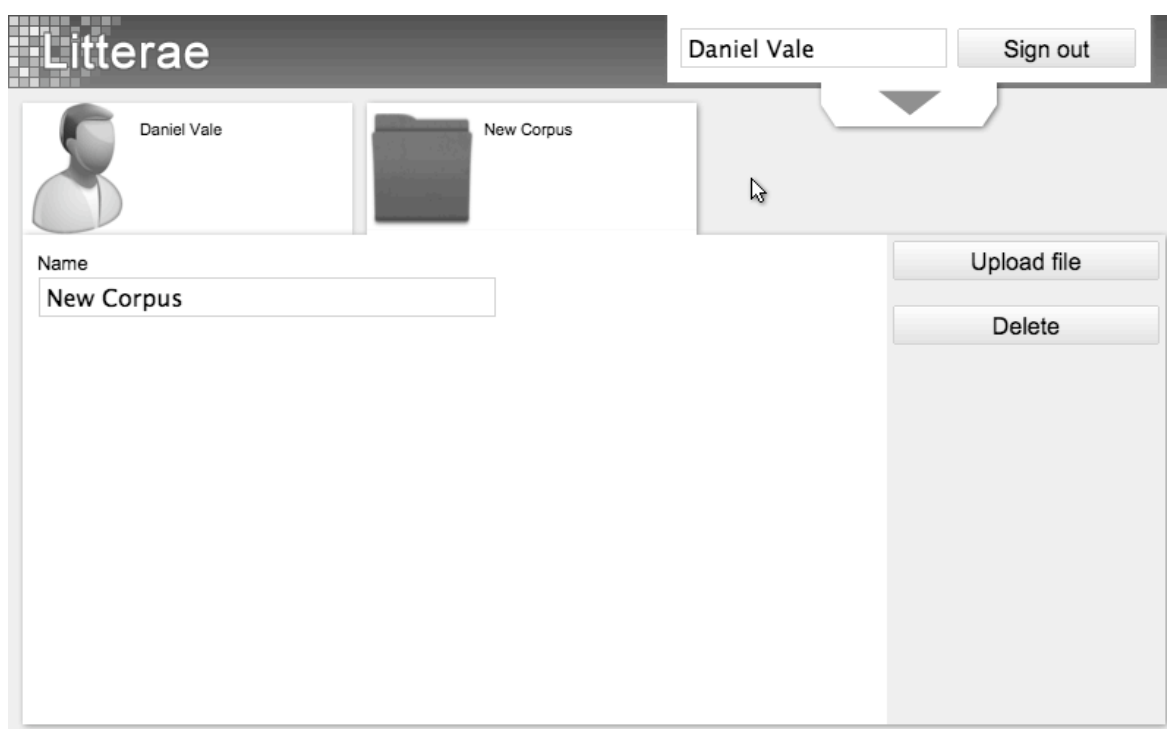


Figura 6 – O corpus do usuário está vazio

O passo de renomear o corpus consiste em clicar sobre o campo de nome do corpus, substituir o nome atual pelo novo e pressionar ENTER no Windows ou no Linux ou RETURN no MacOS. As Figuras 7, 8, 9 e 10 ilustram esse processo.

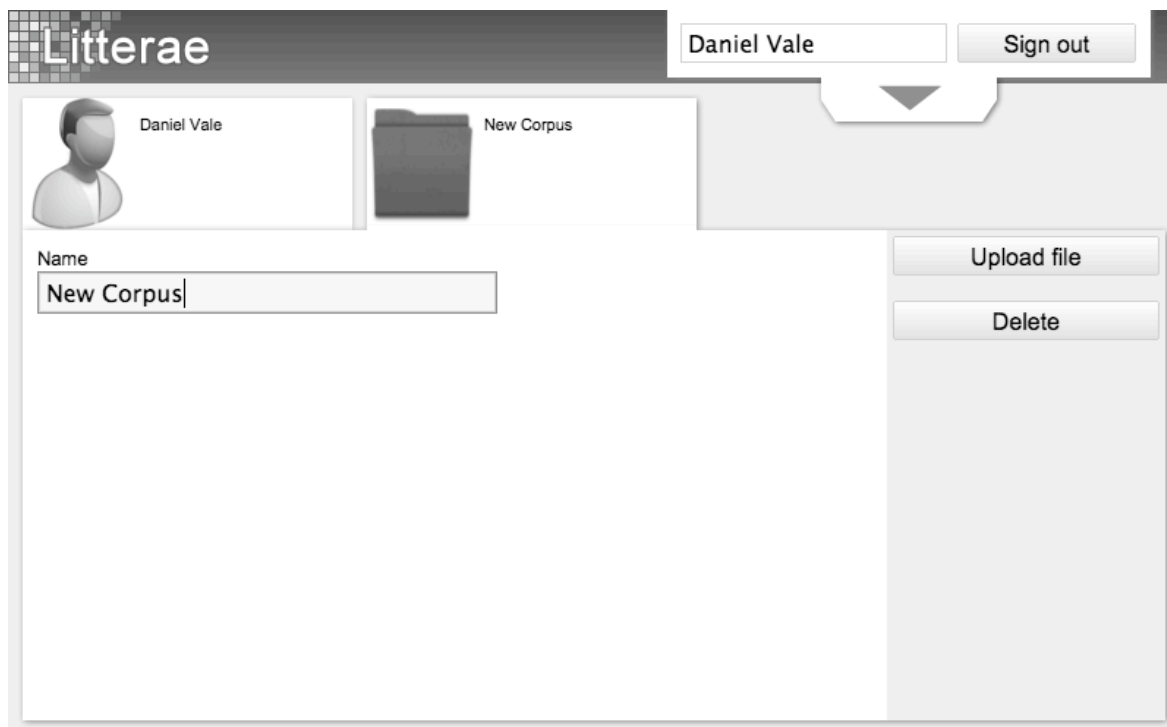


Figura 7 – O usuário clica sobre o campo de nome do corpus

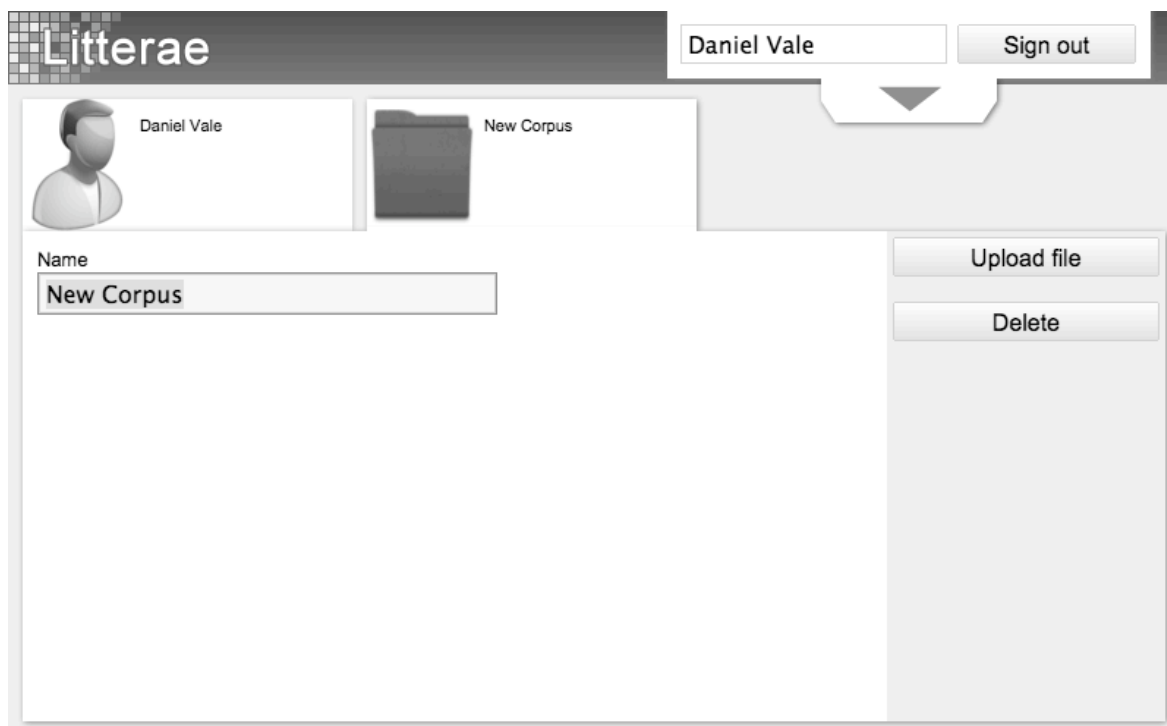


Figura 8 – O usuário seleciona o nome atual do corpus

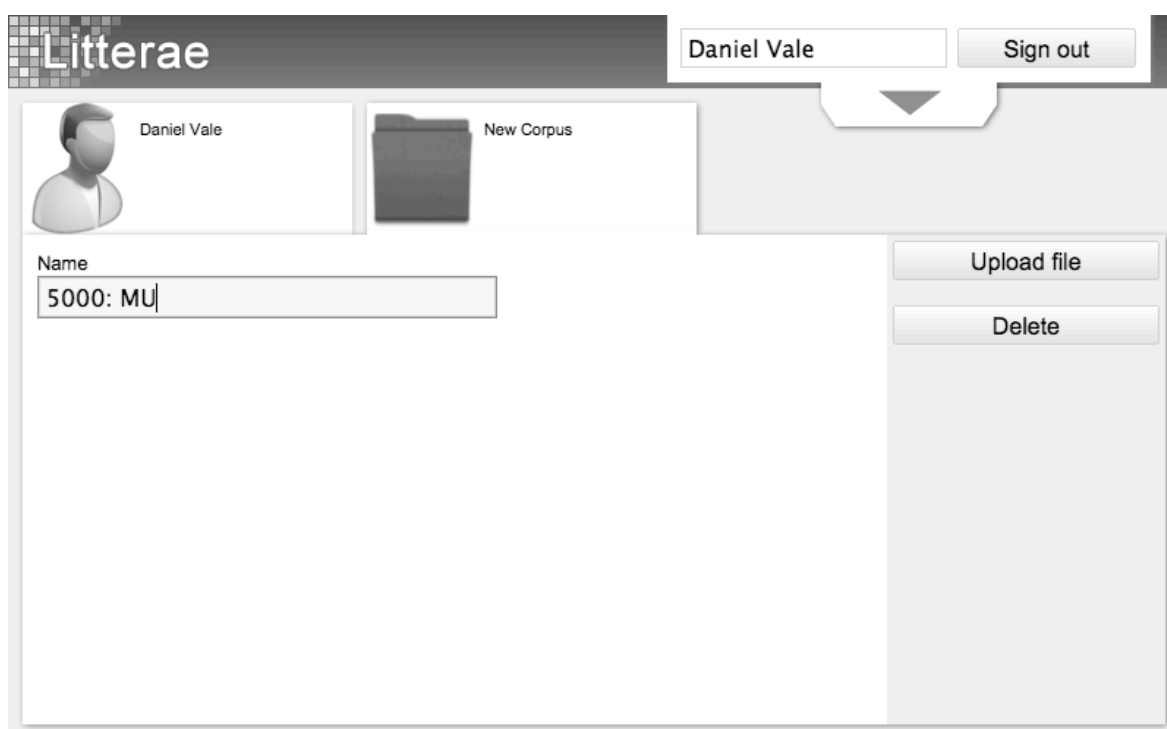


Figura 9 – O usuário digita o novo nome do corpus

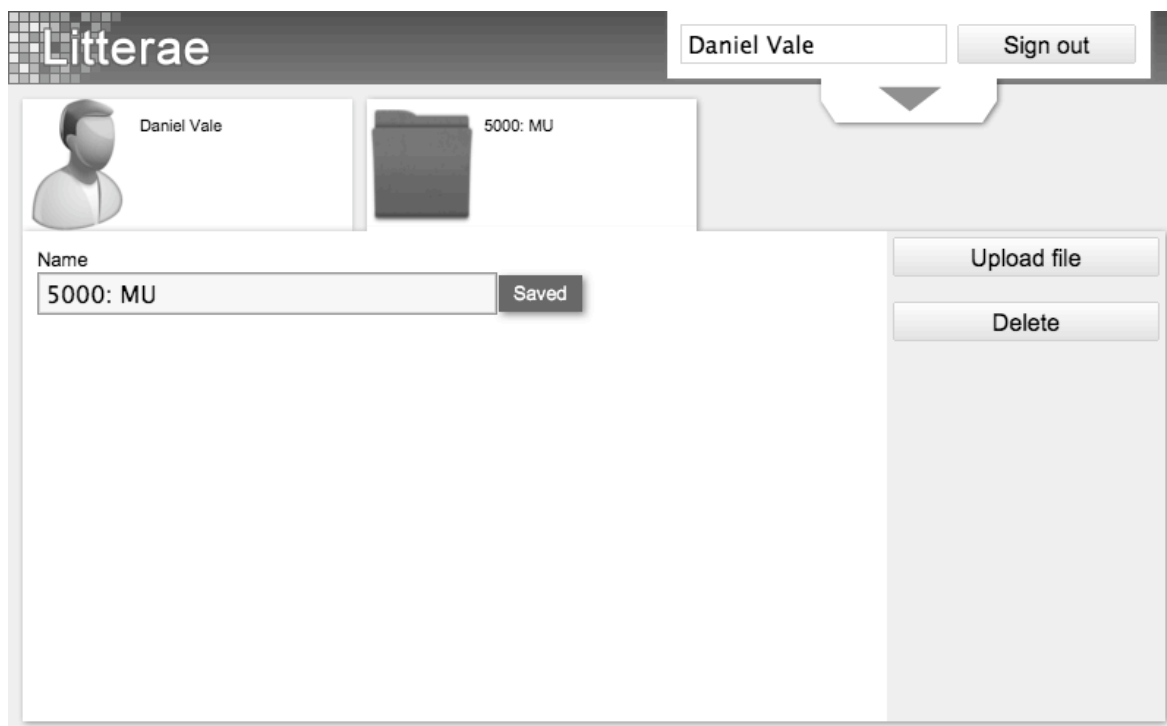


Figura 10 – O usuário pressiona a tecla RETURN no MacOSX²⁴

Agora o usuário deve adicionar os registros de teclado ao corpus. Esse passo consiste em clicar sobre o botão Adicionar arquivo (*Upload file*), escolher um arquivo e esperar o arquivo ser transferido ao servidor. As Figuras 11, 12, 13, 14, 15 e 16 ilustram esse processo.

²⁴ O mesmo ocorreria se fosse pressionada a tecla ENTER no Windows ou no Linux.

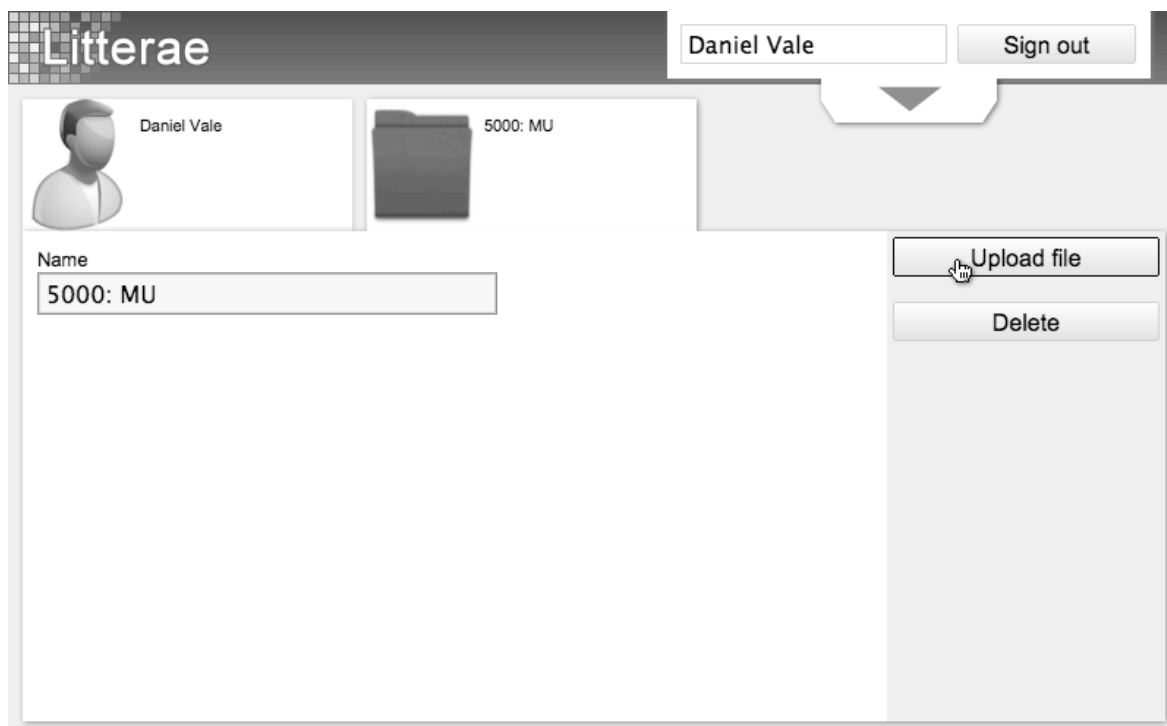


Figura 11 – O usuário clica sobre o botão Upload file

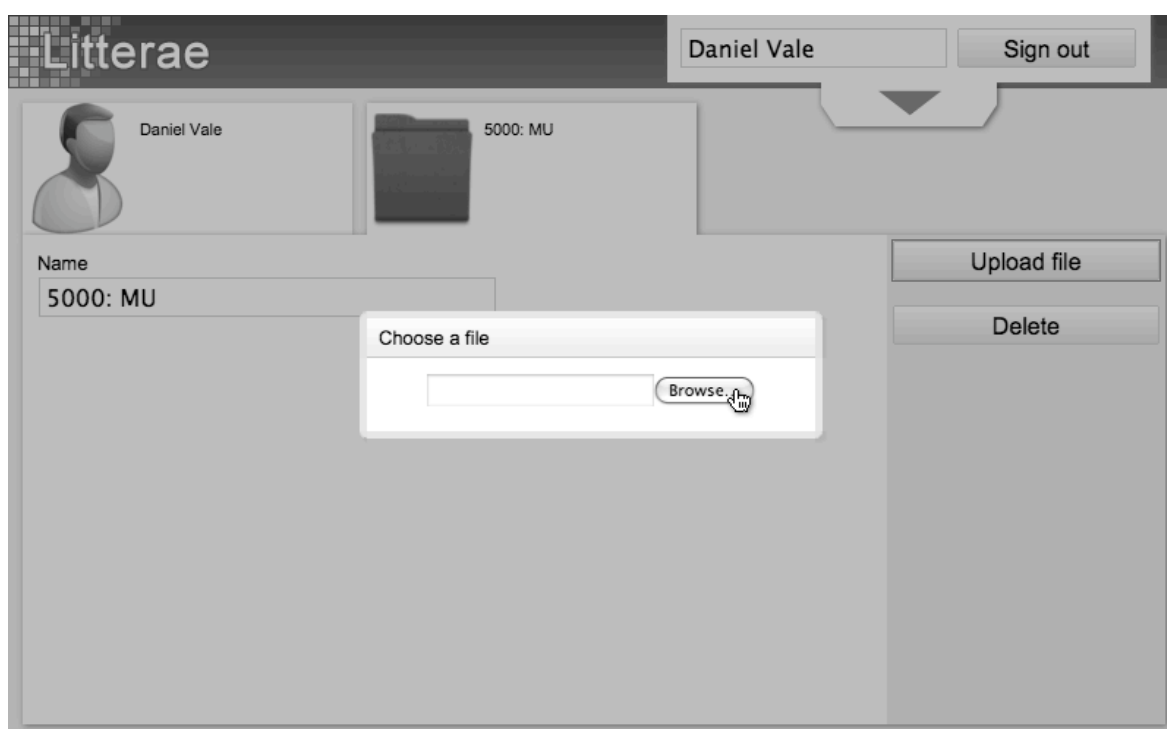


Figura 12 – O usuário clica sobre o botão Browse²⁵

²⁵ Cada navegador possui um estilo de botão diferente e a palavra Browse varia conforme a configuração de língua do sistema operacional, do navegador e da página. Navegadores com a extensão Gears não apresentam essa tela.

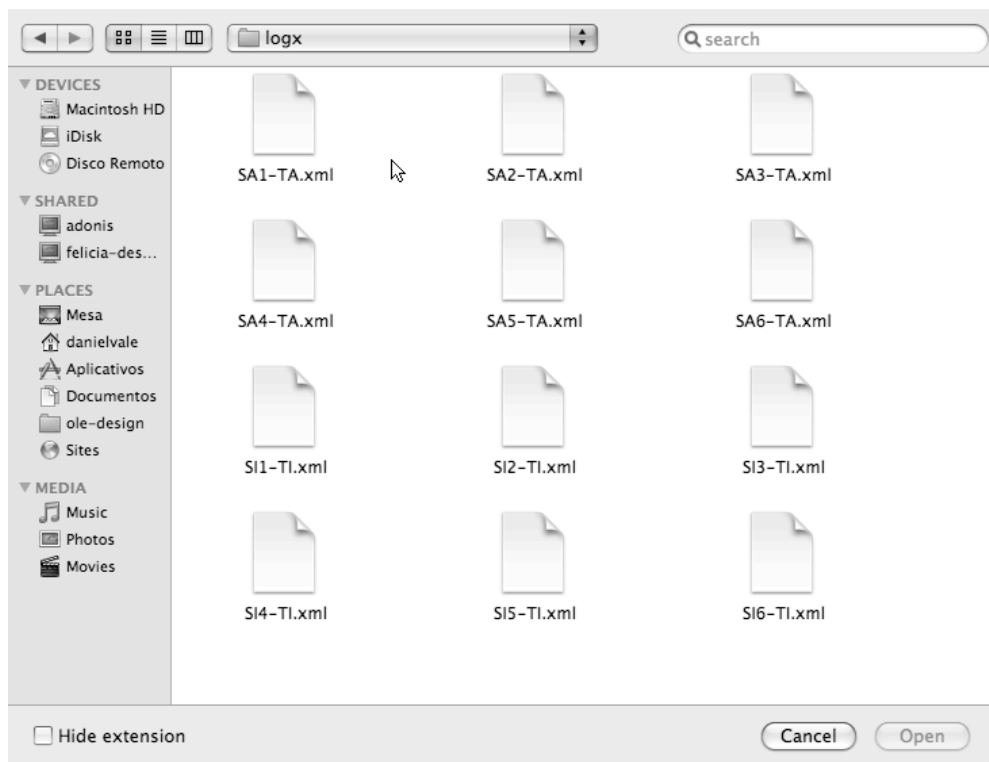


Figura 13 – O usuário procura a pasta com os registros de teclado

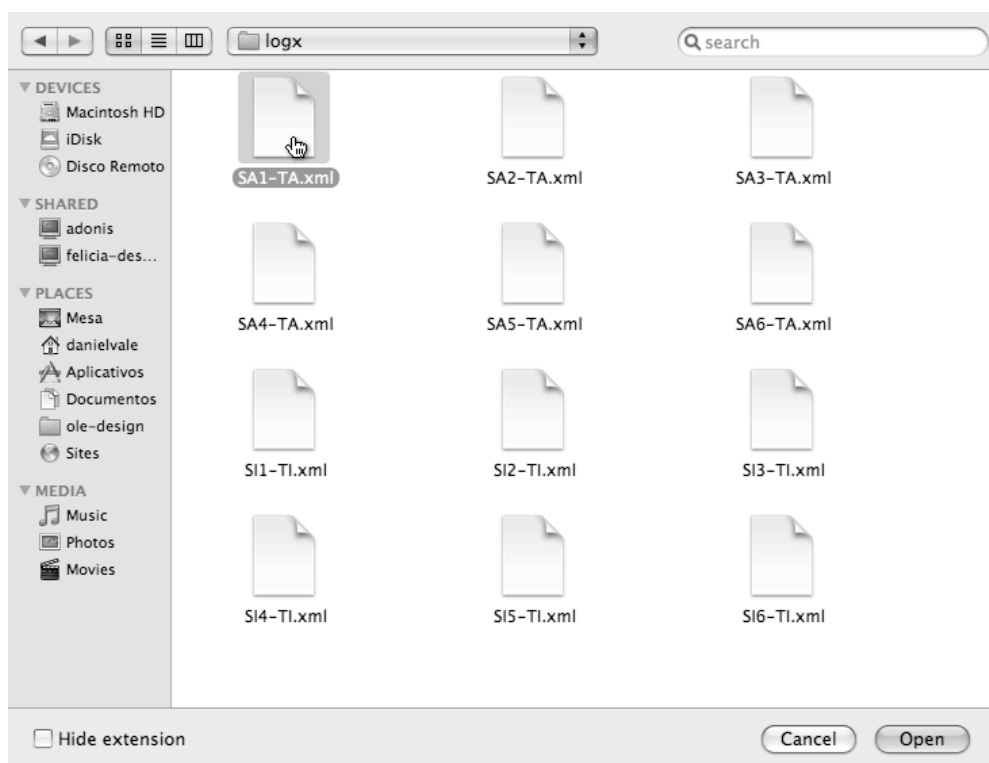


Figura 14 – O usuário clica sobre o ícone do registro de teclado a ser adicionado²⁶

²⁶ O arquivo selecionado deve ter o formato .xml e ter sido gravado pelo Translog® 2006 ou superior.

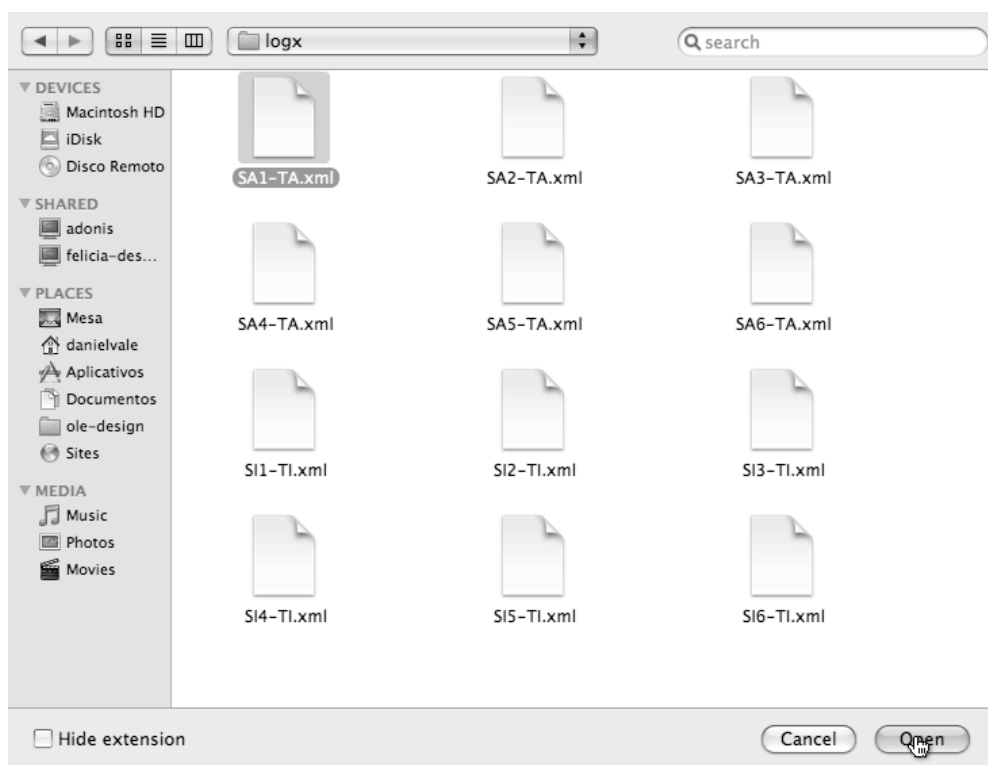


Figura 15 – O usuário clica sobre o botão Open²⁷

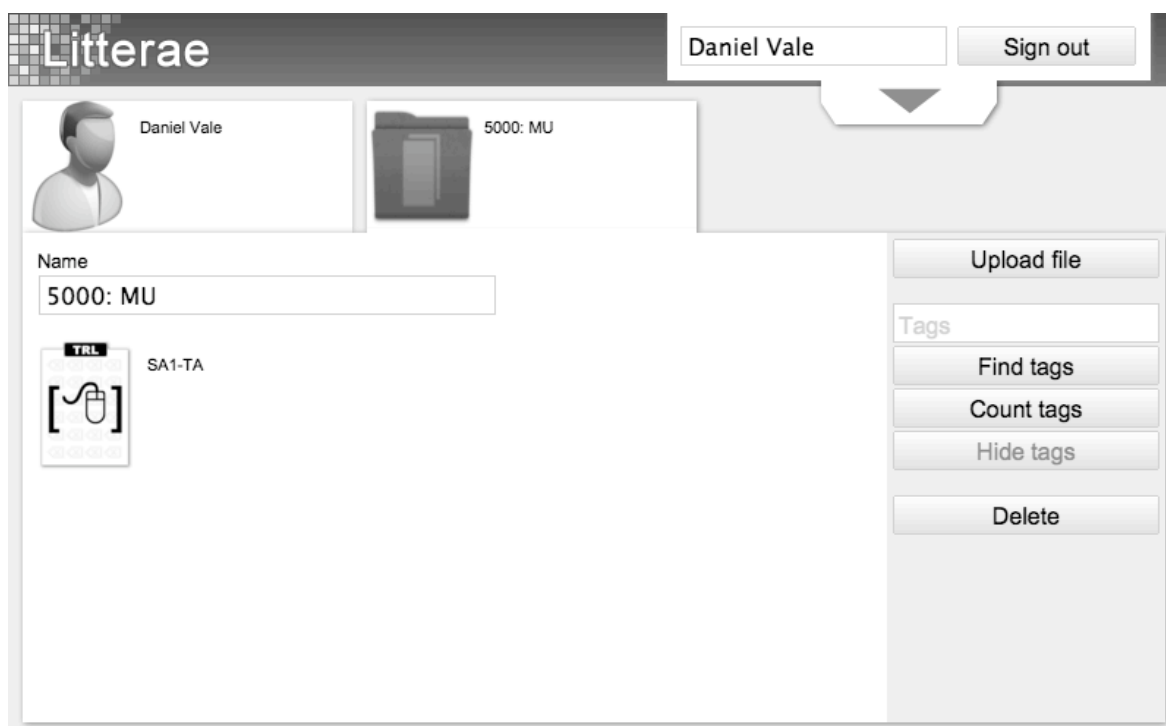


Figura 16 – Alguns segundos depois, o ícone de registro de teclado aparece²⁸

²⁷ Cada combinação de sistema operacional e navegador apresenta um nome próprio para esse botão.

²⁸ Caso não apareça, é necessário recarregar a página.

2.5.2 Como anotar um registro de teclado

Para anotar um registro de teclado, são necessários três passos: abrir o registro de teclado, marcar as macro-UTs e etiquetá-las. O primeiro passo consiste em clicar sobre o ícone do registro de teclado a ser anotado. As Figuras 17 e 18 ilustram esses passos.

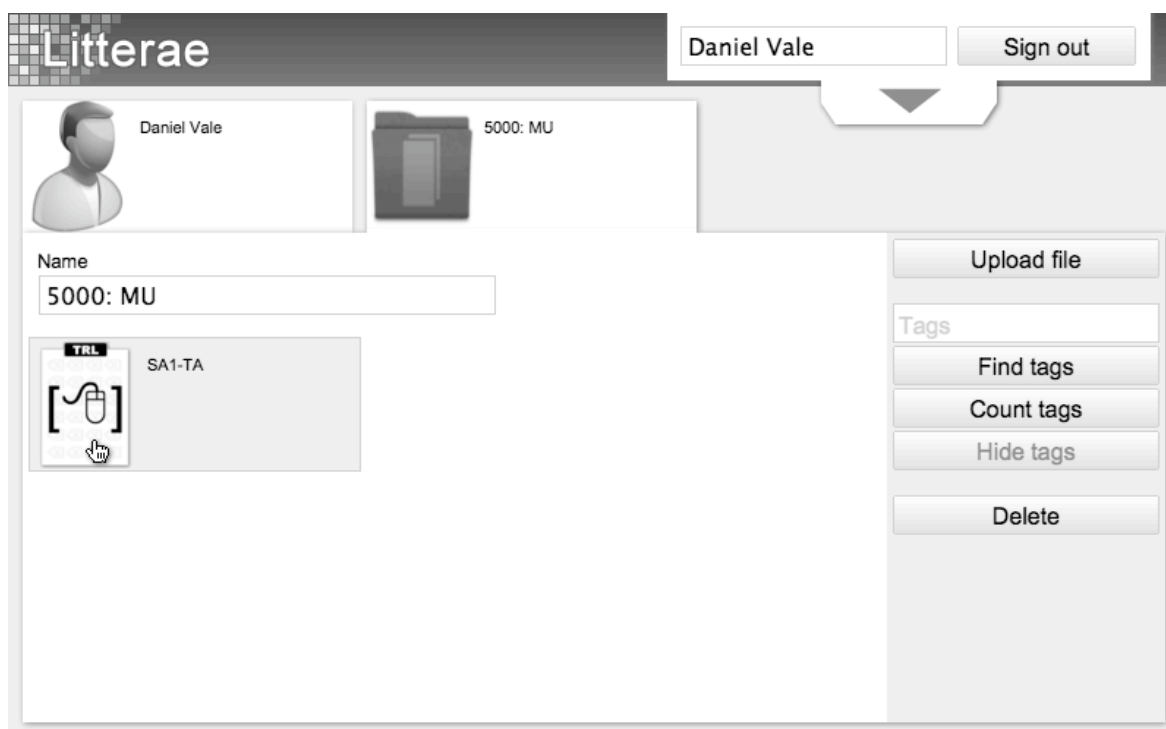


Figura 17 – O usuário clica sobre o ícone do registro de teclado a ser anotado

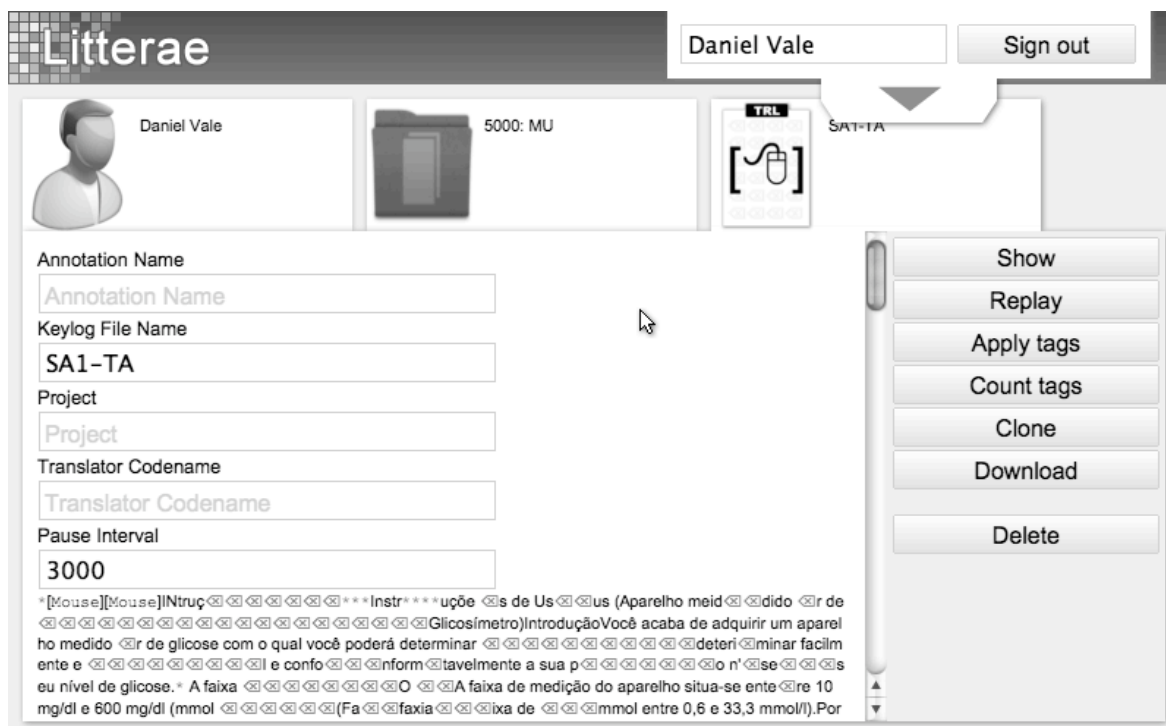


Figura 18 – O registro de teclado está aberto

As macro-UTs são marcadas na tela de reprodução. Portanto, o passo de marcá-las consiste em clicar no botão Reproduzir (*Replay*), escolher as micro-UTs na coluna da direita, clicar no campo de nome de macro-UT ao fim da lista de micro-UTs e clicar no botão Marcar macro-unidade (*Mark up macro-unit*). As Figuras 19-25 ilustram esse processo.

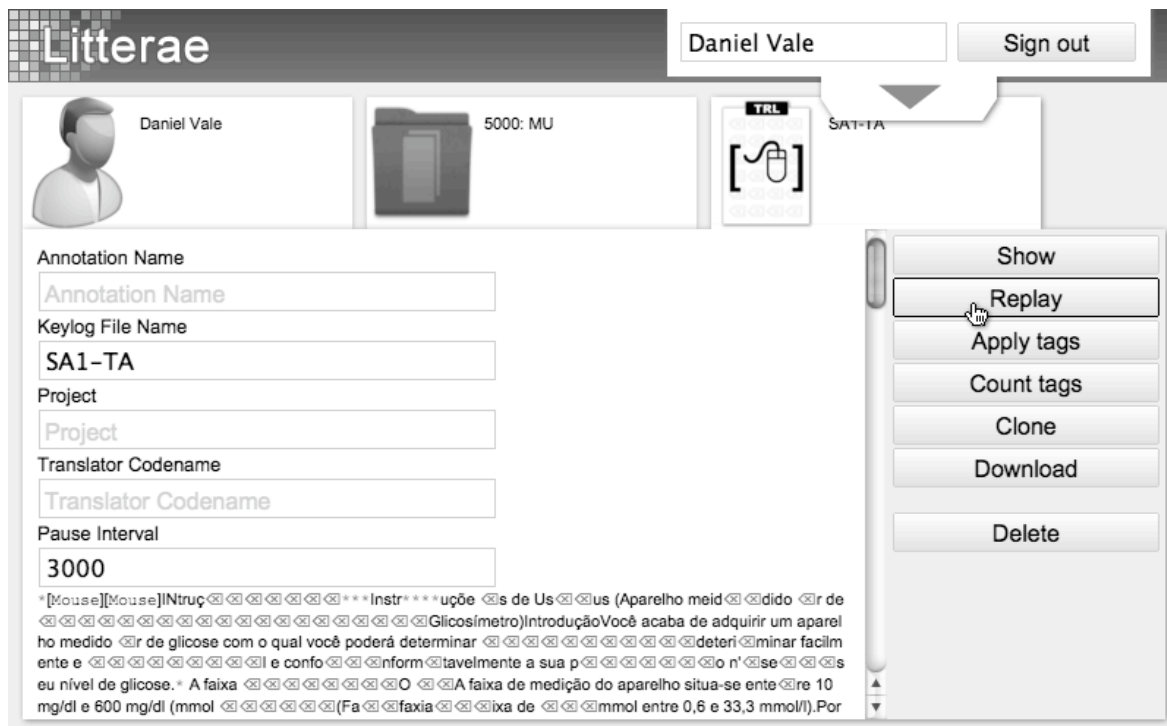


Figura 19 – O usuário clica sobre o botão Replay



Figura 20 – A tela de reprodução tem uma coluna de micro-UTs



Figura 21 – O usuário coloca o cursor sobre uma micro-UT a ser selecionada



Figura 22 – O usuário clica sobre a micro-UT a ser selecionada



Figura 23 – O usuário clica sobre a segunda micro-UT a ser selecionada²⁹



Figura 24 – O usuário preenche o campo de nome da macro-UT

²⁹ Observe na tela à esquerda que o segmento "aparelho medidor" foi substituído por "aparelho para medir".



Figura 25 – O usuário clica sobre o botão Mark up macro-unit

Após marcar as macro-UTs na tela de reprodução, deve-se etiquetar essas macro-UTs com as categorias de análise. O passo de etiquetagem consiste em clicar sobre o botão Aplicar etiquetas (*Apply tags*), preencher o campo de etiqueta da macro-UT a ser etiquetada com a categoria de análise adequada e clicar sobre o botão Aplicar etiqueta (*Apply tag*). As Figuras 26-30 ilustram esse processo.



Figura 26 – O usuário clica sobre o botão Apply tags

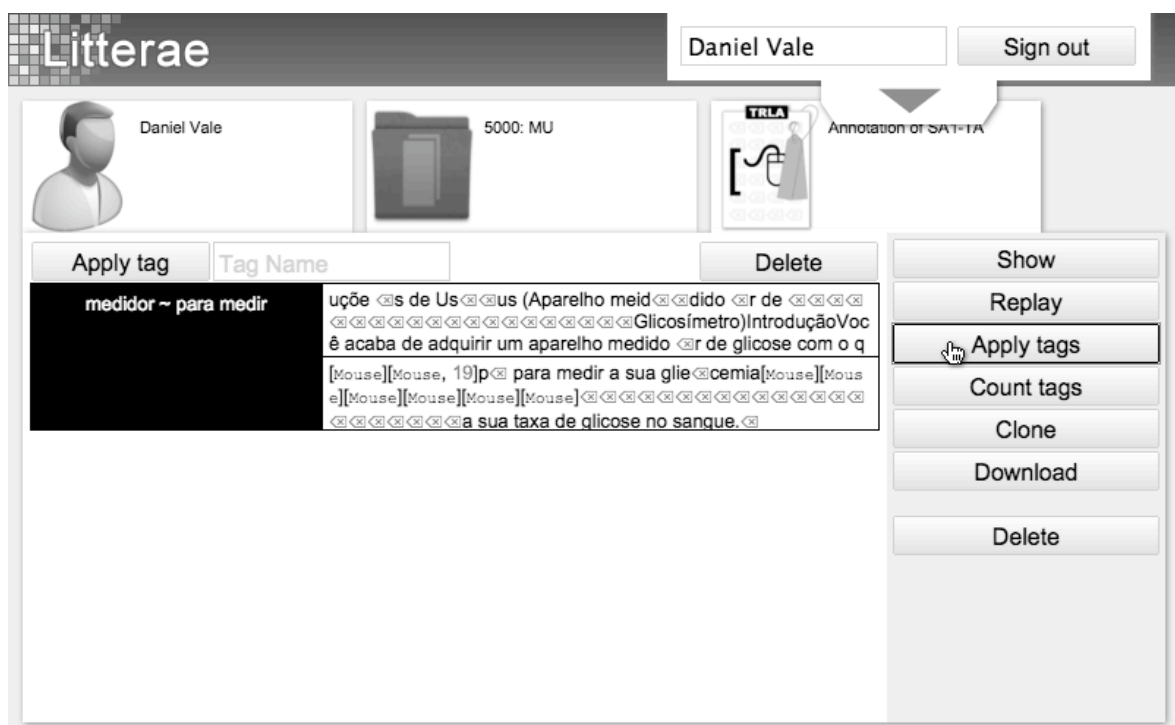


Figura 27 – A tela de etiquetação contém a macro-UT marcada

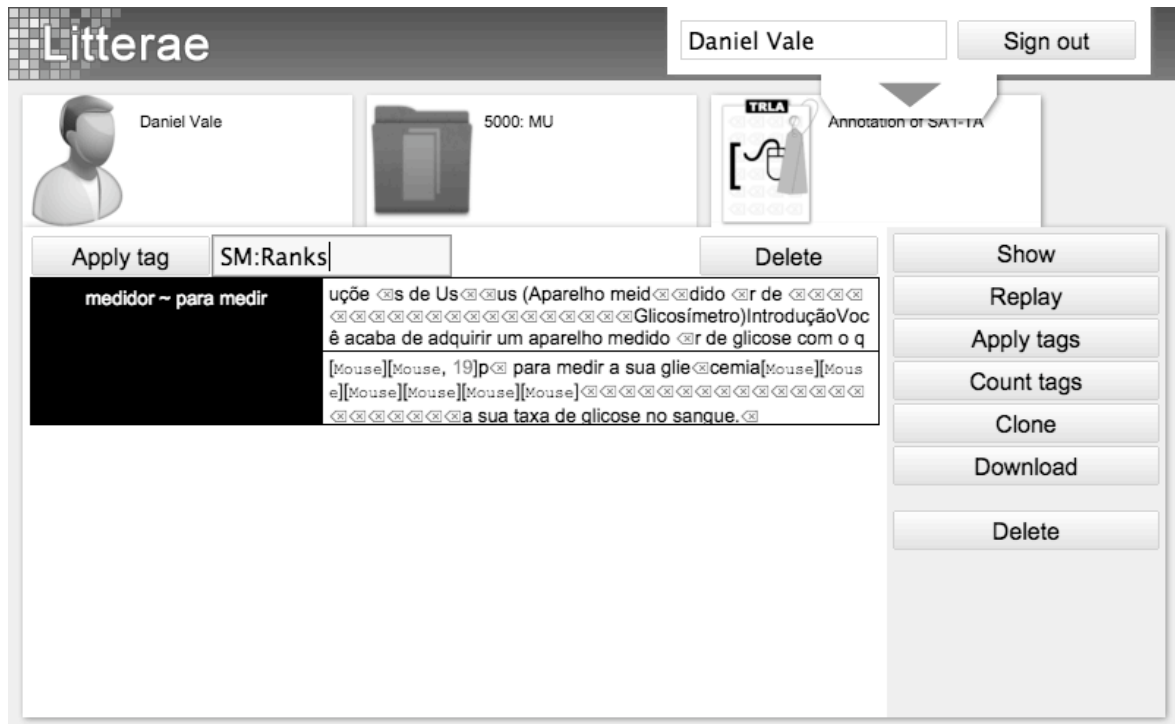


Figura 28 – O usuário preenche o campo de nome de etiqueta

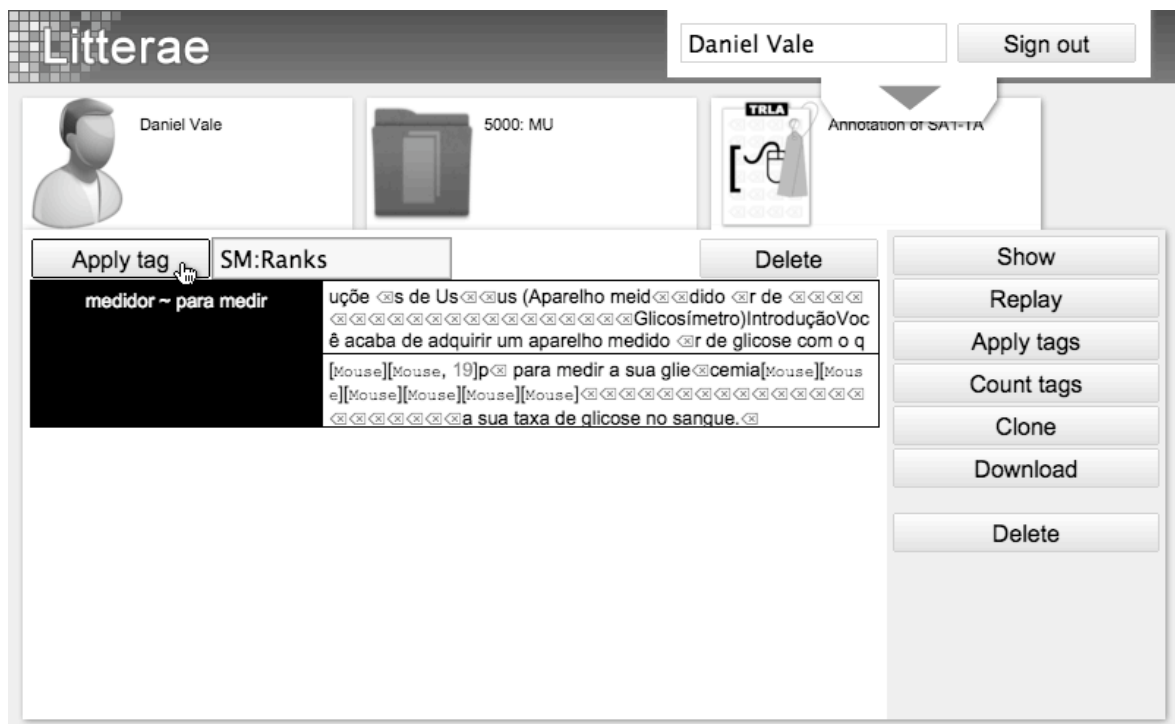


Figura 29 – O usuário clica sobre o botão Apply tag

The screenshot shows the Litterae web interface. At the top left is the logo 'Litterae'. To the right, the user 'Daniel Vale' is logged in, with a 'Sign out' button. Below the header, there is a user profile for Daniel Vale, a folder icon labeled '5000: MU', and a document icon labeled 'Annotation of SAT-TA'. The main content area displays a table of macro-UTs. The first row is highlighted in black and has a tag 'medidor ~ para medir' applied to it. The text of the macro-UT is partially visible and contains some garbled characters. To the right of the table is a sidebar with buttons for 'Show', 'Replay', 'Apply tags', 'Count tags', 'Clone', 'Download', and 'Delete'.

Figura 30 – A macro-UT passa a ter uma etiqueta de revisão semântica

2.5.3 Como obter dados específicos e estatísticos

Após adicionar e anotar todos os registros de teclado a serem analisados, o usuário pesquisador pode procurar as macro-UTs de um corpus pelas etiquetas e contar as etiquetas tanto de um registro de teclado específico quanto de um corpus de registros de teclado. A busca consiste em preencher o campo de busca do corpus e clicar sobre o botão Procurar etiquetas (*Find tags*). As Figuras 31, 32 e 33 ilustram esse processo.

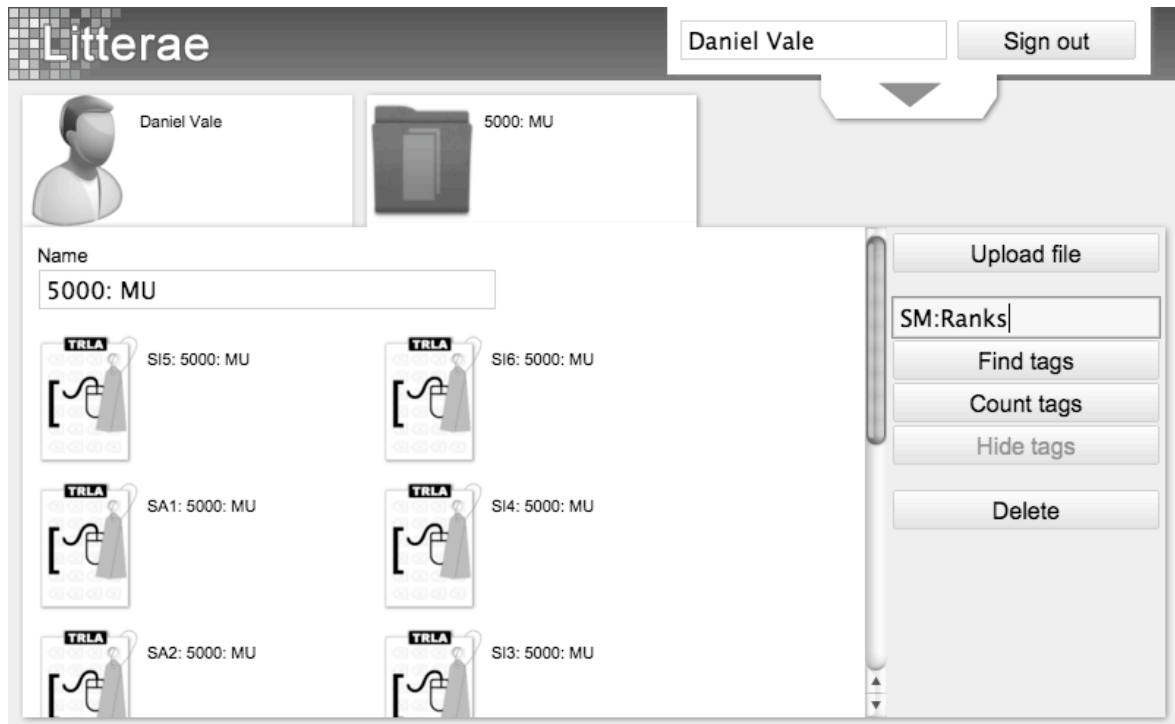


Figura 31 – O usuário preenche o campo de busca por etiqueta

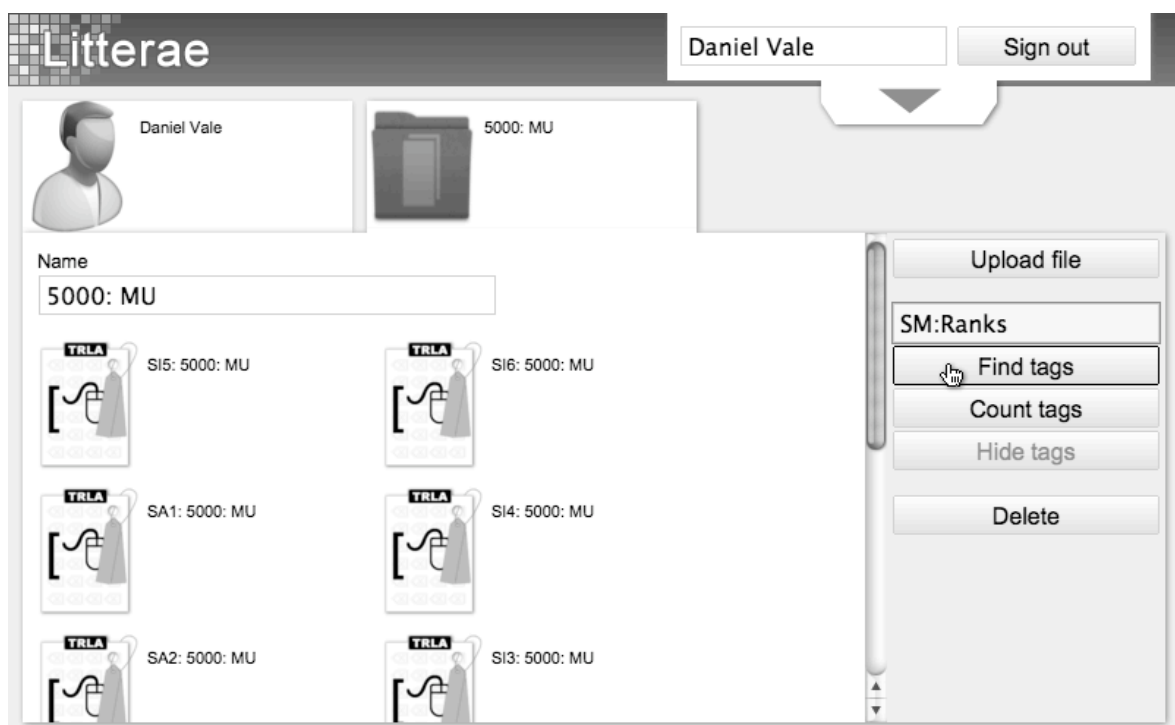


Figura 32 – O usuário clica sobre o botão Find tags

The screenshot displays the Litterae web interface. At the top, the user 'Daniel Vale' is logged in, with a 'Sign out' button. Below the header, there is a user profile section and a folder icon labeled '5000: MU'. The main content area features a table of macro-UTs with the tag 'SM:Ranks' applied. The table has four columns: 'Apply tag', 'Tag Name', 'SM:Ranks', and 'Delete'. The first row shows a tag 'com [1] voltada para cima ~ mantendo [1] voltada para cima' applied to a macro-UT about a test strip. The second row shows a tag 'Entendimento dos [1] ~ Como entender os [1]' applied to a macro-UT about test results. The third row shows a tag 'medição/como medir' applied to a macro-UT about blood sugar measurement. To the right, there is a sidebar with buttons for 'Upload file', 'SM:Ranks', 'Find tags', 'Count tags', 'Hide tags', and 'Delete'.

Figura 33 – A lista de todas as macro-UTs com essa etiqueta no corpus

A contagem de etiquetas pode ser feita tanto no registro de teclado quanto no corpus. Esse passo consiste em clicar no botão Contar etiquetas (*Count tags*) e copiar os dados de uma tabela para um programa/aplicativo de planilhas como, por exemplo, Open Office Calc e Microsoft Office Excel. As Figuras 34 e 35 ilustram a contagem das etiquetas de uma anotação de um registro de teclado e as Figuras 36 e 37 ilustram a contagem das etiquetas de um corpus inteiro.

The screenshot shows the Litterae application interface. At the top, the user is logged in as Daniel Vale. The main area displays the annotation details for 'S11: 5000: MU', including the keylog file name 'Blood Sugar Meter' and the project 'SEGTRAD'. A context menu is open over the annotation, with the 'Count tags' button highlighted by the mouse cursor. Other buttons in the menu include Show, Replay, Apply tags, Clone, Download, and Delete.

Figura 34 – O usuário clica sobre o botão Count tags do registro de teclado

The screenshot shows the Litterae application interface displaying a frequency table of tags. The table is titled 'GR:Cases' and shows the following data:

Tags	Frequency	
	Absolute	Relative
TP:Miss	2	42%
LG:Words	21	446%
LG:Structures	16	340%
TP:SKey	2	42%
TP:EKey	2	42%
TP:TKeySKey	1	21%
TP:MKey	1	21%
GR:Cases	2	42%

The interface also shows the 'GR:Cases' tab selected, with a count of 2. A context menu is visible on the right side of the screen, with the 'Count tags' button highlighted.

Figura 35 – A tela de contagem contém uma tabela de frequência de etiqueta

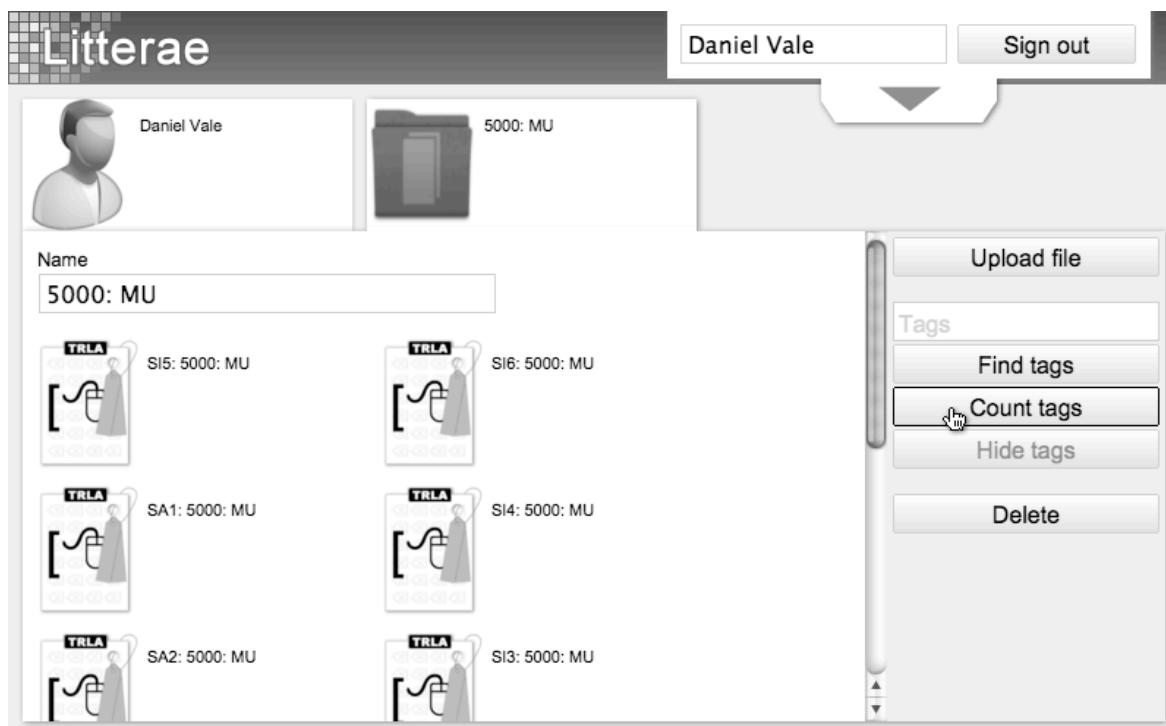


Figura 36 – O usuário clica sobre o botão Count tags do corpus

Tags	Frequency	
	Absolute	Relative
GR:Cases	10	24‰
GR:Marks	8	19‰
GR:Words	3	7‰
LG:Holder	2	4‰
LG:Structures	166	401‰
LG:Words	149	360‰
SM:Ranks	25	60‰
TP:EKey	3	7‰
TP:HoldShift	1	2‰
TP:Inversion	2	4‰
TP:Miss	20	48‰

Figura 37 – A tela de contagem contém uma tabela de frequência de etiqueta

Uma vez obtidos os dados, são feitas análises estatísticas com programas/aplicativos de planilhas como o Open Office Calc e o Microsoft Office Excel.

Capítulo 3: Análise dos dados

Nos capítulos anteriores, foram apresentados os fundamentos teóricos da análise do processo de tradução e a metodologia adotada para coletar e analisar os dados. Neste capítulo, analiso os dados colhidos no projeto SEGTRAD. Na Seção 3.1, detalho estatisticamente as frequências de revisões em cada língua-fonte por estrato e por tipo em cada estrato. Na Seção 3.2, categorizo as revisões da lexicogramática e da semântica com a Teoria Sistêmico-Funcional de modo que outros pesquisadores possam reproduzir este trabalho e refinar sua taxonomia.

3.1 Revisões por Língua-Fonte

O número de revisões nas traduções de alemão para português (doravante A→P) é menor que o número de revisões nas traduções de inglês para português (doravante I→P). Ao todo, foram observadas 173 revisões nas traduções A→P e 239 nas I→P. A Tabela 2 apresenta as frequências absolutas de revisões em cada estrato nas traduções de cada texto-fonte e a Tabela 3 apresenta as frequências relativas em cada estrato por texto-fonte.

	TFA	TFI
Dactilografia	019	030
Grafologia	009	012
Lexicogramática	132	185
Semântica	013	012
TOTAL	173	239

Tabela 2 – Frequência Absoluta de Revisões em Cada Estrato nas Traduções de Cada Texto-Fonte

	TFA	TFI
Dactilografia	10,98%	12,55%
Grafologia	05,20%	05,02%
Lexicogramática	76,30%	77,41%
Semântica	07,51%	05,02%

Tabela 3 – Frequência Relativa de Revisões em Cada Estrato por Texto-Fonte

Apesar da diferença em números absolutos, os dados colhidos mostram uma distribuição das revisões nos quatro estratos muito semelhante ao compararmos as traduções de inglês para português com as de alemão para português. No Gráfico 1, pode-se observar que as traduções de alemão apresentam uma frequência relativa ligeiramente

maior de revisões no estrato dos significados (semântica) e uma frequência ligeiramente menor no estrato dos fraseados (lexicogramática) do que as traduções I→P. As diferenças são pequenas o suficiente para serem estatisticamente insignificantes.

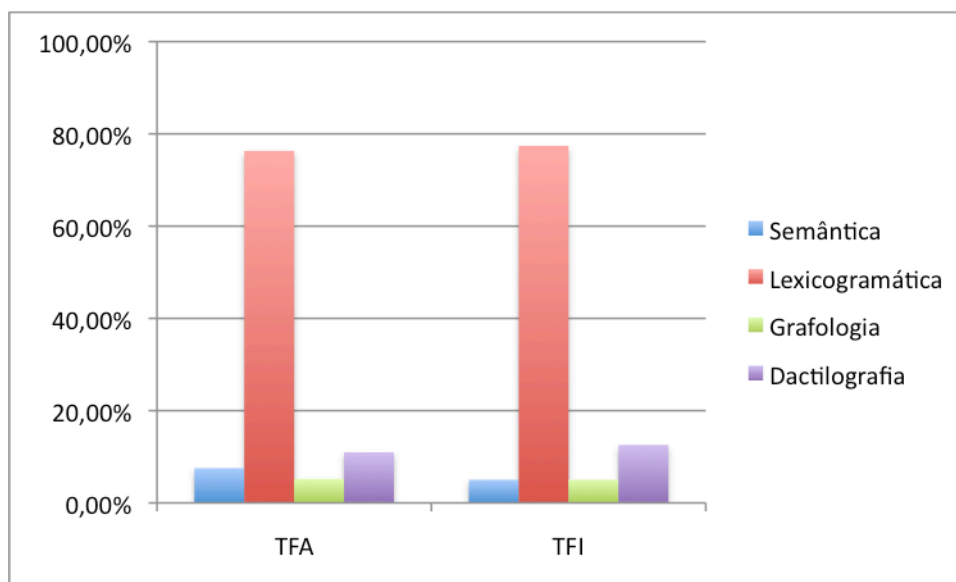


Gráfico 1 – Frequência Relativa de Revisões em Cada Estrato por Texto-Fonte

No Gráfico 1, observa-se que a frequência relativa de revisões de significado nas traduções I→P é menor do que nas traduções A→P, apesar de, como apresentado pela Tabela 2, a frequência absoluta de 12 revisões de semântica nas traduções I→P ser próxima à frequência absoluta de 13 revisões ocorrida nas traduções A→P. Constatase também uma maior frequência absoluta de revisões de fraseados nas traduções I→P do que nas traduções A→P, diferença essa acompanhada por uma maior frequência absoluta de revisões de dactilografia, mas não acompanhada por uma maior frequência absoluta de revisões de semântica.

Nas seguintes subseções, as estatísticas de revisões serão feitas por estrato da língua: estrato físico (dactilografia), estrato da escrita (grafologia), estrato dos fraseados (lexicogramática) e estrato dos significados (semântica). Seguirei a sequência dos estratos conforme apresentada acima.

3.1.1 Revisões de Dactilografia

O número de revisões de cada tipo no estrato físico (dactilografia) varia muito segundo o sujeito tradutor e não apresenta um padrão estável por texto-fonte. Não cabe sequer

calcular a correlação entre as variáveis nas traduções de cada texto-fonte devido à frequência com que as categorias possuem 0 ocorrências. A tabela 4 apresenta as frequências absolutas de cada tipo de revisão de dactilografia por sujeito.

	SA1	SA2	SA3	SA4	SA5	SA6	SI1	SI2	SI3	SI4	SI5	SI6
STM	7	0	0	2	0	0	2	1	1	0	6	1
STMCTA	0	1	0	0	0	0	2	1	1	4	2	1
STMCTO	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
STMCTE	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1
CTMCTA	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	1
CTMCTE	0	0	0	0	0	1	2	0	0	0	0	0
SS	0	1	1	0	2	0	0	0	0	0	0	0
CS	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
SI	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0

Tabela 4 – Frequência Absoluta de Revisões de Dactilografia por Sujeito

A diferença entre os sujeitos tradutores pode ser observada mais claramente na Tabela 5 cujos valores nulos foram removidos e cujos valores 1, 2 e $x > 2$ foram diferenciados com sombreados de tons distintos. Observa-se que não existe um padrão entre um tradutor e outro. Não se pode, todavia, afirmar que essas diferenças sejam características do tradutor, pois o corpus desta pesquisa não contém duas traduções de cada sujeito para que possamos confirmar se a distribuição de revisões de dactilografia se mantém igual entre uma tradução e outra do mesmo tradutor.

	SA1	SA2	SA3	SA4	SA5	SA6	SI1	SI2	SI3	SI4	SI5	SI6
STM	7			2			2	1	1		6	1
STMCTA		1					2	1	1	4	2	1
STMCTO							1					
STMCTE		1							1			1
CTMCTA					1		1					1
CTMCTE						1	2					
SS		1	1		2							
CS								1				
SI	1				1							

Tabela 5 – Frequência Absoluta de Revisões de Dactilografia por Sujeito

Apesar de não ser possível afirmar com base estatística que a distribuição das revisões de dactilografia sejam características de cada sujeito tradutor, encontramos indícios de que esse seja o caso. Os tradutores SA1 e SI5, por exemplo, pressionaram uma tecla a menos em sua digitação respectivamente 7 e 6 vezes enquanto outros tradutores como SA2, SA3, SA5, SA6 e SI4 não fizeram nenhuma revisão provocada por teclas não pressionadas. Outro caso relevante é o do tradutor SI4 que pressionou a tecla adjacente à que pretendia pressionar 4 vezes em sua digitação, o que os tradutores SA1, SA3, SA4,

SA5 e SA6 não fizeram sequer uma vez. As macro-UTs 18-21 contêm as revisões de dactilografia do tradutor SI4.

UT 18 – SI4-TFI

: (ned

: (medidor de

n | m

UT 19 – SI4-TFI

: [...] a administrar melhor seu diabetem reduzindo suas chances de complicações.

: [...] a administrar melhor seu diabete, reduzindo suas chances de complicações.

m | ,

UT 20 – SI4-TFI

: Duas horas após as refeiçõesm o nível de glicose para um não diabético [...]

: Duas horas após as refeições o nível de glicose para um não diabético [...]

: Duas horas após as refeições, o nível de glicose para um não diabético [...]

m | _ ~ ,

UT 21 – SI4-TFI

: batimentos cardíacos aceleradosm

: batimentos cardíacos acelerados,

m | ,

As quatro revisões de dactilografia do SI4 são provocadas pelo tradutor não pressionar a tecla mirada e pressionar a tecla adjacente (sem tecla mirada com tecla adjacente: STMCTA). Mais especificamente, no caso desse tradutor, todas as vezes em que ocorre um erro em sua dactilografia, ele mira a primeira linha de teclas abaixo da linha central com a mão direita e acerta a tecla à esquerda da tecla mirada. Como se observa um padrão muito específico de revisões de dactilografia em três dos tradutores, pode-se supor que esses três venham a manter uma substituição semelhante de revisões de dactilografia

em traduções futuras. Contudo, como afirmado anteriormente, a confirmação dessa suposição demanda uma análise de duas ou mais traduções de cada sujeito tradutor.

3.1.2 Revisões de Grafologia

A grafologia apresenta três categorias de revisão: palavras, pontuação e caixas. Assim como as revisões de dactilografia, não se pode observar um padrão entre os tradutores de cada texto-fonte. Também não cabe calcular a correlação entre as variáveis nas traduções de cada texto-fonte devido à frequência com que as categorias possuem 0 ocorrências. A tabela 6 apresenta as frequências absolutas de cada tipo de revisão de dactilografia por sujeito.

	SA1	SA2	SA3	SA4	SA5	SA6	SI1	SI2	SI3	SI4	SI5	SI6
Palavras	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1
Pontuação	2	0	2	2	0	0	0	0	1	1	0	0
Caixas	2	0	1	0	0	0	2	0	0	5	0	0

Tabela 6 – Frequência Absoluta de Revisões de Grafologia por Sujeito

Observa-se nessa distribuição que três dos tradutores do inglês fizeram revisões de palavras enquanto zero do alemão fizeram revisões desse tipo. Todas as três revisões consistiram em transformar duas palavras em uma ou com a substituição do espaço entre elas por um hífen ou com a remoção do hífen entre duas palavras. As macro-UTs 22-24 são todas as revisões de palavra identificadas.

UT 22 – SI4-TFI

: O nível de glicose no sangue de um adulto não diabético em jejum é de [...].

: O nível de glicose no sangue de um adulto não-diabético em jejum é de [...].

não diabético | não-diabético

UT 23 – SI5-TFI

: Registre os resultados no diário de auto-teste incluído no kit

: Registre os resultados no diário de autoteste incluído no kit

auto-teste ~ autoteste

UT 24 – SI6-TFI

: Grave os seus resultados no diário de auto-teste

: Grave os seus resultados no diário de autoteste

auto-teste | autoteste

Essa constatação contraria o esperado. O alemão é uma língua em que se representa grafologicamente uma sequência de nomes como uma única palavra enquanto o inglês e o português são línguas em que se representa tipicamente cada nome por uma palavra distinta. Havendo interferência da língua-fonte, é esperado que o alemão, e não o inglês, venha a causar maior interferência, o que não ocorreu. Faz-se, portanto, relevante observar essas três com maior detalhamento. Nas três macro-UTs, são identificadas duas ordens distintas de revisão.

As palavras *não diabético* e as palavras *não-diabético* da UT22 são equivalentes a *nondiabetic* do TFI. A primeira ocorrência de *nondiabetic* foi traduzida por SI4 por *não diabético*. A segunda ocorrência de *nondiabetic* foi traduzida por SI4 por *não-diabético*. Após a segunda equivalência ter sido estabelecida, o tradutor SI4 substituiu as palavras *não diabético* por *não-diabético* fazendo com que houvesse somente uma única equivalência no nível das palavras.

Já as palavras *auto-teste* e *autoteste* das UT23 e UT24 são equivalentes a *self test* do TFI. As palavras *self test* ocorrem uma única vez no TFI e a palavra *autoteste* não havia sido usada nenhuma vez quando ocorre a substituição de *auto-teste* por *autoteste*.

Tendo em vista a semelhança entre o modo como nomes são representados por palavras em inglês e em português e a diferença entre o modo como nomes são representados por palavras em alemão e em português, pode-se levantar a hipótese de que a semelhança entre as línguas favoreça a interferência do texto-fonte no texto-alvo e que os tradutores tendam a traduzir um número de palavras inglesas pelo mesmo número de palavras portuguesas a cada vez que eles lêem um segmento do TF, o que tornaria o número de revisões de grafologia maior nas traduções I→P do que nas A→P. Contudo, como o volume de dados é pequeno, essa hipótese não pode ser confirmada com este corpus.

3.1.3 Revisões de Lexicogramática

A semelhança na distribuição dos tipos de revisão contrastando as traduções das duas línguas-fontes se repete quando observamos o que ocorre no estrato dos fraseados. A

Tabela 7 apresenta as frequências absolutas dos tipos de revisões no estrato dos fraseados (lexicogramática) nas traduções de cada texto-fonte e a Tabela 8 apresenta as frequências relativas por texto-fonte.

	Alemão	Inglês
Marcadores	002	000
Vocábulos	058	091
Estruturas	072	094
TOTAL	132	185

Tabela 7 – Frequência Absoluta de Revisões de Lexicogramática nas Traduções de Cada Texto-Fonte

	Alemão	Inglês
Marcadores	01,52%	00,00%
Vocábulos	43,94%	49,19%
Estruturas	54,55%	50,81%

Tabela 8 – Frequência Relativa de Revisões de Lexicogramática por Texto-Fonte

Constata-se que a frequência relativa de revisões de vocábulos nas traduções I→P é maior que nas traduções A→P e que a frequência relativa de revisões de estrutura nas traduções I→P é menor que nas traduções A→P. O Gráfico 2 apresenta a variação que ocorre na distribuição de tipos de revisão na lexicogramática. Enquanto as traduções de inglês possuem aproximadamente o mesmo número de revisões de vocábulo e de estruturas, as traduções de alemão possuem mais revisões de estruturas do que de vocábulos.

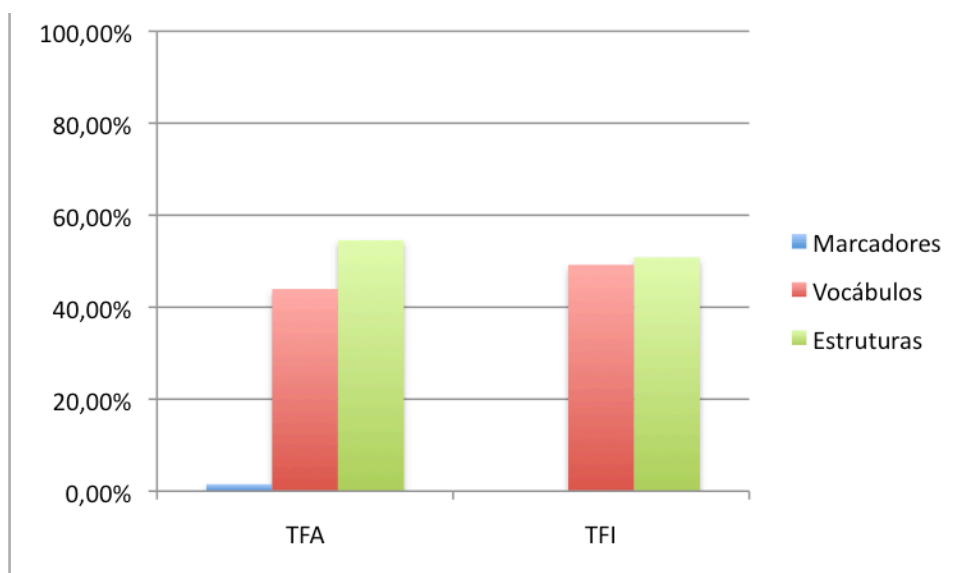


Gráfico 2 – Frequência Relativa de Revisão de Lexicogramática por Texto-Fonte

Apesar de a diferença entre as frequências relativas de revisões de vocábulo e as de revisões de estruturas ser pequena, a distribuição das frequências que observamos por língua, é também observada em cada tradução particular. Em outras palavras, toda tradução I→P analisada nos experimentos apresentou individualmente uma distribuição de revisões de fraseado similar à distribuição genérica das traduções I→P e toda tradução A→P também apresentou individualmente uma distribuição de revisões de fraseado similar à distribuição genérica das traduções A→P. Por isso, a correlação entre o número de revisões de vocábulo e o número de revisões de estruturas é bastante alta nas traduções da mesma língua: 0.874 para as traduções A→P e 0.908 para as traduções I→P.

A Tabela 9 apresenta a frequência absoluta de revisões de vocábulo e de revisões de estrutura em cada tradução.

	SA1	SA2	SA3	SA4	SA5	SA6	SI1	SI2	SI3	SI4	SI5	SI6
Vocábulo	19	5	6	17	3	8	21	3	8	27	23	9
Estruturas	18	4	14	23	3	10	16	2	11	25	31	9

Tabela 9 – Frequência Absoluta de Revisões de Vocábulo e Estrutura por Tradução

Nas Tabelas 9, observamos que a distribuição das revisões nas duas categorias varia em torno de 50% em todas as traduções. As traduções A→P se dividem entre as que possuem maior número de revisão de estrutura (SA3, SA4 e SA6) e as que apresentam números de revisão de estrutura e vocábulo muito próximos (SA1, SA2 e SA5). As traduções I→P se dividem entre os que possuem número de revisão de estrutura e vocábulo próximos (SI2, SI3, SI4, SI6) e os que possuem números de revisão distantes (SI1 e SI5).

No Gráfico 3 e no Gráfico 4, podemos observar a correlação entre os dois tipos de revisão nas traduções analisadas. Nesses gráficos de dispersão, cada ponto representa uma

tradução. A posição vertical dos pontos é determinada pelo número de revisões de estrutura e a posição horizontal do ponto é determinada pelo número de revisões de vocabulário. A reta consiste em uma regressão linear dos pontos, uma reta que passa o mais próximo possível dos pontos dispersos no gráfico. A correlação entre as variáveis

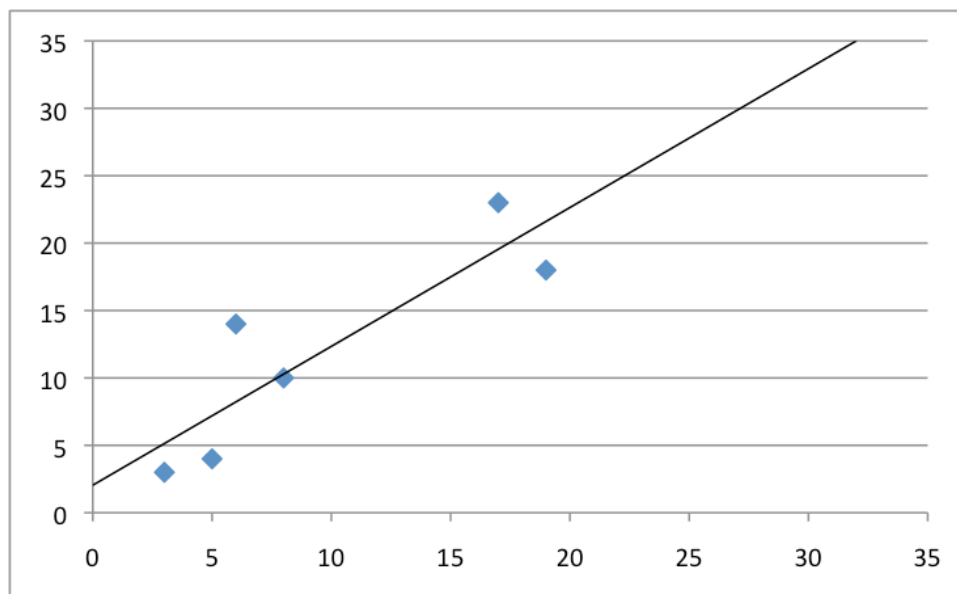


Gráfico 3 – Correlação Linear entre Revisões de Estrutura e de Vocabulário nas Traduções de alemão para Português

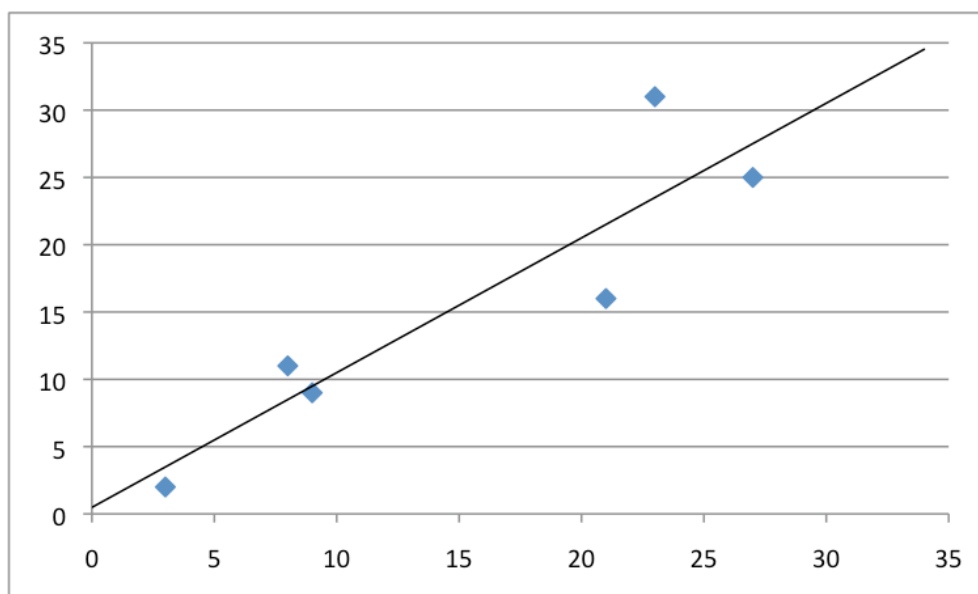


Gráfico 4 – Correlação Linear entre Revisões de Estrutura e de Vocabulário nas Traduções de Inglês para Português

Podemos observar que os pontos se agrupam aproximadamente ao redor de uma reta imaginária e não estão espalhados de um modo caótico. Em outras palavras, podemos

observar que a proporção entre o número de revisões de estrutura e o número de revisões de vocábulo não varia muito quando comparamos uma tradução com outra da mesma língua-fonte.

Nesta subseção, pudemos constatar que as traduções I→P apresentam tipicamente um número um pouco maior de revisões de vocábulo do que de revisões de estruturas enquanto as traduções A→P apresentam tipicamente um número um pouco maior de revisões de estrutura do que de revisões de vocábulos. Podemos caracterizar essa proporção somente por tipicidade, pois, apesar de identificarmos uma correlação alta para as quatro traduções de cada língua-fonte, como as amostras possuem somente seis instâncias, não se pode considerar essa constatação estatisticamente forte.

3.1.4 Revisões de Semântica

As revisões feitas no estrato dos significados (semântica) não são divididas em categorias. Observa-se que as traduções A→P, apesar de apresentarem relativamente menos revisões nesse estrato, apresentam o mesmo número absoluto de revisões de semântica que as traduções I→P. A Tabela 10 contrasta a frequência absoluta de revisões de semântica por texto-fonte.

	TFA	TFI
Congruência	13	12

Tabela 10 – Frequência Absoluta dos Tipos de Revisão de Significado nas Traduções de Cada Língua-Fonte

Outra diferença constatada ao analisarmos os experimentos consiste no fato de que pouco mais da metade dos tradutores realizaram revisões nesse estrato, três tradutores de alemão e quatro tradutores de inglês dentre os doze tradutores do experimento. Em outras palavras, sete traduções apresentam revisões no estrato dos significados e outras cinco traduções não apresentam nenhuma revisão nesse estrato. As Tabelas 11 e 12 contrastam a frequência absoluta de revisões de semântica por tradução específica.

	SA1	SA2	SA3	SA4	SA5	SA6	SI1	SI2	SI3	SI4	SI5	SI6
Congruência	7	0	0	2	0	4	0	0	3	4	5	0

Tabela 11 – Frequência Absoluta de Revisões de Significado em Cada Tradução

	SA1	SA2	SA3	SA4	SA5	SA6	SI1	SI2	SI3	SI4	SI5	SI6
Congruência	7			2		4			3	4	5	

Tabela 12 – Frequência Absoluta de Revisões de Significado em Cada Tradução

Como revisões no estrato dos significados foram realizadas somente por aproximadamente metade dos tradutores, pode-se levantar uma hipótese de que alguns tradutores não se permitem trabalhar nesse estrato na tentativa de produzir um texto-alvo equivalente ao texto-fonte. Operações de semântica seriam entendidas por esses tradutores como alteração do significado e, por isso, evitadas pelos mesmos. A opção por fazer ou não fazer revisões nesse estrato seria entendida como um limite auto-imposto pelos tradutores quanto ao que deve ou não deve ser feito em uma tradução. Essa hipótese não é confirmada pelo presente estudo com base nos experimentos. Contudo, os relatos retrospectivos e as entrevistas podem ser usados para triangular essas observações com a autopercepção dos tradutores.

3.2 Aplicação das Categorias

Nas seções anteriores, foram apresentados os dados quantitativos. Nesta seção, será descrita com mais detalhe a aplicação das categorias sobre as macro-UTs de modo que os leitores do presente trabalho tenham informações suficientes para reproduzir a presente pesquisa e refinar a análise em trabalhos futuros.

3.2.1 Lexicogramática: Polo Léxico

Ao etiquetar as revisões feitas no estrato dos fraseados de modo preciso, reproduzível e automatizável, é necessário sobretudo confiar que as categorias escolhidas nos proporcionem números representativos daquilo que queremos observar. As etiquetas no estrato dos fraseados (lexicogramática) em sua maioria não suscitaram dúvidas, pois as revisões feitas nesse estrato se encontram muitas vezes nos polos do contínuo entre o léxico e o gramático. As revisões de vocábulo, por exemplo, são de fácil classificação. As macro-UTs 25-36 são uma amostra das revisões de vocábulo:

UT 25 – SA1-TFA

: Leia as instruções de uso antes de **usar** o seu aparelho

: Leia as instruções de uso antes de **utilizar** o seu aparelho

usar ~ utilizar

UT 26 – SA2-TFA

: No **display** é exibido um código.

: No **visor** é exibido um código.

display | visor

UT 27 – SA3-TFA

: O código aparecerá no **display**

: O código aparecerá na **tela**

display | tela

UT 28 – SA4-TFA

: um aparelho com o qual poderá **determinar** sua glicose de maneira confortável e simples

: um aparelho com o qual poderá **mensurar** sua glicose de maneira confortável e simples

determinar | mensurar

UT 29 – SA5-TFA

: manual de instruções

: instruções de uso

manual de instruções | instruções de uso

UT 30 – SA6-TFA

: para que **a averiguação**

: para que se realizem **verificações** exatas de glicemia

: para que se realizem **aferições** exatas de glicemia

a averiguação | verificações ~ aferições

UT 31 – SI1-TFI

: Insira a extremidade da **tira** reagente com as barras de cor prata no medidor, [...]

: Insira a extremidade da **fita** reagente com as barras de cor prata no medidor, [...]

tira ~ fita

UT 32 – SI2-TFI

: Após o teste, registre sempre os **resultados**

: Após o teste, registre sempre os **valores** de açúcar no sangue

resultados | valores

UT 33 – SI3-TFI

: se você **definiu** corretamente o medidor

: se você **regulou** corretamente o medidor

definiu ~ regulou

UT 34 – SI4-TFI

: seu médico indicará o **melhor** nível para você

: seu médico indicará o nível **mais adequado** para você

melhor [1] | [1] mais adequado

UT 35 – SI5-TFI

: para testar amostras **totais** de sangue capilar de coleta recente

: para testar amostras **integrais** de sangue capilar de coleta recente

totais ~ integrais

UT 36 – SI6-TFI

: **controlar** bem o seu diabetes diariamente

: **gerenciar** bem o seu diabetes diariamente

controlar ~ gerenciar

Quanto à ordem em que ocorrem, as revisões de vocábulo têm três padrões muito bem delimitados. O primeiro padrão, que ocorre durante a fase de redação, consiste em

reduzir o número de equivalentes distintos para um vocábulo do texto-fonte. A revisão da UT28 e a primeira revisão da UT30 são exemplos desse padrão. Na tradução da UT28, o tradutor SI4 traduz o vocábulo alemão *bestimmen* pelo vocábulo português *determinar*. Pouco depois, traduz o vocábulo *Bestimmungen*, que partilha a raiz *bestimm-*, por *medição*. Em seguida, revisa a primeira equivalência, traduzindo *bestimmen* por *mensurar*. Já na tradução da UT30, o tradutor SI6 traduz o vocábulo alemão *bestimmen* por *verificar* e, pouco depois, *Bestimmungen* por *averiguação*. Em seguida, revisa a segunda equivalência, traduzindo *Bestimmungen* por *verificações*. Esse tipo de revisão mantém o número de equivalentes para o mesmo vocábulo do texto-fonte baixo durante a redação.

O segundo padrão consiste em substituir um vocábulo português por outro em todo o texto-alvo durante a fase de revisão. As revisões das UT31 e UT36 são exemplos desse padrão. Na tradução da UT31, o tradutor SI1 substitui quatro das cinco ocorrências do vocábulo *tira* por *fita* no texto-alvo. Já na tradução da UT36, o tradutor SI6 substitui as duas ocorrências do vocábulo *controlar* por *gerenciar*. É interessante observar que na fase de revisão, não é mais relevante o equivalente de *tira* e *controlar* no texto-fonte. Somente os vocábulos do texto-alvo são considerados em revisões desse tipo.

O terceiro e último padrão consiste em diminuir o número de vocábulos do texto-alvo durante a fase de revisão. A revisão da UT33 e a segunda revisão da UT30 são exemplos desse padrão. Durante a redação da tradução que contém a UT33, o tradutor SI3 traduz o vocábulo inglês *adjust* por *regular* e o vocábulo *set up* por *definiu*. Depois, durante a fase de revisão, ele passa o cursor por cima dos vocábulos *regular* e *definiu* nessa sequência e, imediatamente após passar o cursor por *definiu*, ele o substitui por *regulou*. Já na tradução da UT30, o tradutor SA6 termina a fase de redação, traduzindo os vocábulos alemães *Bestimmungen* por *verificações* e *Messung* por *aferição*. Depois, durante a fase de revisão, ele passa o cursor por cima de duas ocorrências do vocábulo *aferição* e uma de *verificações* nessa sequência e, imediatamente após passar o cursor por *verificações*, ele o substitui por *aferições*. Esse tipo de revisão, como demonstrado acima, reduz o vocabulário do texto-alvo.

As revisões de vocábulos, contudo, diferentemente das revisões de estrutura que serão detalhadas na próxima seção, não são gramaticamente sistematizáveis. Elas ocorrem no polo léxico, ou seja, consistem em substituições de uma opção por outra dentro do mesmo conjunto de vocábulos (paradigma léxico). Essas revisões não consistem em uma substituição de uma opção por outra dentro do mesmo sistema (paradigma gramático).

Portanto, como foge ao escopo deste trabalho catalogar as opções léxicas do registro escolhido, a tipificação mais detalhada dessas revisões não será abordada nesta análise.

3.2.2 Lexicogramática: Polo Gramático

Quando saímos do polo léxico e vamos em direção ao polo gramático, percebemos que os padrões observados não são tão simples e óbvios quanto anteriormente. Quanto mais afastamos do polo léxico, as revisões apresentam uma motivação progressivamente menos clara e mais obscura.

Ainda muito próximas do polo léxico, algumas poucas revisões de estruturas parecem ser motivadas por uma revisão de vocábulos executada antes de o tradutor realizar o vocábulo com uma ou mais palavras. As revisões das UTs 37-41 seriam melhor descritas como revisões de vocábulos, mas, por precisão e reprodutibilidade, elas são consideradas revisões de estrutura, uma vez que consistem, quanto ao que foi executado, em uma substituição de uma forma nominal por outra forma nominal do mesmo item gramático.

Abaixo temos alguns exemplos:

UT 37 – SA6-TFA

: recomendamos anotar ao mesmo tempo este teor em seu

: recomendamos anotar ao mesmo tempo este teor em sua caderneta

seu | sua

UT 38 – SA6-TFA

: surgirá no visor uma

: surgirá no visor um pequeno quadrado que se move

uma | um

UT 39 – SI1-TFI

: pegue um

: pegue uma tira reagente do frasco

um | uma

UT 40 – SI1-TFI

: e pressione **a**
 : e pressione **o** botão de
 a | o

UT 41 – SA6-TFA

: introduzir cuidadosamente a fita de teste no
 : introduzir cuidadosamente a fita de teste na entrada
 no | na

Outras revisões não parecem ser diretamente motivadas pela escolha do item léxico seguinte. Nas UTs 42-45, por exemplo, os tradutores parecem ter antecipado a escrita às suas escolhas e ter retrocedido com a tecla Backspace até o ponto necessário. Nesses casos, os tradutores demonstram produzir fraseados automaticamente com baixo esforço e, terminada a leitura de mais um segmento do texto-fonte, as apaga sempre que as antecipações não são úteis ou adequadas.

UT 42 – SI3-TFI

: encontrar padrões no resultado do seu
 : encontrar padrões no resultado dos níveis de açúcar no seu sangue
 do seu | dos

UT 43 – SI4-TFI

: se o resultado de
 : se o resultado do seu nível de açúcar no sangue
 de | do

UT 44 – SI1-TFI

: armazenando seus
 : armazenando seu material
 seus | seu

UT 45 – SI6-TFI

: os limites de glicose no sangue de adultos **a**
 : os limites de glicose no sangue de adultos **em** jejum
 a | em

As demais revisões de estruturas não são motivadas por escolhas léxicas e, como se encontram no polo gramático da lexicogramática, podem ser sistematizadas. Em outras palavras, como o polo gramático é organizado em sistemas em vez de conjuntos e em estruturas em vez de colocações, qualquer substituição de estruturas nesse polo necessariamente percorre duas opções do mesmo sistema. Por isso, podemos subdividir as revisões segundo o sistema em que ocorrem e é isso que faremos nas próximas subseções.

3.2.2.1 Revisão de Modo

Nas traduções I→P e A→P, os tradutores usaram três formas verbais imperativas do português para traduzir comandos cujo sujeito era o leitor³⁰. Tomando o verbo *lavar* como modelo, ocorreram as seguintes formas imperativas: *lava*, *lave* e *lavar*.

Houve um tradutor que também substituiu uma estrutura afirmativa por outra, ambas frequentes em títulos de manuais. Tomando o verbo *conduzir* como modelo, ocorreram a forma *conduzindo* e a estrutura *como conduzir*. A seguir estão as UTs observadas:

UT 46 – SI6-TFI

: **vê** a gota de sangue
 : **ver** a gota de sangue
 vê | ver

UT 47 – SA6-TFA

: lave as mãos com água quente e sabonete
 : **lavar** as mãos com água quente e sabonete
 lave | lavar

UT 48 – SA6-TFA

³⁰ O leitor do texto ora era representado pelos tradutores por *você* ora por *o/a senhor/a*.

: e **seque**-as bem

: e **secá**-las bem

seque-as | secá-las

UT 49 – SI1-TFI

: **saiba** quais os sintomas³¹

: **conhecer** os sintomas de muito ou pouco açúcar no sangue

saiba | conhecer

UT 50 – SA1-TFA

: **abaixar** o braço por um momento para que o sangue flua até a ponta dos dedos

: **abaixe** o braço por um momento para que o sangue flua até a ponta dos dedos

abaixar ~ abaixe

UT 51 – SA1-TFA

: **segurar** o dedo logo abaixo da última articulação antes da ponta do dedo

: **segure** o dedo logo abaixo da última articulação antes da ponta do dedo

segurar ~ segure

UT 52 – SA1-TFA

: e **massagear** levemente durante 3 segundos

: e **massageie** levemente durante 3 segundos

massagear ~ massageie

UT 53 – SA4-TFA

: Pressione [...] até que se forme uma pequena gota de sangue (**não espremer**)

: Pressione [...] até que se forme uma pequena gota de sangue (**não esprema**)

espremer ~ esprema

UT 54 – SI4-TFI

³¹ Nesta macro-UT, ocorrem simultaneamente duas revisões de estruturas e uma revisão de vocábulos. A outra revisão de estruturas será analisada na Seção 3.3.1.3.2.

: conduzindo um teste de nível de açúcar no sangue
 : **como realizar** o teste de nível de açúcar no sangue
 conduzindo ~ como realizar

As substituições da forma *lava* e da forma *lave* pela forma *lavar* nas UTs 46-49 ocorrem durante a fase de redação, já as quatro substituições contrárias da forma *lavar* pela forma *lave* das UTs 50-53 ocorrem durante a fase de revisão. As UTs 50-52 foram realizadas pelo tradutor SI1 e a UT53 pelo tradutor SA4. Para identificar melhor o que de fato ocorreu nas UTs 50-52, reproduzo abaixo um segmento das versões do texto-alvo do SI1 anterior e posterior a essas revisões.

SI1-TFI – Antes das Revisões

Como obter uma gota de sangue

- Massageie o dedo para aumentar o fluxo sanguíneo.
- Abaixar o braço por um momento para que o sangue flua até a ponta dos dedos.
- Segurar o dedo logo abaixo da última articulação antes da ponta do dedo e massagear por 3 segundos.

Determinando a glicemia

- Lavar as mãos com sabão e água morna e secar bem.
- Preparar o dispositivo de punção de acordo com as especificações do fabricante.
- Retirar uma nova tira de teste do tubo. Fechar bem o tubo logo em seguida.

SI1-TFI – Depois das Revisões

Como obter uma gota de sangue

- Massageie o dedo para aumentar o fluxo sanguíneo.
- Abaixo o braço por um momento para que o sangue flua até a ponta dos dedos.
- Segure o dedo logo abaixo da última articulação antes da ponta do dedo e massageie por 3 segundos.

Determinando a glicemia

- Lavar as mãos com sabão e água morna e secar bem.
- Preparar o dispositivo de punção de acordo com as especificações do fabricante.
- Retirar uma nova tira de teste do tubo e fechar bem o tubo logo em seguida.

Analisando as revisões do SI1 com mais detalhe, identifica-se um padrão de revisão que reduz o número de formas verbais dos complexos oracionais. O tradutor SI1 havia redigido a forma imperativa *lave* no primeiro comando da sequência de instruções e a forma imperativa *lavar* nos comandos seguintes. Antes das revisões, as flexões verbais eram: *massageie*, *abaixar*, *segurar* e *massagear*. Quando SI1 revisou o texto, substituiu a forma imperativa *lavar* dos três últimos comandos pela forma imperativa *lave* que havia sido usada no primeiro. As flexões verbais se tornaram: *massageie*, *abaixe*, *segure* e

massageie. Já o tradutor SA4 havia redigido a forma imperativa *lave* no primeiro comando da sequência de instruções e a forma imperativa *lavar* no segundo: *pressione e espremer*. Quando SA4 revisou o texto, substituiu a forma imperativa *lavar* pela forma imperativa *lave* que havia sido usada no primeiro comando, o que resultou: *pressione e esprema*. Esse tipo de revisão reduz o número de formas verbais do complexo oracional.

Atentando-se para a ordem das revisões, observa-se que os dois tradutores não substituem as outras ocorrências da forma *lavar* do restante do texto. Eles se restringem a reduzir o número de formas verbais de um complexo oracional e param as revisões quando termina a sequência de orações coordenadas. Voltando ao texto-alvo do tradutor SII, temos duas sequências de orações coordenadas cujas flexões verbais antes das revisões são: [*massageie, abaixar, segurar e massagear*] e [*lavar, preparar, retirar e fechar*]. O tradutor SII revisa somente as formas verbais da primeira sequência de orações coordenadas e deixa a segunda sequência inalterada. Após a revisão, todas as ocorrências da forma imperativa *lavar* da primeira sequência são substituídas pela forma imperativa *lave* – a forma do primeiro comando da sequência – e as ocorrências da forma imperativa *lavar* da segunda sequência são mantidas sem revisões, o que resulta as seguintes flexões verbais: [*massageie, abaixe, segure e massageie*] e [*lave, preparar, retirar e fechar*].

Finalmente, a substituição da forma *conduzindo* pela estrutura *como conduzir*³² da UT54 também ocorre durante a fase de revisão. Abaixo está o que o tradutor SI4 fez durante a fase de revisão:

Antes da Revisão

Conduzindo um teste de nível de açúcar no sangue

Antes de realizar seu primeiro teste, certifique-se de que você preparou o medidor corretamente e faça o teste de controle.

1. Lave e seque suas mãos
2. Pegue uma tira [...]

Depois da Revisão

Como realizar o teste de nível de açúcar no sangue

³² Junto com a revisão de estruturas, ocorre uma revisão de vocábulos em que o verbo *conduzir* é substituído pelo verbo *realizar*. Para isolar os dois processos, usamos os modelos de forma e, assim, evitamos discutir opções léxicas durante a discussão de estruturas.

Antes de realizar seu primeiro teste, certifique-se de que você preparou o medidor corretamente e faça o teste de controle.

1. Lave e **seque** suas mãos
2. Retire uma tira [...]

Nesta revisão específica, o tradutor SI4 substituiu a forma afirmativa *conduzindo* do verbo *conduzir* pela estrutura afirmativa *como conduzir* do verbo *realizar* no título da seção.

3.2.2.2 Revisão de Conjunções

Na Linguística Sistêmico-Funcional, as conjunções representam nexos entre duas orações, i.e. relações entre uma oração primária e uma oração secundária. As relações entre orações podem ser divididas quanto à TAXE e quanto ao TIPO LÓGICO. Quanto à taxie, existem dois tipos de relação: a relação hipotática entre uma oração dominante e uma dependente e a relação paratática entre uma oração iniciante e uma continuante. Já quanto ao tipo lógico, as orações se dividem em projeções – em que a oração secundária é projetada pela primária, definida como uma locução ou como uma ideia – e em expansões – em que a oração secundária expande a primária elaborando-a, estendendo-a ou aprimorando-a.

Atentando-se às traduções analisadas, as UTs em que se observou revisão de conjunções foram:

UT 55 – SI1-TFI

- : certifique-se de que o medidor está instalado
- : certifique-se de que o medidor esteja instalado
- de que ... está ~ de que ... esteja

UT 56 – SI4-TFI

- : para medir [...] no sangue para auxiliar você e seu médico a controlar a diabetes
- : para medir [...] no sangue e, assim, auxiliar você e seu médico a controlar a diabetes
- para auxiliar ~ e, assim, auxiliar

UT 57 – SA1-TFA

- : Retirar uma nova tira de teste do tubo. Fechar bem o tubo logo em seguida.

: Retirar uma nova tira de teste do tubo e fechar bem o tubo logo em seguida.

. ... logo em seguida ~ e ... logo em seguida

UT 58 – SI5-TFI

: Retire uma faixa de teste do frasco. Feche a tampa do frasco com firmeza.

: Retire uma faixa de teste do frasco e feche a tampa do frasco com firmeza.

. Feche ~ e feche

A UT 55 consiste em um comando para o leitor se certificar de que algo tenha sido feito e sua redação inicial difere de sua segunda versão quanto à forma do verbo. As duas versões contêm duas orações: a primeira oração representa a certificação de uma hipótese/ideia e a segunda representa a hipótese/ideia de que os leitores devem se certificar. Assim, a oração *de que o medidor esteja instalado* é uma ideia projetada pela oração *certifique-se* e é dependente dela. A segunda oração é, portanto, de uma ideia projetada dependente.

Voltando ao latim antigo, um recorte histórico da língua que hoje recebe o nome de português, observamos que a forma verbal que evoluiu em *esteja* era uma forma conjuntiva, mais especificamente uma forma verbal usada para exercer a função de conjunção entre uma oração projetora dominante e uma oração projetada dependente que representasse uma ideia desejada. A título de exemplificação, uma ocorrência desse uso pode ser observada na oração projetada dependente do complexo *nōlō amēs*³³ – *não quero que você me ame* – em oposição à oração não-projetada independente *tū mē amās*³⁴ – *você me ama*. A evolução da língua portuguesa em que se adicionou a conjunção *que* nesse tipo de oração é posterior à forma conjuntiva que existe desde o latim antigo.

Com apoio nessa análise histórica, considera-se que a oposição entre *de que o medidor está instalado* e *de que o medidor esteja instalado*, incluindo as formas verbais, pertença a um sistema do português que divide as orações projetadas dependentes respectivamente em fatos e ideias. Em outras palavras, essa oposição consiste em afirmar um fato como em *o fato de que o medidor está instalado* ou em não afirmar um fato mas

³³ Retirado da Casina de Plauto para exemplificação.

³⁴ Retirado da Mostellária de Plauto para exemplificação.

sim uma ideia como em *a ideia de que o medidor esteja instalado*³⁵. Sob essa análise, o tradutor substituiu a estrutura conjuntiva *de que ... está* pela estrutura conjuntiva *de que ... esteja*.

Já na UT 56, ocorre uma substituição de estruturas no sistema de taxa. O complexo de orações redigido inicialmente contém uma relação hipotática cujo dependente é a oração *para auxiliar você e seu médico no controle da diabetes*. A hipotaxe é realizada pela estrutura conjuntiva *para auxiliar*, que é constituída de uma conjunção e uma forma infinitiva (non-finite) do verbo auxiliar. Já o complexo resultante da revisão contém uma relação paratática cujo continuante é a oração *e, assim, auxiliar você e seu médico no controle da diabetes*. A parataxe é realizada pela estrutura conjuntiva *e, assim, auxiliar*, que é constituída de "e, assim," e a mesma forma de verbo que a da oração iniciante.

Em outras palavras, na redação inicial, a forma verbal da oração dependente é infinitiva e, na segunda versão, é a mesma que a da oração iniciante. Essa concordância entre formas verbais presente somente na segunda versão pode ser observada nas seguintes flexões criadas para efeito ilustrativo: *o leitor mediu a glicemia no sangue para auxiliar a si mesmo e seu médico no controle da diabetes*³⁶ em contraste com *o leitor mediu a glicemia no sangue e, assim, auxiliou a si mesmo e seu médico no controle da diabetes*.

Desse modo, ao substituir a estrutura *para auxiliar* pela estrutura *e, assim, auxiliar*, o tradutor substituiu uma relação hipotática por uma relação paratática, removendo a hierarquia dessa relação. Essa substituição, apesar de afetar a relação tática entre as orações, não afeta o tipo lógico dessa relação, pois tanto a oração *para auxiliar você e seu médico [...]* quanto a oração *e, assim, auxiliar você e seu médico [...]* representam a finalidade de se medir a glicemia no sangue independentemente de as orações serem dependentes ou continuantes.

Por último, nas UTs 57 e 58, ocorre em uma substituição da pontuação "." pela palavra *e*. No estrato da escrita, essa substituição resultou a transformação de duas sentenças distintas em uma única sentença. Já no estrato dos fraseados, i. e. na lexicogramática, essa substituição não permite uma análise tão simples e, por isso, demanda o seguinte aprofundamento.

³⁵ Existem outras estruturas como *verifique se o medidor está instalado* no mesmo sistema. Essas outras estruturas são realizadas em outras traduções, mas como não foram substituídas em revisões, não serão analisadas neste trabalho.

³⁶ Ambos os exemplo de orações foram criados para ilustrar a análise, ou seja, não ocorreram nas traduções.

As orações imperativas do presente trabalho foram tipicamente iniciadas pelos verbos e, quando possuíam fraseados que representam o tempo, foram tipicamente terminadas por eles³⁷. Os tempos representados podem ser tempos específicos na história como em *amanhã* ou *daqui a pouco* mas também podem ser um tempo anterior, simultâneo ou posterior ao tempo representado pela oração anterior como no fraseado *logo em seguida* da UT 57. Nesse último caso, dizemos que a segunda oração continua a primeira oração expandindo-a por um nexos temporal.

Consideramos então que, mesmo quando havia a pontuação ".", as duas orações tinham uma relação de parataxe em que a primeira era iniciante e a segunda continuante. Desse modo, a substituição da pontuação "." pela palavra *e* não altera a relação paratática entre as duas orações, mas somente substitui a conjunção ". ... logo em seguida" pela conjunção *e ... logo em seguida*. Essa revisão de conjunções é, portanto, mais drástica no estrato da escrita do que no estrato dos fraseados.

Atentemos para o fato de que as revisões de conjunção observadas neste estudo ocorrem todas na fase de revisão e não na fase de redação. Esta observação nos sugere que essas revisões sejam decorrentes de um processo cognitivo não automatizado dos tradutores.

3.2.2.3 Revisão de Conjunções/Funções Discursivas

Algumas revisões, à primeira vista, parecem ser revisões de conjunção, mas, quando analisadas de modo mais refinado, demonstram ser operações no sistema de FUNÇÕES DISCURSIVAS (SPEECH FUNCTIONS) realizadas no polo léxico da lexicogramática e não propriamente operações no sistema de TAXE ou de TIPO LÓGICO. As unidades de tradução em que os tradutores realizam ou constroem funções discursivas com itens léxicos são vistas abaixo:

UT 59 – SI4-TFI

: certifique-se de fechar o vial de tira de teste

: certifique-se de que você fechou o vial de tira de teste

: certifique-se de fechar bem o vial de tira de teste

certifique-se de fechar | de que você fechou o vial de tira de teste | certifique-se de fechar

³⁷ A ordem típica das orações no imperativo não é expressa na gramática tradicional de Bechara (1999) nem na gramática gerativa de Perini (1998).

UT 60 – SI6-TFI

: antes de executar o [...] teste, **verifique se configurou** o medidor adequadamente

: antes de executar o [...] teste, **configure** o medidor adequadamente

verifique se configurou | configure

Na primeira revisão da UT 59, o tradutor substituiu a proposta de fechar o vial pela proposição de que o leitor tenha fechado o vial. Usando a terminologia da Linguística Sistêmico-Funcional, apesar de ambos os complexos serem compostos por orações em relação de projeção, na primeira versão, a ação de fechar faz parte da proposta enquanto, na segunda versão, a ação de fechar é somente o processo de uma figura a ser verificada.

A primeira versão produzida demanda uma análise mais delicada. Entendendo *certifique-se de fechar* como um grupo de verbos, o vocábulo *fechar* é o núcleo desse grupo e o vocábulo *certifique-se* é um verbo auxiliar do modo imperativo³⁸, um refinamento paradigmático do modo imperativo. Tomando o verbo *fechar* como modelo, temos o recurso *certifique-se de fechar* em oposição às formas *fecha*, *feche* e *fechar* como um sistema expandido³⁹ do modo imperativo.

Já a segunda versão produzida contém uma oração dependente projetada similar à da seção anterior. Nela se observa a estrutura conjuntiva *de que ... fechou* e, como nas ocorrências anteriores, a oração projetada representa uma ideia e não um fato. Um ponto interessante consiste em identificar que o leitor, sujeito da ação de fechar, é representado nesta versão pela palavra *você* ao passo que o leitor sujeito não é representado por nenhuma palavra na primeira versão. Isso se deve ao fato de que a dependência da oração na segunda versão é representada pela estrutura conjuntiva finitiva *de que ... fechou* – finite binder – enquanto a dependência da oração projetada na primeira versão é representada pela estrutura conjuntiva infinitiva *de fechar* – non-finite binder – que é estatisticamente mais usada para fundir dois grupos de verbos em um único.⁴⁰

Imediatamente após substituir a estrutura que representava a ação de fechar como uma proposta por uma estrutura que representava a ação de fechar como uma proposição a

³⁸ Como o verbo auxiliar *queira* do grupo de verbos *queira fechar* atestado por Bechara (1999) como um modo imperativo mais suave.

³⁹ Ao expandir o sistema de modo com verbos auxiliares, saímos do polo gramático no significado do polo léxico pelo contínuo lexicogramático.

⁴⁰ Em alguns casos específicos, conjunções finitivas se tornam estrutura de grupos de verbo como em *faz que vai*, *finje que vai* e *diz que vai*.

ser verificada, o tradutor repensou sua decisão e desfez a substituição na revisão seguinte, mantendo a versão que o escritor manda o leitor fechar o vial. Trata-se, portanto, de uma revisão de modo que, por conter uma substituição de estruturas conjuntivas, pode ser interpretada também como uma revisão de conjunção.

Na UT 60, temos uma revisão similar à segunda revisão da UT 59 em que se substitui uma estrutura que representa a ação de fechar como uma proposição a ser verificada por uma estrutura que representa a mesma ação como uma proposta a ser executada. Contudo, o tradutor é mais drástico em sua revisão de estruturas e substitui o complexo constituído por duas orações em relação de projeção hipotática por uma única oração imperativa. Em outras palavras, ao inserir a ação de configurar na proposta, em vez de usar um item léxico como verbo auxiliar como em *certifique-se de fechar*, o tradutor optou por usar a forma *feche* do verbo *configurar*, que é uma opção imperativa relativamente mais frequente no sistema de modo.

É importante ressaltar que a inserção de ações de orações projetadas na proposta ocorreram somente durante a fase de redação ao passo que as substituições de conjunção da seção anterior ocorreram somente na fase de revisão.

3.2.2.4 Revisão de Referência

Em algumas revisões, os tradutores substituem estruturas do grupo de nomes que realizam o sistema de pessoa e o de coesão. O sistema de pessoa consiste em oposições sistêmicas que representam o falante/escritor e o ouvinte/leitor como elementos da figura ou como auxílios na identificação dos elementos da figura. Já o sistema de coesão consiste em oposições sistêmicas que nos permitem identificar um elemento de uma figura com o elemento de outra figura.

Por outro lado, no polo léxico, os nomes próprios são vocábulos (tokens) que representam elementos identificados por elementos construídos em textos anteriores enquanto os nomes comuns são vocábulos que representam elementos de um determinado tipo construído pelo leitor em textos anteriores tanto com definições quanto com exemplos. Os dois sistemas – o de pessoa e o de coesão – e os dois conjuntos de vocábulos – o de nomes próprios e o de nomes comuns – conjuntamente realizam o sistema de referência.

Para interpretar as UT desta seção, tomando o nome *medidor* como modelo, temos as seguintes estruturas de referência: *seu medidor*, *o seu medidor*, *o medidor*, *um medidor*,

um novo medidor, outro medidor. Abaixo temos algumas UTs em que foram feitas revisões nesse sistema:

UT 61 – SI1-TFI

: **seu** medidor de glicose no sangue foi projetado e aprovado para testar
 : **o** medidor de glicose no sangue foi projetado e aprovado para testar
 seu medidor de glicose no sangue | o medidor de glicose no sangue

UT 62 – SI5-TFI

: Essas informações ajudam a administrar **sua** diabetes melhor
 : Essas informações ajudam a administrar **a** diabetes melhor
 sua diabetes ~ a diabetes

UT 63 – SI5-TFI

: reduzindo **suas** chances de complicações
 : reduzindo **as** chances de complicações
 suas chances ~ as chances

UT 64 – SI4-TFI

: **o seu** novo medidor AC Advantage e seus acessórios atuam em conjunto para medir [...]
 : **o** novo medidor AC Advantage e seus acessórios atuam em conjunto para medir [...]
 o seu novo medidor AC Advantage | o novo medidor AC Advantage

UT 65 – SI5-TFI

: Registro **dos seus** resultados
 : Registro **dos** resultados
 os seus resultados ~ os resultados

UT 66 – SI5-TFI

: **O** medidor de glicose no sangue foi projetado e aprovado para [...]
 : **Seu** medidor de glicose no sangue foi projetado e aprovado para [...]
 O medidor de glicose ~ Seu medidor de glicose

UT 67 – SA3-TFA

: Quando [...], **o** valor glicêmico

: Quando [...], **seu** valor glicêmico estará acima de 600 mg/dl (sic)

o valor glicêmico | seu valor glicêmico

UT 68 – SI4-TFI

: conduzindo **um** teste de nível de açúcar no sangue

: como realizar **o** teste de nível de açúcar no sangue

um teste de nível de açúcar no sangue ~ o teste de nível de açúcar no sangue

UT 69 – SI5-TFI

: ou reinicie com **uma nova** tira de teste

: ou reinicie com **outra** tira de teste

uma nova tira de teste ~ outra tira de teste

UT 70 – SI6-TFI

: uma caixa gira na tela, e o resultado aparece. Se você ainda vê-**lo amarelo**, [...](sic)⁴¹

: uma caixa gira na tela, e o resultado aparece. Se você ainda vê-**lo amarela**, [...](sic)

: uma caixa gira na tela, e o resultado aparece. Se você ainda vê-**la amarela**, [...](sic)

vê-lo amarelo | vê-lo amarela ~ vê-la amarela

As redações iniciais das UTs 61-65 e a segunda versão das UTs 66-67 representam algo como sendo relacionado com o leitor com as estruturas *seu medidor* e *o seu medidor*. Já as segundas versões das UTs 61-65 e a redação inicial das UTs 66-67 representam algo como identificado com a estrutura *o medidor*. Em outras palavras, os tradutores substituem as estruturas possessivas *seu medidor* e *o seu medidor* pela estrutura *o medidor* do sistema de referência ou vice-versa.

Nas UTs 61, 63, 64 e 65, o grupo nominal cuja estrutura é revisada contém a primeira ocorrência de um nome comum no texto, ou seja, as estruturas revisadas

⁴¹ Pela norma brasileira de escrita, a estrutura *se ... enxergá-la* do verbo *ver* deve ser escrita *se ... vi-la* e não *se ... vê-la* como foi escrito nessa unidade de tradução.

introduzem um elemento novo na rede coesiva. Na UT 66, o grupo nominal contém a primeira ocorrência de um nome comum em uma seção do manual. Na UT 62, o grupo nominal contém a quinta e última ocorrência de um nome comum correferente com os anteriores enquanto, na UT 67, o grupo nominal contém a quarta ocorrência de um nome comum que não é correferente com os anteriores. O tradutor SI5 realizou esse tipo de revisão na fase de revisão enquanto os outros tradutores realizaram as revisões na fase de redação.

Na UT 68, o tradutor SI4 substitui a estrutura *um medidor* pela estrutura *o medidor* e, na UT 69, o tradutor SI5 substitui a estrutura *um novo medidor* pela estrutura *outro medidor*. Ambos os tradutores realizam intervenções no sistema de referência, mas não foram encontrados outros casos semelhantes para que um padrão pudesse ser identificado.

A UT 70 consiste em uma redação inicial e duas revisões. O segmento do TA produzido contém três orações. As duas primeiras se encontram em relação paratática enquanto a terceira é uma condição de uma oração que a segue. As duas primeiras orações representam uma sequência de figuras que contêm dois elementos: uma caixa e o resultado do teste. Esses dois elementos podem identificar os elementos das figuras seguintes por coesão.

Na terceira oração, entretanto, observou-se que o tradutor usou duas estruturas anafóricas do sistema de coesão do português para traduzir a mesma coesão do TF. Tomando o verbo *ver* como modelo, temos as seguintes estruturas: *vê-lo* e *vê-la*. Na primeira versão, a estrutura anafórica é *vê-lo* e refere o resultado do teste porque concorda com *o resultado*. Já na terceira versão, a estrutura anafórica é *vê-la* e refere a caixa porque concorda com *uma caixa*. Assim, observa-se que, na primeira versão, o elemento que identifica o que deve ser visto é o resultado do teste. Por outro lado, na terceira versão, é a caixa.

Em paralelo a essa revisão, o tradutor também substitui uma forma de um adjetivo por outra. Tomando o adjetivo *amarelo* como modelo, temos as seguintes formas: *amarelo* e *amarela*. A forma *amarelo* concorda com *o resultado* e a forma *amarela* concorda com *uma caixa*. Observa-se que, na primeira revisão, o tradutor substitui a forma *amarelo* pela forma *amarela* e, assim, começa a substituir a coesão para com o resultado do teste pela coesão para com a caixa. A revisão da coesão só é concluída quando ambas as estruturas *vê-lo* e *amarelo* da primeira versão são respectivamente substituídas por *vê-la* e *amarela* na terceira versão.

3.2.2.5 Revisão de Referência/Vocábulos

Algumas revisões parecem, a primeira vista, ser revisões no sistema de referência, mas quando analisamos os exemplos com mais atenção, percebemos que o que ocorre é que o segundo vocábulo é usado como qualificador do primeiro, resultando uma única entidade. Essas revisões de estrutura permitem inserir um novo tipo de elemento no sistema linguístico. Observe algumas ocorrências desse tipo de revisão:

UT 71 – SA6-TFA

: retirada do sangue

: retirada de sangue

retirada ... sangue | retirada de sangue

UT 72 – SI4-TFI

: medidor de açúcar

: medidor do nível de açúcar

: medidor de nível de açúcar

medidor de açúcar | medidor ... nível de açúcar ~ medidor de nível de açúcar

UT 73 – SI4-TFI

: certifique-se de que o código no medidor confere com o código no vial da tira de teste

: certifique-se de que o código no medidor confere com o código no frasco de tira de teste

vial ... tira de teste ~ frasco de tira de teste

UT 74 – SI5-TFI

: Certifique-se de fechar o frasco da tira de teste

: Certifique-se de fechar o frasco de tiras de teste

frasco ... tira de teste ~ frasco de tiras de teste

Nas UTs 71-74, os tradutores oscilam entre usar ou não usar artigos nos qualificadores. Diferentemente dessas revisões, na UT 75, o tradutor SI3 oscila entre qualificar *a tira* ou *o frasco* como sendo *de teste*:

UT 75 – SI3-TFI

: a tira do frasco de teste

: a tira de teste do frasco

: a tira do frasco de teste

tira ... frasco de teste | tira de teste ... frasco | tira ... frasco de teste⁴²

3.2.2.6 Revisão de Conjunções/Referência

Outras revisões parecem, a primeira vista, ser revisões de conjunção, mas, com uma análise mais delicada, percebemos se tratarem de revisões de referência. Observemos o exemplo abaixo:

UT 76 – SI1-TFI

: saiba **quais os** sintomas

: conhecer **os** sintomas de muito ou pouco açúcar no sangue

quais os sintomas | os sintomas de muito ou pouco açúcar no sangue

Devido à substituição de *quais os sintomas* por *os sintomas*, consideramos a estrutura *quais os sintomas* como sendo uma opção do sistema de referência, uma vez que esta foi substituída pela estrutura *os sintomas*, que é uma opção do sistema de referência.

3.2.2.7 Revisão de Circunstâncias

Algumas revisões consistem em substituir um preposição de uma frase por outra preposição. A maioria dessas substituições não alteram o tipo amplo de circunstância (tempo, lugar, modo...), mas se restringem a navegar entre opções mais refinadas dentro do mesmo tipo de circunstância. Abaixo temos algumas UTs em que ocorreram revisões de frases.

UT 77 – SA5-TFA

: pode adicionar uma segunda gota de sangue **durante**

⁴² Nesta macro-UT, foram anotadas duas revisões de vocábulos e duas revisões de estruturas.

: pode adicionar uma segunda gota de sangue **dentro de** 15 segundos
durante | dentro de

UT 78 – SA2-TFA

: você poderá acrescentar mais uma segunda gota **no prazo de** 15 segundos
: você poderá acrescentar mais uma segunda gota **dentro de** 15 segundos
no prazo de ~ dentro de

UT 79 – SA4-TFA

: **por**
: **durante** um curto espaço de tempo
por | durante

UT 80 – SI3-TFI

: em adultos sem diabetes é **d**
: em adultos sem diabetes é **inferior a** 140mg/dL
d | inferior a

UT 81 – SA2-TFA

: a área de medição do seu aparelho **está entre** 10 mg/dl e 600 mg/dl
: a área de medição do seu aparelho é **de** 10 mg/dl **a** 600 mg/dl
está entre [1] e [2] ~ é de [1] a [2]

UT 82 – SI3-TFI

: se **o** resultado
: se **junto do** resultado aparecer uma indicação de "HI"
: se **junto com o** resultado aparecer uma indicação de "HI"
: se **junto do** resultado aparecer uma indicação de "HI"
o | junto do | junto com o ~ junto do

UT 83 – SI1-TFI

: duas horas **depois das** refeições

: duas horas **após das** refeições (sic)
depois das | após das

UT 84 – SA1-TFA

: fácil e confortavelmente
: **de forma** fácil e confortável
[1] e [2]mente ~ de forma [1] e [2]

UT 85 – SA5-TFA

: se a tira tiver sido colocada **corretamente**
: se a tira tiver sido colocada **de forma** correta
[1]mente ~ de forma [1]

UT 86 – SI3-TFI

: seu sistema AC Advantage Meter e os acessórios trabalham **juntos**
: seu sistema AC Advantage Meter e os acessórios trabalham **junto com** ele
juntos ~ junto com ele

UT 87 – SA2-TFA

: não aplique a gota de sangue por cima **no** campo de teste amarelo
: não aplique a gota de sangue por cima **sobre o** campo de teste amarelo
no ~ sobre o

3.2.2.8 Revisão de Circunstâncias/Qualificadores

Em algumas revisões, a substituição das preposições resulta a transformação de uma circunstância da figura em um circunstância encaixada. O oposto também ocorre. Observemos algumas unidades de tradução em que tradutores fazem esse tipo de revisão:

UT 88 – SA6-TFA

: se após a coleta da primeira gota de sangue ainda estiver visível a região amarela **na** fita
: se após a coleta da primeira gota de sangue ainda estiver visível a região amarela **da** fita
ainda estiver visível ... na fita ~ região amarela ... fita

UT 89 – SI1-TFI

: por quê teste para medir açúcar do sangue é [...]?

: por quê teste para medir açúcar no sangue é [...]?

açúcar ... sangue ~ medir ... no sangue

UT 90 – SI3-TFI

: pegue uma tira de teste do frasco

: pegue uma tira de teste no frasco

tira de teste ... frasco ~ pegue ... no frasco

Na UT 88, ocorre uma revisão em que a figura que era constituída por três elementos passa a ser constituída por dois. A figura antes da revisão continha a região amarela enquanto um elemento que participava do processo de estar visível em uma circunstância de lugar: na fita. A figura após a revisão passou a conter somente a região amarela da fita enquanto um elemento que participa do processo de estar visível. A análise das UTs 89-90 é a mesma: as frases com preposição EM representam uma circunstância e as frases com preposição DE representam uma entidade auxiliar do sistema de referência.

Alternativamente, pode-se entender que ambas as frases com preposição EM e com preposição DE qualificam a outra entidade. Analisando desse modo as UTs 91-92, temos somente uma variação de refinamento dentro do sistema de referência.

UT 91 – SA6-TFA

: se após a coleta da primeira gota de sangue ainda estiver visível a região amarela na fita

: se após a coleta da primeira gota de sangue ainda estiver visível a região amarela da fita

região amarela ... fita ~ região amarela ... fita

UT 92 – SI1-TFI

: por quê teste para medir açúcar do sangue é [...]?

: por quê teste para medir açúcar no sangue é [...]?

açúcar ... sangue ~ açúcar ... sangue

Independente da opção por uma análise ou por outra, essas revisões ocorrem no polo gramático do estrato dos fraseados e, portanto, são revisões de estruturas, o que é suficiente para a taxonomia deste trabalho.

3.2.2.9 Revisão de Qualificadores

Em outras revisões, a substituição de preposições de frases não resulta alteração no tipo de circunstância ou na existência de uma circunstância. Nessas revisões, as frases não representam circunstâncias nem auxílio de referência, mas sim qualificadores, ou seja, refinamentos nos tipos das entidades representadas. Observemos as UTs 93-96:

UT 93 – SI4-TFI

: pegue uma tira para teste

: pegue uma tira de teste

tira para teste ~ tira de teste

UT 94 – SI4-TFI

: insira a ponta da tira para teste com as barras em cor prata no medidor

: insira a ponta da tira de teste com as barras em cor prata no medidor

tira para teste ~ tira de teste

UT 95 – SI4-TFI

: você pode manter todos os materiais para teste na caixa

: você pode manter todos os materiais de teste na caixa

materiais para teste ~ materiais de teste

UT 96 – SI4-TFI

: e pressione o botão de

: e pressione o botão soltar

botão de | botão soltar

Além dessas revisões paradigmáticas de vocábulos, ocorrem também revisões sitagmáticas. Vocábulos compostos como *taxa de açúcar*, *dosagem de açúcar* e *taxa de glicemia* podem ser caracterizados por epítetos em dois pontos de sua estrutura: depois ou antes do qualificador. Assim podemos ter a adição de um epíteto tanto depois do qualificador como em *taxa de açúcar baixa* quanto antes do qualificador como em *dosagem baixa de açúcar*. Nas UTs 98-103, temos algumas ocorrências desse tipo de revisão:

UT 97 – SI1-TFI

: taxa de açúcar baixa

: dosagem alta de açúcar

[1] [2] baixa ~ [1] alta [2]

UT 98 – SI1-TFI

: taxa de açúcar alta

: dosagem baixa de açúcar

[1] [2] alta ~ [1] baixa [2]

UT 99 – SA3-TFA

: Para que o/a senhor/a possa executar medições de glicemia exatas

: Para que o/a senhor/a possa executar medições exatas de glicemia

[1] [2] exatas | [1] exatas [2]

UT 100 – SI5-TFI

: Nível de açúcar no sangue alto (hiperglicemia):

: Nível de açúcar alto no sangue (hiperglicemia):

[1] [2] [3] alto ~ [1] [2] alto [3]

UT 101 – SI5-TFI

: Nível de açúcar no sangue baixo (hipoglicemia):

: Nível de açúcar baixo no sangue (hipoglicemia):

[1] [2] [3] baixo ~ [1] [2] baixo [3]

UT 102 – SI5-TFI

: os sintomas decorrentes de um nível de açúcar alto ou baixo no sangue

: os sintomas decorrentes de um nível alto ou baixo de açúcar no sangue

[1] [2] alto ou baixo [3] ~ [1] alto ou baixo [2] [3]

UT 103 – SA1-TFA

: determinações exatas de sua glicemia

: a sua taxa de glicemia exata

[1] exatas [2] ~ [1] [2] exata

Ressalta-se que as revisões paradigmáticas e sintagmáticas de vocábulos compostos assim como as revisões de referência da subseção anterior ocorrem quase sempre na fase de revisão e consistem, portanto, em processos cognitivos não-automatizados dos tradutores ao passo que as revisões de circunstâncias ocorrem divididas entre as fases de redação e revisão.

3.2.2.10 Outras Revisões de Estruturas nos Grupos de Verbos

Algumas revisões consistem em substituir uma estrutura do grupo de verbos por outra. Essas substituições percorrem vários sistemas como o sistema de tempo, de fase, de frequência, de probabilidade, de obrigatoriedade, de voz assim como os de modo e de nexos como visto em seções anteriores. Nesta seção, listamos os tipos de revisão em grupos de verbos que foram observadas com baixa frequência:

Fase**UT 104 – SA4-TFA**

: Assim que aparecer o sinal em forma de gota de sangue piscando

: Assim que o sinal em forma de gota de sangue começar a piscar

aparecer [1] piscando | [1] começar a piscar

Frequência**UT 105 – SA6-TFA**

: fechar imediatamente o tubo

: tornar a vedar imediatamente o tubo

fechar ~ tornar a vedar

Probabilidade

UT 106 – SI6-TFI

: essas informações ajudar⁴³ você a controlar melhor o seu diabetes

: essas informações ajudam você a controlar melhor o seu diabetes

ajudar ~ ajudam

Tempo e Condição

UT 107 – SA4-TFA

: Quando [...], aparece no painel um gatinho que se mexe.

: Quando [...], aparecerá no visor um gatinho que se mexe.

aparece ~ aparecerá

Interferência (*eingelegt ist*)

UT 108 – SA5-TFA

: se a tira estiver sido colocada corretamente

: se a tira tiver sido colocada corretamente

se ... estiver sido colocada ~ se ... tiver sido colocada

Número do Sujeito

UT 109 – SI5-TFI

: Isso ajudará você e seu profissional de saúde a localizar padrões nos resultados.

: Isso ajudará você e seu profissional de saúde a localizarem padrões nos resultados.

a localizar ~ a localizarem

UT 110 – SI5-TFI

: ajudar o usuário e seu médico a controlar a diabetes

: ajudar o usuário e seu médico a controlarem a diabetes

⁴³ A forma *ajudar* não é um erro de digitação. Trata-se da locução *podem ajudar* sem o verbo auxiliar *podem*.

a controlar ~ a controlarem

Voz

UT 111 – SA1-TFA

: pode **ser acrescida**

: você pode **acrescentar**

ser acrescida ~ acrescentar

UT 112 – SI5-TFI

: evocê pode **ajustar** o Lancet Device para tornar o teste mais confortável (sic)

: e o dispositivo de corte pode **ser ajustado** para tornar o teste mais confortável

ajustar ~ ser ajustado

UT 113 – SA4-TFA

: verifique qual aparelho seu médico **prescreveu**

: verifique qual aparelho **foi prescrito** por seu médico

prescreveu ~ foi prescrito

3.2.2.11 Conclusão

As revisões de estrutura identificadas neste trabalho foram organizadas segundo o sistema – paradigma gramático – que continha ambas as opções anterior e posterior à revisão. Observamos que certos sistemas como o sistema de modo, de conjunção, de referência e de qualificador são mais frequentemente revistos pelos tradutores que o sistema de tempo, probabilidade, obrigatoriedade, voz entre outros e que as revisões de circunstâncias tipicamente não substituem o tipo de circunstância, mas somente consistem em refinamentos do tipo.

3.2.3 Semântica

As revisões de significado – o remapeamento dos significados entre os constituintes do estrato dos significados – ocorrem com menor frequência. O meta-sistema que agrupa esses mapeamentos distintos recebe o nome de agnação. Duas variantes agnatas podem ser

comparadas quanto à sua congruência – quanto à sua riqueza de detalhes: a variante mais congruente é a mais rica em detalhes e mais próxima àquela que usamos quando falamos com quem não é iniciado no campo discursivo em questão e a variante mais metafórica é aquela mais pobre em detalhes que usamos quando esperamos que o ouvinte ou o leitor já esteja iniciado no campo discursivo em questão.

Durante as revisões de significado, os tradutores tipicamente tornam os enunciados mais explícitos, ou seja, substituem versões pouco detalhadas – metafóricas – por versões mais detalhadas – mais congruentes. Esse processo de explicitação será detalhado nas próximas seções.

3.2.3.1 Revisões de Significado na Metafunção dos Textos

Três macro-UTs apresentam revisões de significado na metafunção dos textos. Essas revisões consistem em representar por um item léxico um nexos antes representado por uma conjunção, conseqüentemente tornando a sequência mais metafórica; ou, ao contrário, representar por uma conjunção, um nexos antes representado por um item léxico, tornando, assim, a sequência mais congruente.

UT 114 – SI4-TFI

- : fazer uma [...] diferença **para**
 - : fazer uma [...] diferença **no modo pelo qual** você administra o diabete diariamente
 - : fazer uma [...] diferença **na forma pela qual** você administra o diabete diariamente
 - : fazer uma [...] diferença **no êxito da forma pela qual** você administra o diabete [...]
- para | no modo pelo qual ~ na forma pela qual ~ no êxito da forma pela qual

UT 115 – SI5-TFI

- : fazer muita diferença **em como** você controla a diabetes no dia-a-dia
- : fazer muita diferença **quanto à qualidade como** você controla a diabetes no dia-a-dia

UT 116 – SI3-TFI

- : seu sistema [...] e os acess[órios trabalham juntos **com a finalidade de** medir a [...]
 - : seu sistema [...] e os acessórios trabalham junto com ele **durante** a medição da [...]
- com a finalidade de [1] ~ durante [1]

As UTs 114 e 116 consistem em uma sequência de três revisões em que o tradutor torna o nexos entre as duas orações cada vez mais metafórico com a substituição de uma conjunção por progressivamente mais itens léxicos.

A UT 67, ao contrário, consiste em uma revisão em que o significado que era mapeado em uma figura passa a ser mapeada em uma circunstância, o que será discutido na Seção 3.2.3.3.

Ambas as revisões de significado na metafunção dos textos foram feitas pelos tradutores durante a fase de revisão, o que indica um caráter não-automatizado desse tipo de revisão.

3.2.3.2 Revisões de Significado na Metafunção das Interações

Uma macro-UT (UT 115) apresentou uma revisão na metafunção das interações. Essa revisão consistiu em remapear uma relação humana de obrigatoriedade, antes mapeada em um sistema de verbos auxiliares, em um atributo pertencente a um conjunto de itens léxicos.

UT 117 – SA1-TFA

: os dois números **precisa ser**

: **é necessário que** os dois números **sejam**

[1] precisa ser | é necessário que [1] sejam

Na revisão da UT 68, o tradutor remapeou a modalidade (*modality*) de obrigatoriedade de um sistema para um atributo de uma oração de atribuição. No estrato dos fraseados, o tradutor substituiu a estrutura *precisa ser* do sistema de modalidade pelo nome *necessário* de um conjunto. Com essa revisão, a modalidade, antes representada por um traço da oração, passou a ser representada por um atributo em uma oração de atribuição.

Ao contrário das revisões de significado no estrato dos textos, esta revisão foi feita enquanto o tradutor ainda prestava atenção no trecho equivalente do texto-fonte durante a fase de redação, o que aponta para um processo cognitivo automatizado pelo tradutor.

3.2.3.3 Revisões de Significado na Metafunção das Ideias (Lógica e Experiência)

As metáforas na metafunção das ideias consistem em agnações de duas ou mais variantes em que os significados são remapeados entre sequências, figuras e elementos. Quando um significado é remapeado de uma sequência para uma figura ou de uma figura para um elemento, que pode ser um processo, um participante ou uma circunstância, a representação se torna mais metafórica. Quando ocorre o contrário, ou seja, quando um significado é remapeado de um elemento para uma figura ou de uma figura para uma sequência, a representação se torna mais congruente.

3.2.3.3.1 Remapeamento de Significados entre Sequências e Figuras

Nas traduções analisadas, não ocorreu nenhuma revisão em que os tradutores substituíssem a representação de uma ideia como figura por uma representação da mesma ideia como sequência nem o contrário.

3.2.3.3.2 Remapeamento de Significados entre Figuras e Elementos

Os elementos de uma figura podem exercer três funções: um elemento será o processo que se passa na figura, outros serão os participantes desse processo e os demais serão as circunstâncias em que o processo se passa. Os participantes desempenham papéis nesse processo e as circunstâncias se dividem em vários tipos de circunstância como lugar, tempo, causa, condição e modo. Os tipos de elemento são representados pela oposição entre grupos verbais, grupos nominais e frases. Os papéis e os tipos de circunstância são frequentemente representados por casos/preposições.

As figuras são mais ricas em detalhes que os elementos e, portanto, se compararmos uma variante que representa uma figura com uma variante cognata que representa um elemento, diremos que a primeira é mais congruente por ter mais detalhes e que a segunda é menos congruente por ter menos detalhes. Abaixo estão as revisões de significado em que ocorre remapeamento entre figuras e elementos.

UT 118 – SI3-TFI

: trabalham juntos com a finalidade de **medir** a glicemia [...]

: trabalham junto com ele durante **a medição da** glicemia [...]

medir a [1] ~ a medição da [1]

UT 119 – SA1-TFA

- : você acaba de comprar um aparelho **medidor de** glicose
- : você acaba de comprar um aparelho **para medir** a sua glicemia
- medidor de ~ para medir

UT 120 – SA6-TFA

- : recomenda-se conferir o resultado **com uma repetição da** medição
- : recomenda-se conferir o resultado, **repetindo-se** a medição
- com uma repetição da [1] ~ , repetindo-se a [1]

UT 121 – SA1-TFA

- : você pode começar **com a coleta do** sangue
- : você pode começar **com a obter** a gota de sangue
- : você pode começar **com a obtenção da** gota de sangue
- com a coleta do [1] ~ a obter a [1]~ com a obtenção da [1]

UT 122 – SA6-TFA

- : **medição da** glicemia
- : **como medir** a glicemia
- medição da [1] | como medir a [1]

A UT 118 consiste em um remapeamento de um significado de uma figura para um elemento, o que seria uma implicação, uma ocultação de detalhes, uma vez que a segunda versão é mais metafórica que a primeira. Esse remapeamento, contudo, ocorre em paralelo com outro remapeamento no extrato dos textos. Neste, ao contrário, o tradutor substitui um mapeamento metafórico por um mais congruente. Trata-se, portanto, de uma revisão em que ocorrem dois remapeamentos de significado simultâneos, um explicitando o nexos entre figuras e o outro implicando os papéis dos participantes do processo.

Na UT 119, a finalidade do aparelho antes mapeada em um qualificador foi remapeada em uma figura. Nesse remapeamento, o tradutor substituiu um nome que representava um qualificador de finalidade por uma oração encaixada de finalidade. A segunda versão dessa macro-UT permite também outra análise em que temos uma finalidade da compra e não do aparelho. Nesse caso, entende-se que a figura é representada por uma oração dependente de finalidade e não uma oração encaixada de finalidade. Contudo, em ambas as análises, um significado mapeado em um qualificador foi remapeado em uma figura.

Na UT 120, o modo como se recomenda conferir o resultado do exame, que era mapeado em uma circunstância, foi remapeado em uma figura. Nesse remapeamento, o tradutor substituiu uma frase que representava a circunstância de modo por uma oração dependente expansiva que representa o modo como se recomenda conferir o resultado.

Na UT 121, o escopo do processo de começar, antes mapeado em um participante do processo, foi remapeado em uma figura na primeira revisão e novamente remapeado em um participante do processo na segunda revisão. Nesses dois remapeamentos de significados, o tradutor substituiu, na primeira revisão, uma frase que representava o escopo do processo por uma oração que também representava o escopo desse processo e, na segunda, o contrário.

Na UT 122, o título do modo como se mede a glicemia, antes mapeado em um elemento, foi remapeado em uma figura. Nesse remapeamento, o tradutor substituiu um grupo de nomes que representava um elemento de título por uma oração que representa uma figura de título.

As UTs 118-121 tiveram suas revisões realizadas durante a fase de revisão, o que aponta para um processo cognitivo pouco automatizado pelo tradutor. A UT 122 teve sua revisão realizada durante a fase de redação possivelmente por se tratar do título do manual, o que apontaria para um maior esforço cognitivo dedicado pelo tradutor à tradução desse segmento.

3.2.3.3 Remapeamento de Significados entre Tipos de Elemento

Steiner (2005) constatou que podemos alinhar segmentos de TFs com segmentos de TAs pelo significado ou pelo tipo de elemento das figuras. Existem casos em que, dependendo da opção de alinhamento, obtemos unidades de alinhamento diferentes. Nesses casos, há o que ele denomina variação de direitude – directness. Em outras palavras, um mesmo

significado pode ser representado em uma língua por um tipo de elemento – processo, participante ou circunstância – e na outra por outro tipo de elemento. Neste trabalho, observamos que esse fenômeno também ocorre nas revisões durante a tradução e, desse modo, não se trata de um fenômeno restrito ao processo cognitivo anterior à redação inicial de uma macro UT.

UT 123 – SA6-TFA

: **perfure** com a lanceta a parte [...] do dedo
 : **faça a punção** com a lanceta na parte [...] do dedo
 perfure ... a [1] ~ faça a punção ... na [1]

UT 124 – SA6-TFA

: o calor e a umidade podem **provocar danos** aos materiais
 : o calor e a umidade podem **danificar** os materiais
 provocar danos a [1] ~ danificar [1]

UT 125 – SA1-TFA

: **repita a determinação de** sua glicemia
 : **determine mais uma vez** a sua taxa glicêmica
 repita a determinação de [1] ~ determine mais uma vez [1]

Na UT 123, o escopo da ação de perfurar foi remapeado de um processo para um participante. Se antes o processo representava a ação de perfurar, depois da revisão o processo passou a representar a execução de procedimentos e o escopo dessa ação passou a ser representado pelo procedimento de punção.

Na UT 124, ocorre o contrário: o escopo da ação de danificar foi remapeado de um participante para um processo. Desse modo, o que antes era representado por dois grupos, um de verbos e o outro de nomes, passou a ser representado por um único grupo de verbos.

Já na UT 125, a frequência, antes mapeada no processo de repetir, passou a ser mapeada na circunstância mais uma vez. Simultaneamente, o escopo do processo, antes mapeado no participante a determinação, passou a ser mapeado no processo de determinar.

As três revisões foram realizadas na fase de revisão, o que aponta para um processo pouco automatizado pelos tradutores.

Capítulo 4: Discussão dos Dados

Neste capítulo, discuto os dados analisados de modo a responder as perguntas da pesquisa. Na Seção 4.1, revisito os padrões identificados na análise. Na Seção 4.2, comento a distribuição das revisões nos estratos linguísticos. Na Seção 4.3, aponto para as várias ordens de revisão identificadas. Na Seção 4.4, aponto os padrões de revisão que estão correlacionados com o par linguístico. Na Seção 4.5, discuto os tipos de revisão que ocorrem em cada fase da tradução. Na Seção 4.6, comento a dificuldade na aplicação das categorias desta pesquisa. Na Seção 4.7, aponto caminhos que pesquisas futuras podem tomar. Na Seção 4.8, defendo o uso do método de anotação proposto. E, na Seção 4.9, enumero possíveis consequências práticas e teóricas dessa adoção.

4.1 Padrões de Revisão

Nesta pesquisa, as revisões executadas pelos sujeitos tradutores são categorizadas quanto ao estrato linguístico em que operam, quanto aos seus subtipos nos estratos linguísticos, quanto à ordem em que são executadas, quanto ao par linguístico e quanto à fase em que ocorrem. Não só as macro-UTs foram analisadas como também foram categorizadas em múltiplos sistemas de categoria. Nas próximas subseções, discutiremos as correlações estatísticas dessas categorias nos dados analisados.

4.2 Estratos

As revisões se distribuíram nos quatro estratos das línguas humanas sob a perspectiva de um escritor dactilógrafo: os dois estratos de expressão (dactilografia e grafologia) e os dois estratos de conteúdo (lexicogramática e semântica). Todos os tradutores realizaram revisões de dactilografia, grafologia e lexicogramática. Já na semântica, os tradutores se dividiram em dois grupos: os que realizaram revisões nesse estrato (SA1, SA4, SA6, SI3, SI4, SI5) e os que não realizaram (SA2, SA3, SA5, SI1, SI2, SI6).

O fato de revisões no estrato dos significados serem realizadas por metade dos tradutores pode ser um indício de que alguns tradutores não se permitem trabalhar nesse estrato na tentativa de produzir um texto-alvo equivalente ao texto-fonte. Manipulações no estrato dos significados podem ser entendidas por esses tradutores como alteração do significado e, por isso, evitadas pelos mesmos. A opção por fazer ou não fazer revisões

nesse estrato pode ser entendida como um limite auto-imposto pelos tradutores quanto ao que deve ou não deve ser feito em uma tradução.

No estrato da digitação, também ocorre algo peculiar. Três tradutores (SA1, SI4, SI5) apresentaram números de algum tipo de revisão de digitação muito frequentes ao serem comparados com outros tradutores, o que pode apontar para padrões individuais de digitação que refletiram tanto a familiaridade dos tradutores com o teclado usado quanto características da dactilografia dos mesmos.

4.3 Ordem

Quanto à ordem em que ocorrem, as revisões têm três padrões muito bem delimitados. O primeiro padrão, que ocorre durante a fase de redação, consiste em reduzir o número de equivalentes distintos para uma mesma palavra, pontuação, caixa, vocábulo ou estrutura do texto-fonte. As UTs 22, 28 e 30 são exemplos desse padrão. Na UT 22, o tradutor SI4 revisa a primeira equivalência entre [*nondiabetic, nondiabetic*] e [*não diabédico, não-diabédico*], o que resulta [*não-diabédico, não-diabédico*]. Na UT 28, o tradutor SA4 revisa novamente a primeira equivalência entre [*bestimmen, Bestimmungen*] e [*determinar, medição*], o que resulta [*mensurar, medição*]. Já na UT 30, o tradutor SA6 revisa a segunda equivalência entre [*bestimmen, Bestimmungen*] e [*verificar, averiguação*], o que resulta [*verificar, verificação*].

O segundo padrão consiste em substituir um segmento por outro repetidamente no texto-alvo durante a fase de revisão. As revisões das UT31, UT36, e UTs 51-53 são exemplos desse padrão. Na tradução da UT31, o tradutor SI1 substitui os vocábulos [*tira, tira, tira, tira, tiras*] por [*fita, fita, fita, tira, fitas*]. Na tradução da UT36, o tradutor SI6 substitui os vocábulos [*controlar, controlar*] por [*gerenciar, gerenciar*]. Já nas UTs 51-53, o tradutor SI1 substitui as formas imperativas [*massageie, abaixar, segurar e massagear*] por outras [*massageie, abaixe, segure e massageie*]. É interessante observar que na fase de revisão, não é mais relevante o equivalente de *tira*, *controlar* e da forma imperativa *lave* no texto-fonte. Somente os vocábulos e estruturas do texto-alvo são considerados em revisões desse tipo.

O terceiro e último padrão consiste em diminuir o número de vocábulos e de estruturas do texto-alvo durante a fase de revisão. A revisão da UT 33 e a segunda revisão da UT 30 são exemplos desse padrão. Durante a redação da tradução que contém a UT33,

o tradutor SI3 substitui [*regular, definiu*], equivalentes a [*adjust, set up*], por [*regular, regulou*]. Já na tradução da UT30, o tradutor SA6 substitui [*verificações, aferição*], equivalentes a [*Bestimmungen, Messung*], por [*aferições, aferição*]. Esse tipo de revisão, por definição, reduz o vocabulário do texto-alvo.

Duas observações relevantes a serem apontadas sobre a ordem de ocorrência de revisões são que as revisões do polo léxico da lexicogramática assim como as revisões de grafologia são repetidas por todo o texto enquanto as revisões do polo gramático da lexicogramática são repetidas somente dentro de um complexo de orações. No polo gramático, por exemplo, quando os tradutores revisam uma série de formas imperativas como nas UT 51-53 ou quando revisam uma série de estruturas de grupos nominais como em UT 69, somente as formas e estruturas interiores a um único complexo de orações são alteradas.

4.4 Pares Linguísticos

Com os dados analisados no capítulo anterior, observa-se que as traduções das duas línguas-fontes para português apresentam uma proporção distinta de tipos de revisão no estrato dos fraseados dependendo de cada língua-fonte. Enquanto as traduções de inglês para português apresentam um número maior de revisões de vocábulos do que de revisões de estruturas, as traduções de alemão para português apresentaram um número maior de revisões de estruturas do que de revisões de vocábulos.

Todas as traduções de cada par linguístico apresentam aproximadamente a mesma proporção entre o número de revisões de vocábulos e de estruturas que a proporção genérica do par linguístico, o que resulta em altos graus de correlação entre as duas variáveis tanto em traduções I→P [0.874] quanto em traduções A→P [0.908]. Contudo, podemos caracterizar essa proporção somente por tipicidade, pois, apesar de identificarmos uma correlação alta para as seis traduções de cada língua-fonte, como as amostras possuem somente seis instâncias, não se pode considerar essa constatação estatisticamente forte.

É importante ressaltar o caráter casuístico desse contraste entre conjuntos de traduções. Considerando as traduções individualmente, encontramos 3 traduções I→P e 2 tradução A→P com mais revisões de vocábulos; 1 tradução I→P e 1 tradução A→P com exatamente o mesmo número de revisões dos dois tipos; e 2 tradução I→P e 3 tradução

A→P com mais revisões de estrutura. Sem um maior número de instâncias na amostra, é estatisticamente fraca qualquer observação de tendência.

4.5 Fases da Tradução

No estrato dos significados, as revisões nas metafunções textual e ideacional ocorrem todas durante a fase de revisão, o que aponta para um processo pouco automatizado pelos tradutores. Uma única exceção foi observada no título de uma seção, o que pode ser justificado por um esforço cognitivo maior dedicado a esse trecho do texto-fonte do que o dedicado aos outros trechos. Já a única revisão na metafunção interpessoal foi realizada durante a redação, o que aponta para um processo mais automatizado pelo tradutor do que o das outras revisões desse estrato.

Na grafologia e na lexicogramática, foram observados três ordens de revisão: uma que ocorre durante redação e outras duas que ocorrem durante a revisão. Ainda no estrato dos fraseados, os qualificadores de *açúcar no sangue*, *taxa glicêmica* e *tira de teste* foram alvos frequentes de revisões. As revisões em frases encaixadas em grupos nominais foram realizadas tanto durante a redação quanto durante a revisão, muitas vezes sendo o mesmo vocábulo revisto em ambas as fases. Já as revisões, em que os tradutores moveram epítetos para antes dos qualificadores como em *taxa alta de açúcar no sangue* foram todas realizadas durante a fase de revisão.

Quanto ao contraste entre revisões durante a redação e durante a revisão final, é importante ressaltar que os tradutores profissionais demonstram realizar revisões de tipos distintos em fases distintas da tradução mas que variam bastante quanto ao número de revisões realizadas.

Assim, quanto menor o número de revisões repetidas, mais próximo da primeira ocorrência das estruturas ou dos vocábulos foram as tomadas de decisão quanto à equivalência a ser usada; e quanto menor o número de revisões únicas, mais vezes o tradutor optou pela equivalência que manteria no texto-alvo antes de redigir o trecho. Portanto, o número de revisões repetidas e de revisões únicas, é dependente de quão cedo as decisões de equivalência são tomadas.

Outro fenômeno apresentado pelos dados é o fato de que, nas revisões repetidas de vocábulo, que atingem o texto inteiro, os tradutores adotam mais frequentemente a última ocorrência dos vocábulos como norma de tradução. Enquanto isso, nas revisões repetidas

de estrutura, que atingem somente o interior de um complexo de orações, os tradutores adotam a primeira ocorrência das estruturas como norma de tradução temporária até o fim do complexo oracional em que essa ocorrência se encontra. Desse modo, quando um tradutor traduz uma série de estruturas em um complexo oracional por estruturas distintas no texto-alvo, todas as ocorrências são substituídas pela estrutura que o tradutor usou na primeira ocorrência da série.

4.6 Aplicação das Categorias

As categorias de estrato e seus subtipos desenvolvidas para esta pesquisa são adequadas para identificar padrões em que as traduções de inglês para português diferem das traduções de alemão para português. Apesar de encontrarmos certos casos limítrofes entre as categorias de vocábulo e estrutura no estrato dos fraseados, esses casos são relativamente infrequentes e não se tornam um impedimento para a análise.

As categorias de ordem, em contrapartida, demandam um esforço adicional de pesquisa. Para se seguir a ordem de tradução, é necessário um constante uso da função *Reproduzir* da ferramenta *Litterae* em conjunto com as funções de busca dos navegadores. Sem essas ferramentas, seria inviável esse tipo de análise.

Por fim, as categorias de fase, uma vez identificadas no nome da macro-UT, é de mais simples conferência do que as categorias de ordem. Com esse contraste, conseguimos identificar os padrões de revisão que ocorrem mais frequentemente em cada fase da tradução.

4.7 Caminhos A Seguir

Para confirmar se as revisões de dactilografia e de semântica estão mesmo relacionadas com os tradutores e não são acidentais, é necessário estudar outras traduções dos mesmos tradutores e avaliar se os padrões observados são repetidos nessas traduções. Apesar de fazermos uma forte sugestão de uma relação entre esses padrões e os tradutores, com o presente trabalho, podemos somente negar com certeza que haja relação entre eles e as línguas-fontes ou entre eles e as variáveis fixas nesse experimento como tamanho do texto e o registro.

A sugestão de que os tradutores se separariam em dois grupos quanto a realizar ou não revisões de semântica (Seção 4.2) nos permite formular uma hipótese a ser confirmada em pesquisas futuras, a hipótese de que certos tradutores não se permitem realizar revisões no estrato dos significados. Essa particularidade dos tradutores pode ser verificada por triangulação em relatos retrospectivos e em questionários formulados para esse fim.

Quanto à variação estatística do número de revisões de estrutura em relação ao de revisões de vocábulo segundo o par linguístico, é necessário a execução de outros experimentos que adotem a mesma taxonomia para que as observações deste estudo sejam reproduzidas e confirmadas.

4.8 Novo Método

O presente trabalho demonstra que, com a ferramenta *Litterae*, é possível anotar macro-UTs e que esse tipo de anotação resulta dados relevantes para as pesquisas do processo tradutório como a tipificação das revisões e a caracterização da durabilidade dos textos ao fim da fase de redação. Sobretudo, a ferramenta desenvolvida para o armazenamento, anotação e consulta não somente forneceu um fácil acesso às informações durante a análise dos dados anotados como também possibilitou a revisão das anotações de modo rápido e eficaz. O rápido acesso remoto às anotações facilitou também a redação desta dissertação tanto na escolha de macro UTs que se tornariam exemplos da análise e da discussão quanto na criação das formas lineares das macro UTs determinada pelas convenções de anotação deste trabalho. Sem esse programa de auxílio à anotação das macro-UTs, o presente trabalho não seria viável, muito menos preciso e reproduzível.

As anotações destes experimentos se encontram disponíveis na *web* e podem ser acessadas por outros pesquisadores do laboratório para novas pesquisas, revisões e consultas. Além disso, contamos com a completa separação dos processos e das anotações, o que permite que outros pesquisadores anotem os mesmos processos sem com isso alterarem as anotações deste trabalho.

A anotação de um registro de teclado com a ferramenta *Litterae* demora aproximadamente 60 a 180 minutos para traduções de textos-fontes de 500 palavras. Um pesquisador consegue anotar aproximadamente 3 registros de teclado por dia, 15 por semana e 60 por mês. A anotação é a etapa mais demorada do processo. As consultas são imediatas, as estatísticas são de fácil extração, e as revisões pelo pesquisador das etiquetas

aplicadas demoram poucos minutos. Com essa ferramenta, a análise dos dados anotados se torna bastante rápida.

Portanto, para ser viável anotar um conjunto grande de registros de teclado que consistam em uma amostra estatística representativa que nos permita fazer generalizações sobre as diferenças entre traduções $I \rightarrow P$ e $A \rightarrow P$, faz-se necessário usar uma ferramenta computacional como o *Litterae*.

4.9 Consequências Práticas e Teóricas

As consequências práticas do uso da ferramenta *Litterae* consistem na redução do tempo de análise e no consequente aumento da capacidade de pesquisa dos laboratórios. Com a redução do tempo despendido para se identificar, categorizar e consultar as UT, os pesquisadores poderão – no mesmo tempo que despendiam anteriormente – analisar uma maior quantidade de registros de teclado ou analisá-los com intervalos de pausa menores.

A consequência teórica do uso dessa ferramenta consiste na possibilidade de se fazer análises linguísticas das versões intermediárias da tradução, de se fazer análises do produto durante processo de tradução. Esse tipo de análise nos permite interpretar a recursividade da tradução enquanto revisão textual e, assim, entender como essas revisões afetam o produto da tradução. Com a metodologia desta pesquisa, conseguimos representar uma macro-UT, que é uma unidade do processo tradutório, como uma série de produtos (versões intermediárias e final), criando, assim, um elo forte entre os estudos do processo e os estudos do produto.

Capítulo 5: Conclusão

Este trabalho demonstrou que a anotação de macro-UTs é viável e produz dados relevantes para as pesquisas do processo tradutório. Sobretudo, a ferramenta Litterae, que foi desenvolvida para o armazenamento, anotação e consulta de registros de teclado e macro-UTs, não somente forneceu um fácil acesso às informações durante a análise dos dados anotados como também possibilitou a revisão das anotações de modo rápido e eficaz.

As revisões executadas pelos sujeitos tradutores foram categorizadas quanto ao estrato linguístico, quanto à ordem em que são executadas, quanto ao par linguístico e quanto à fase da tradução. As revisões se distribuíram nos quatro estratos das línguas humanas sob a perspectiva de um escritor dactilógrafo: os dois estratos de expressão (dactilografia e grafologia) e os dois estratos de conteúdo (lexicogramática e semântica). Todos os tradutores realizaram revisões de dactilografia, grafologia e lexicogramática. Já na semântica, os tradutores se dividiram em dois grupos: os que realizaram revisões nesse estrato (SA1, SA4, SA6, SI3, SI4, SI5) e os que não realizaram (SA2, SA3, SA5, SI1, SI2, SI6), o que pode ser um indício de que alguns tradutores não se permitem trabalhar nesse estrato na tentativa de produzir um texto-alvo equivalente ao texto-fonte. No estrato da digitação, três tradutores (SA1, SI4, SI5) apresentaram números de algum tipo de revisão de digitação muito frequentes ao serem comparados com outros tradutores, o que pode ser um indício de padrões individuais de digitação.

Quanto à ordem em que ocorreram, as revisões tiveram três padrões muito bem delimitados. O primeiro padrão consistiu em reduzir o número de equivalentes distintos no TA durante a fase de redação. O segundo padrão consistiu em substituir um segmento por outro repetidamente no TA durante a fase de revisão. E o terceiro e último padrão consistiu em diminuir o número de vocábulos e de estruturas do TA durante a fase de revisão.

As traduções das duas línguas-fontes para português apresentaram uma proporção distinta de tipos de revisão de lexicogramática. Enquanto as traduções de inglês para português apresentaram um número maior de revisões de vocábulos do que de revisões de estruturas, as traduções de alemão para português apresentaram um número maior de revisões de estruturas do que de revisões de vocábulos. Contudo, como as amostras possuem somente seis instâncias, não se pode considerar essa constatação estatisticamente forte.

Quanto ao contraste entre revisões durante as fases de redação e de revisão, os tradutores profissionais demonstraram realizar revisões de tipos distintos em fases distintas da tradução mas realizam números absolutos bastante diferentes de revisão. Na semântica, as revisões nas metafunções textual e ideacional ocorreram quase todas durante a fase de revisão, o que é um indício de um processo pouco automatizado pelos tradutores. Na grafologia e na lexicogramática, foram observados três ordens de revisão: uma que ocorre durante redação e outras duas que ocorrem durante a revisão. Já as revisões em que os tradutores moveram epítetos para antes dos qualificadores como em *taxa alta de açúcar no sangue* foram todas realizadas durante a fase de revisão.

Nas revisões repetidas de vocábulo, que atingem o texto inteiro, os tradutores adotaram mais frequentemente a última ocorrência dos vocábulos como norma de tradução. Enquanto isso, nas revisões repetidas de estrutura, que atingem somente o interior de um complexo de orações, os tradutores adotaram a primeira ocorrência das estruturas como norma de tradução temporária até o fim do complexo oracional em que essa ocorrência se encontrava.

Nesta pesquisa, foi demonstrado que as categorias de estrato e seus subtipos desenvolvidas para esta pesquisa são adequadas para identificar padrões no processo e no produto tradutório. As categorias de ordem foram as únicas que demandaram um esforço adicional do pesquisador após a anotação. Para se seguir a ordem de tradução, foi necessário um constante uso da função *Reproduzir* da ferramenta *Litterae* em conjunto com as funções de busca dos navegadores.

Foi sugerido que alguns padrões estão correlacionados com os tradutores, o que só pode ser confirmado por estudos que acompanhem duas ou mais traduções dos mesmos tradutores.

Com este trabalho, demonstrou-se que a ferramenta *Litterae*, que foi desenvolvida para o armazenamento, anotação e consulta de registros de teclado e macro-UTs, não somente forneceu um fácil acesso às informações durante a análise dos dados anotados como também possibilitou a revisão das anotações de modo rápido e eficaz.

As consequências práticas do uso da ferramenta *Litterae* consistem na redução do tempo de análise e no consequente aumento da capacidade de pesquisa dos laboratórios. A consequência teórica do uso dessa ferramenta consiste na possibilidade de se fazer análises do produto durante processo de tradução. Esse tipo de análise nos permite interpretar a recursividade da tradução enquanto revisão textual e, assim, entender como essas revisões

afetam o produto da tradução. Com a metodologia desta pesquisa, conseguimos representar uma macro-UT, que é uma unidade do processo tradutório, como uma série de produtos (versões intermediárias e final), criando, assim, um elo forte entre os estudos do processo e os estudos do produto.

Referências

- ALVES, F. *Zwischen Schweigen und Sprechen: wie bildet sich eine transkulturelle Brücke?* Hamburg: Dr. Kovac, 1995.
- ALVES, F. *A triangulação como opção metodológica para pesquisas empírico-experimentais em tradução*. In: PAGANO, A. (org.) *Metodologias de pesquisa em tradução*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, 2001. p. 69-93.
- ALVES, F. *Tradução, cognição e contextualização: triangulando a interface processo-produto no desempenho de tradutores novatos*. *D.E.L.T.A.* 19: Especial, 2003. p. 71-108.
- ALVES, F. *Bridging the gap between declarative and procedural knowledge in the training of translators: meta-reflection under scrutiny*. *Meta* 50/4, 2005a. p. XX-XX.
- ALVES, F. *Ritmo cognitivo, meta-função e experiência: parâmetros de análise processual no desempenho de tradutores novatos e experientes*. In: Alves, F.; Magalhães, C. e Pagano, A. (eds.) *Competência em tradução: cognição e discurso*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005b. p. 109-153.
- ALVES, F. e GONÇALVES, J. L. *A relevance theory approach to the investigation of inferential processes in translation*. In: ALVES, F. (ed.) *Triangulating translation: perspectives in process-oriented research*. Amsterdam: John Benjamins, 2003. p. 11-34.
- ALVES, F. e GONÇALVES, J. L. *Modeling Translator's Competence: relevance and expertise under scrutiny*. In: GAMBIER, Y.; SCHLESINGER, M. e STOLZE, R. (eds.) *Translation studies: doubts and directions*. Amsterdam: John Benjamins, 2007. p. 41-55.
- ALVES, F.; MAGALHÃES, C. e PAGANO, A. *Autonomy in translation: approaching translators' education through awareness of discourse processing*. In: ALVES, F. (org.) *O processo de tradução* (número especial) *Cadernos de Tradução* 1/2003. p. 161-185.
- ALVES, F. e VALE, D. C. *Probing the unit of translation in time: aspects of the design and development of a web application for storing, annotating, and querying translation process data*. *Across Languages and Cultures* 10/2, 2009. p.251-273
- BAKER, M. *Réexplorer la langue de la traduction: une approche par corpus*. *Meta* 43/4, 1998. p. 480-485.
- BATISTA, B e ALVES F. *O impacto dos sistemas de memória de tradução nos processos de revisão de tradutores profissionais brasileiros*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG/Poslin, 2007. (Dissertação, Mestrado em Linguística Aplicada, inédita)
- BASSNETT-MACGUIRE, S. *Translation studies: revised edition*. London and New York: Routledge, 1991.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 1999.
- BELL, R. T. *Translation and translating: theory and practice*. London and New York: Longman, 1991.
- BRAGA, C. N. e PAGANO, A. *Indagando o perfil de tradutores em formação: um estudo de caso*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG/PosLin, 2007. (Dissertação, Mestrado em Linguística Aplicada, inédita)
- BUCHWEITZ, A. e ALVES, F. *Cognitive Adaptation in Translation: an interface between language direction, time, and recursiveness in target text production*. *Letras de Hoje* 41, 2006. p. 241-172.
- CAMPOS, T. L. e ALVES, F. *O efeito da pressão de tempo na realização de tarefas de tradução: uma análise processual sobre o desempenho de tradutores em formação*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG/PosLin, 2005. (Dissertação, Mestrado em Linguística Aplicada, inédita)

CARL, M. *Triangulating product and process data: quantifying alignment units with keystroke data*. (inédito) 2009.

CATFORD, I. C. *A linguistic theory of translation*. London: Oxford University Press, 1965.

DRAGSTED, B. *Segmentation in translation and translation memory systems*. Copenhagen: Copenhagen Business School, 2004. (Tese, PhD em Linguística Aplicada, inédita)

DRAGSTED, B. *Segmentation in translation: differences across levels of expertise and difficulty*. *Target* 17/1, 2005. p. 49-70.

ERICSSON, K. A. e SIMON H. A. *Protocol analysis: verbal reports as data*. Cambridge, MA: Bradford Books/MIT Press, 1984.

FLOWER, L. S. e HAYES, J. R. *A cognitive process theory of writing*. *College composition and communication*. 32.4, 1981.

FRASER, J. *The translator investigated: learning from translation process analysis*. *The Translator* 2/1, 1996. p. 65-79.

GERLOFF, P. *Second language learners' reports on the interpretive process: talk-aloud protocols of translation*. In: HOUSE, J. e BLUM-KULKA, S. (eds.) *Interlingual and intercultural communication: discourse and cognition in translation and second language acquisition studies*. Tübingen: Gunter Narr, 1986. p. 243-262.

HALLIDAY, M. A. K. *Learning how to mean*. London: Edward Arnold, 1975.

HALLIDAY, M. A. K. *The notion of 'context' in language education*. In: Le, T. e McCausland, M. (eds.) *Interaction and development: proceedings of the international conference*. Vietnam: University of Tasmania, 1992. p. 1-24.

HALLIDAY, M. A. K. e MATTHIESSEN, C. M. I. M. *An introduction to functional grammar*. ed. 3 London: Edward Arnold, 2004.

HANSEN, G. *Das kritische Bewusstsein beim Übersetzen: eine Analyse des Übersetzungsprozess mit Hilfe von Translog und Retrosketion*. In HANSEN, G. (ed.) *Probing the process in translation: methods and results*. Copenhagen: Samfundslitteratur, 1999a. p. 43-67.

HANSEN, G. (ed.) *Probing the process in translation: methods and results*. Copenhagen: Samfundslitteratur, 1999b.

HANSEN, G. (ed.) *Empirical translation studies: process and product*. Copenhagen: Samfundslitteratur, 2002.

HANSEN-SCHIRRA, S.; NEUMANN, S. e STEINER, E. *Cohesion and explicitation in an English-German translation corpus*. In: FABRICIUS-HANSEN, C.; BEHRENS, B. e KRAVE, M. F. *Explicit and implicit information in text information structure across languages: pre-proceedings of the SPRIK Conference 2006*. Oslo, 8-10 June 2006. p. 45-49.

HOUSE, J. *Consciousness and the strategic use of aids in translation*. In: TIRKKONEN-CONDIT, S. e JÄÄSKELÄINEN, R. (eds.) *Tapping and mapping the processes of translation and interpreting: outlooks on empirical research*. Amsterdam: John Benjamins, 2000. p. 149-162.

HOUSE, J. *Maintenance and convergence in translation: some methods for corpus-based investigations*. In: Hasselgard, H. et al. (eds.) *Information structure in a cross-linguistic perspective*. Amsterdam e New York: Rodopi, 2002. p. 199-212.

- JÄÄSKELÄINEN, R. e TIRKKONEN-CONDIT, S. *Automatised processes in professional vs. non-professional translation: a think-aloud protocol study*. In: TIRKKONEN-CONDIT, S. (ed.) *Empirical research in translation and intercultural studies*. Tübingen: Gunter Narr, 1991. p. 89-109.
- JAKOBSEN, A. L. *Logging target text production with Translog*. In: HANSEN, G. (ed.) *Probing the process in translation: methods and results*. Copenhagen: Samfundslitteratur, 1999. p. 9-20.
- JAKOBSEN, A. L. *Translation drafting by professional translators and by translation students*. In: HANSEN, G. (ed.) *Empirical translation studies: process and product*. Copenhagen: Samfundslitteratur, 2002. p. 191-204.
- JAKOBSEN, A. L. *Effects of think aloud on translation speed, revision and segmentation*. In: ALVES, F. (ed.) *Triangulating translation: perspectives in process oriented research*. Amsterdam: John Benjamins. p. 69-95. 2003
- JAKOBSEN. 2005. *Investigating expert translators' process*. In: Dam, H.V.; Engberg, J. e Gerzymisch-Arbogast, H. (eds) *Knowledge systems and translations*. Mouton de Gruyter. 173-189.
- JAKOBSEN, A. L. e JENSEN, K. T. H. *Eye movement behaviour across four different types of reading task*. In: Göpferich, S.; Jakobsen, A. L. e Mees, I. (eds.) *Looking at eyes: eyetracking studies of reading and translation processing*. Copenhagen: Samfundslitteratur, 2008. p. 103-124.
- KIRALY, D. *Pathways to translation: pedagogy and process*. Kent: Kent State University Press, 1995.
- KÖNIGS, F. G. *Was beim Übersetzen passiert: theoretische Aspekte, empirische Befunde und praktische Konsequenzen*. *Die Neueren Sprachen* 2, 1987. p. 162-185.
- KRINGS, H. P. *Was in den Köpfen von Übersetzern vorgeht: eine empirische Untersuchung der Struktur des Übersetzungsprozesses an fortgeschrittenen Französischlernern*. Tübingen: Gunter Narr. 1986.
- LIMA, K. C. S. e PAGANO, A. *Conhecimento experto em tradução: orientação e revisão em tarefas tradutórias executadas por pesquisadores expertos não-tradutores*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG/PosLin, 2008. (Dissertação, Mestrado em Linguística Aplicada, inédita)
- LOCKE, W. N. e BOOTH, A. D. *Machine translation of languages*. New York, London: Technology Press, 1955.
- LORENZO, M. P. *Competencia revisora y traducción inversa*. *Cadernos de Tradução* 9/1, 2003. p. 129-160. (Volume especial sobre o processo de tradução organizado por Fabio Alves)
- LÖRSCHER, W. *Conversational structures in the foreign language classroom*. In: KASPER, G. (ed.), *Learning, teaching and communication in the foreign language classroom*. Århus: Aarhus University Press, 1986. p. 11-22.
- LÖRSCHER, W. *Investigating the translation process*. *Meta* 37/3, 1992. p. 426-439.
- LÖRSCHER, W. *A psycholinguistic analysis of translation processes*. *Meta* 41/1, 1996. p. 26-32.
- LOU, X. *Linguistic contributions to the development of translation studies in China*. *Meta*. 44/1, 1999. p. 101-109.
- MACHADO, I. e ALVES, F. *Processos de orientação inicial e em tempo real e sua interface com sistemas de memória de tradução*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG/PosLin, 2007. (Dissertação, Mestrado em Linguística Aplicada, inédita)
- MAGALHÃES, C. e ALVES, F. *Investigando o papel do monitoramento cognitivo discursivo e da meta-reflexão na formação de tradutores*. *Caderno de Tradução* 17/1, 2006. p. 71-127.

- MATIAS, J. C. e ALVES, F. *Iguais, mas diferentes: em busca de uma interface entre segmentação cognitiva, sistemas de memória de tradução e variação léxico-gramatical no par linguístico alemão-português*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG/PosLin, 2007. (Dissertação, Mestrado em Linguística Aplicada, inédita)
- MALMKJÆR, K. *Translation units*. In: BAKER, M. e SALDANHA, G. (eds.) *The encyclopedia of translation studies*. London: Elsevier, 2006. p. 92.
- NEWMARK, P. *A textbook of translation*. London: Prentice Hall, 1988.
- NEUMANN, S. e HANSEN-SCHIRRA, S. *Categories for the annotation*. Reports of the project Croco. n. 4, 2006.
- NIDA, E. *Towards a science of translation*. Leiden: E. J. Brill, 1964.
- NIDA, E. *The theory and practice of translation*. Leiden: United Bible Societies, 1969.
- PAGANO, A. e SILVA, I. A. L. *Domain knowledge in translation task execution: insights from academic researchers performing as translators*. Proceedings of the XVIII FIT World Congress. Shanghai: Foreign Language Press. CD-Rom.
- PACTE, Group. *Investigating translation competence: conceptual and methodological issues*. *Meta* 50/2, 2005. p. 609-619.
- PERINI, M. A. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Editora Ática, 1998.
- RODRIGUES, R. R. *Segmentação cognitiva em tradução: uma análise do processo tradutório de tradutores profissionais nos pares linguísticos alemão-português e inglês-português com e sem o auxílio de sistemas de memória de tradução*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG/Poslin, 2009. (Dissertação em Linguística Aplicada, inédita)
- SCHILPEROORD, J. *It's about time: temporal aspects of cognitive processes in text production*. Utrecht: USI & C, 1996.
- SÉGUINOT, C. (ed.) *The translation process*. Toronto: H. G. Publications, 1989.
- SILVA, I. A. L. e PAGANO, A. *Conhecimento experto em tradução: aferição da durabilidade de tarefas tradutórias realizadas por sujeitos não-tradutores em condições empírico-experimentais*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG/PosLin, 2007. (Dissertação, Mestrado em Linguística Aplicada, inédita)
- STEINER, E. *Explicitation, its lexicogrammatical realization, and its determining (independent) variables: towards an empirical and corpus-based methodology*. Reports of the project Språk i Kontrast. n. 36, 2005.
- TIRKKONEN-CONDIT, S. *Empirical studies*. In: *Translation and linguistics*. Joensuu: University of Joensuu, 1989.
- TOURY, G. *Descriptive translation studies and beyond*. Amsterdam: John Benjamins, 1995.
- VAN DER BERGH, H. & RIJLAARSDAM, G. *The dynamics of composing: modeling writing process data*. In: N. Levy & S. Randlell (eds.). *The science of writing*. Hillsdale NJ: Erlbaum. 1996. p. XX-XX.
- VINAY, J. P. e DARBELNET, J. *Comparative stylistics of French and English: a methodology for translation*. Amsterdam: John Benjamins, 1957/1995.
- ZHU, C. *Ut once more: the sentence as the key functional unit of translation*. *Meta*. 44/3, 1999. p. 429-444.

Anexo I

Texto em Alemão

GEBRAUCHSANWEISUNG (BLUTZUCKERMESSGERÄT)

Einleitung

Sie haben ein Blutzuckermessgerät erworben, mit dem Sie bequem und einfach Ihren Blutzucker bestimmen können. Der Messbereich des Gerätes liegt zwischen 10 mg/dl und 600 mg/dl (mmol Bereich 0,6 mmol/l – 33,3 mmol/l).

Bitte kontrollieren Sie, welches Gerät Ihnen Ihr Arzt verordnet (Ihr Apotheker gegeben) hat (mg/dl oder mmol/l) und auf welche Masseinheit Sie Ihre Therapie ausrichten.

Um exakte Blutzuckerbestimmungen durchzuführen, müssen einige wichtige Regeln beachtet werden. Lesen Sie diese Gebrauchsanweisung vor der ersten Inbetriebnahme bitte aufmerksam durch.

Durchführung einer Blutzuckermessung

Gewinnung eines Blutstropfens

Finger massieren, um den Blutfluss zu steigern.

Den Arm kurz herunterhängen lassen, damit das Blut in die Fingerspitzen strömt.

Den Finger direkt unter dem letzten Gelenk vor der Fingerspitze fassen und 3 Sekunden lang leicht massieren.

Blutzuckermessung

Hände mit warmen Wasser und Seife waschen und gut abtrocknen.

Stechhilfe entsprechend den Herstelleranweisungen vorbereiten.

Einen neuen Teststreifen aus der Röhre entnehmen. **Röhre wieder sofort dicht verschliessen.**

Teststreifen mit dem gelben Applikationsfeld nach oben vorsichtig bis zum Anschlag in die Teststreifenaufnahme einführen. Der Teststreifen verbleibt während des gesamten Messvorgangs im Gerät. Wenn der Streifen richtig eingelegt ist, schaltet sich das Gerät automatisch ein. Im Display wird der Code angezeigt. (Sie haben auch die Möglichkeit das Gerät manuell mit der Θ -TFAste zu starten.)

Vergleichen Sie nun vor dem Einschieben des Teststreifens die im Display angezeigte Codenummer mit der Codennummer auf der verwendeten Teststreifenröhre. Beide Nummern müssen übereinstimmen.

Sobald auf der Anzeige ein blinkendes Tropfensymbol erscheint, können Sie mit der Blutgewinnung beginnen.

Blutgewinnung: Stechen Sie mit der Lanzette seitlich in die Fingerbeere. Drücken Sie vorsichtig bis sich ein kleiner Blutstropfen bildet (nicht quetschen).

Blutaufnahme: Halten Sie den Blutstropfen **seitlich** an die Einbuchtung des Teststreifens. Das Blut wird automatisch in den Streifen gezogen. Halten Sie den Finger solange an die Einbuchtung, bis das gelbe Testfeld vollständig mit Blut gefüllt ist. **Tragen sie den Blutstropfen nicht von oben auf das gelbe Testfeld auf.**

Wichtig: Wenn nach der Abgabe des ersten Blutstropfens immer noch das gelbe Fenster zu sehen ist, **können Sie innerhalb von 15 Sekunden einen zweiten Blutstropfen hinzufügen.**

Sind jedoch mehr als 15 Sekunden vergangen, kann es zu einem fehlerhaften Testergebnis kommen, werfen Sie den Teststreifen weg und wiederholen Sie den Test mit einem neuen Streifen.

Die Messung kann nicht nur mit dem Gerät auf dem Tisch durchgeführt werden, sondern Sie können das Gerät bei der Messung auch in die Hand nehmen und zum Blutstropfen führen.

Sobald der Blutstropfen korrekt in den Teststreifen eingezogen wurde, erscheint im Display ein Kästchen, das sich bewegt.

Der Blutzuckerwert wird in mg/dl oder mmol/l angezeigt. Dieser Wert wird automatisch im Speicher des Geräts abgelegt. Wir empfehlen Ihnen, den Wert gleichzeitig in Ihrem Diabetikertagebuch zu notieren.

Erscheint beim Ergebnis die Anzeige "HI", so liegt Ihr Blutzucker über 600 mg/dl (bzw. 33,3 mmol/l).

Erscheint beim Ergebnis die Anzeige "LO", so liegt Ihr Blutzucker unter 10 mg/dl (bzw. 0,6 mmol/l).

Entsprechen solche Extremwerte nicht Ihrem Befinden, empfiehlt sich die Bestätigung des Resultats durch eine Wiederholung der Messung. Ändern sich die Messwerte nicht, so wenden Sie sich bitte umgehend an Ihren Arzt!

Texto em Inglês

OWNER'S BOOKLET (BLOOD SUGAR METER)

The AC Advantage System

Your new AC Advantage Meter and accessories work together to measure the amount of sugar (glucose) in your blood to help you and your doctor control your diabetes.

Why Regular Blood Sugar Testing Is Important

Checking your blood sugar can make a big difference in how well you can manage your diabetes on a daily basis. We've made it as simple and comfortable as possible. AC meters are easy to use, and you can adjust the Lancet Device to make testing more comfortable.

Important Information

- Your blood glucose meter is designed and approved for testing fresh capillary whole blood samples (like blood taken from fingertips) outside the body (in vitro diagnostic use). It should not be used to diagnose diabetes.

Running a Blood Sugar Test

Before running your first test, make sure you set up your meter properly and run a control test.

1. Wash and dry your hands.
2. Take one test strip from the vial. Close the vial cap tightly.
3. Insert the end of the test strip with the silver-colored bars into the meter, with the yellow window facing up. The meter turns on automatically.
4. Make sure the code on the meter matches the code on the test strip vial.
5. When you see the flashing blood drop, hold the lancet device against the side of your fingertip and press the release button.
6. Gently squeeze your fingertip until you get a drop of blood.
7. Touch and hold the blood drop to the edge – not the top – of the yellow window. Make sure the yellow window fills completely.
8. A box rotates on the screen, and the test result appears. If you still see yellow, apply another drop of blood within 15 seconds or start over with a new test strip.

Recording Your Results

Always record your blood sugar results after testing. This helps you and your healthcare professional find patterns in your blood sugar results. This information helps you better manage your diabetes, reducing your chances for complications. Record your results in the self test diary included in your kit, the meter's memory, or on your computer.

Storing Your Supplies

Make sure you close the test strip vial and control solution bottles tightly after each use. You can keep all your testing supplies in the carrying case. Store the carrying case (and everything in it) where it won't be exposed to heat or moisture. Your bedroom may be a good place.

Never store test strips in areas of high heat and moisture, such as the kitchen, bathroom or laundry room – heat and moisture can damage them.

Understanding Your Test Results

Normal Blood Sugar Ranges

The fasting adult blood glucose range for a nondiabetic is between 70 mg/dL and 110 mg/dL. Two hours after meals, the blood glucose range for a nondiabetic is less than 140 mg/dL. Your doctor will determine the range that is best for you.

Symptoms of High or Low Blood Sugar

Being aware of the symptoms of high or low blood sugar can help you understand your test results and decide what to do if they seem unusual. Here are the most common symptoms: High blood sugar (hyperglycemia): fatigue, increased appetite or thirst, frequent urination, blurred vision, headache, or general aching. Low blood sugar (hypoglycemia): sweating, trembling, blurred vision, rapid heartbeat, tingling, or numbness around mouth or fingertips.

If you are experiencing any of these symptoms, test your blood sugar. If your blood sugar result is displayed as LO or HI, contact your doctor immediately.